DE DOMBAS A ARARI

TRÊS SÉCULOS DE HISTÓRIA

José Luciano de Queiroz Aires



José Luciano de Queiroz Aires é graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Concluir o Curso de informática na CCI (Central de Curso de informática) em Campina Grande e habilitou-se no Magistério concluindo o Curso Normal na Escola "Melquiades Vilar" em Taperoá, exerceu durante dois anos o Cargo de Presidente da Associação de Desenvolvimento Comunitário Rural de Campo Grande e hoje dirige a Secretaria da Câmara Municipal de Parari.

Como professor, iniciou sua carreira com apenas 17 anos e é militante deste Cargo nas Escola Estaduais "Joaquim Alves Caluête" em Parari, "Melquíades Vilar" em Taperoá, em "João Rogério" em Assunção, lotado na disciplina de História.



Fone: (83) 221.2320

À Biblioteca do CDSA/UFCG
Com os Cumprimentes
de Luciano Queiroz
2011

José Luciano de Queiroz Aires

DE POMBAS A PARARI:TRÊS SÉCULOS DE HISTÓRIA

Prefeitura Municipal de Parari
Prefeito:Jairo Aires Caluête
Vice-Prefeito:Jose Marivaldo Farias
Secretária de Educação:Loya Caluête
Fotógrafo:Tarciano de Queiroz Aires
Revisão de Textos:Maria Leandra Cavalcante
Eliete de Queiroz Gurjão
José Octávio de A. Mello
Maria do Socorro Melo

Tenho o prazer de dedicar este trabalho:

Aos meus pais e irmãos que me deram apoio e carinho nesta trajetória;

A minha sobrinha Lara Nathielly que mal chegou ao mundo, já terá no futuro um documento sobre a sociedade de hoje;

Aos jovens estudantes das Escolas Estaduais "Joaquim Alves Caluête", em Parari , "Melquíades Vilar", em Taperoá e "João Rogério Dias", em Assunção;

À memória de todos que trabalharam e construíram a história de Pombas a Parari.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração a todos que direta ou indiretamente colaboraram com a realização deste trabalho. Em particular, fico grato à Prefeitura Municipal, à Câmara de Vereadores e ao Dr. Dorgival Terceiro Neto pelo patrocínio concedido para a publicação deste.

Também ajudaram na orientação desta obra cinco grandes historiadores do Estado da Paraíba, a quem de fato devo minhas considerações, a saber:Wilson Seixas, José Octávio de Arruda Mello, Dorgival Terceiro Neto, Eliete Gurjão e Léa Amorim.

Desejo homenagear com os meus sinceros votos de gratidão o jovem historiador Faustino Cavalcante Neto que acompanhou a realização desta obra trocando idéias, ao passo que ele realiza o mesmo trabalho, sendo este sobre Taperoá.

Trabalho mesmo teve a professora Maria Leandra Ribeiro Cavalcante que não mediu esforços na hora de corrigir a ortografia, além do professor Osvaldo Filho que sempre colaborou com a seleção de alguns dados importantes dos quais necessitávamos.

Finalizando, segue uma relação de nomes de todos aqueles que abriram os arquivos para a nossa pesquisa, sendo eles:

*Dr. Sérgio Rocha de Carvalho, juíz de Direito em São João do Cariri e Serra Branca;

*Ana Lúcia de Almeida Barros, escrivã do Cartório do 1º ofício de São

João do Cariri;
*Niedja de Brito, escrivã do Cartório do 2º ofício de São João do Cariri;
*Pe. Valdir Campelo Cabral, vigário da Paróquia de São João do Cariri;
*José Augusto, secretário paroquial de São João do Cariri;
*João Batista Aires Caluête, escrivão do Cartório de Parari;
*Miguel Luiz de Lima, Pres. Câmara Municipal de Cordeiros;
*Pe. Tarcísio Spirandio, vigário da paróquia de Serra Branca;
*Dona "Sessé", secretária paroquial de Serra Branca;
*Madalena Lima da Silva, acompanhante de pesquisas no Forum de São João do Cariri;
*Osvaldo Filho, presidente da Câmara Municipal de Parari.
*Robson Aires, acompanhante de pesquisas em Cabaceiras.
*Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

APRESENTAÇÃO

Eliete de Queiroz Gurjão (*)

Estudos referentes à história local têm sido, com certa freqüência, realizado por várias pessoas que se dedicam à história da Paraíba. Alguns na condição de profissionais, outros como autodidatas, ambos enfrentando grandes dificuldades face ao descaso com as fontes históricas, sua guarda, preservação e manutenção dos arquivos locais. Mediante tais dificuldades, a pesquisa da história local presupõe muita paciência, perseverança, diplomacia e, não raro, muito trabalho braçal para limpeza e recuperação de documentos. Acreditamos que a paixão pela História constitui o estímulo maior para a pesquisa histórica, é ela que move o historiador, que lhe dá força para enfrentar os obstáculos e encontrar respostas às questões colocadas quanto ao seu objeto de estudo.

José Luciano de Queiroz Aires, ainda como estudante, evidenciava sua paixão pela História, através daquele entusiasmo que caracteriza os apaixonados pelo seu estudo. Hoje, como profissional demonstrou muita garra para fazer a pesquisa e redigir este texto. Vencendo uma série de obstáculos, coloca à disposição dos interessados um estudo histórico inédito, onde resgata passagens da história de um pequeno município, pequeno, porém, muito representativo na história dos Cariris Velhos, área esta de especial significado no processo de ocupação do interior nordestino.

O trabalho ora apresentado, cuja temática situa-se na área da história local tem dupla importância e significação:resulta de um dedicado trabalho de pesquisa, originado e fundamentado na orientação acadêmica, ao mesmo tempo, tem sua inspiração maior na própria origem do autor, nascido no município de Parari, onde continua habitando e participando ativamente.

Assim, graças a dedicação de um filho da terra, Parari pode dispor de um estudo que deverá constituir um pontapé inicial, um estímulo à realização de novas pesquisas. Por outro lado, vale salientar o valor didático desse trabalho, cuja utilização pelos alunos das escolas locais contribuirá decisivamente para o conhecimento de sua história.

O título do presente livro "De Pombas a Parari:três séculos de História"demonstra sua longa abrangência cronológica. Trata-se, assim, de uma visão panorâmica da história de Parari, desde seu surgimento no contexto da conquista e ocupação do território dos "sertões"nordestinos, até a atualidade. Encontra-se dividido em quatro capítulos, no decorrer dos quais Luciano discorre sobre aspectos da história local, que vão desde questões institucionais aos fundamentos econômicos, políticos, sociais e culturais, sem omitir fatos e personagens do cotidiano, demonstrando assim uma concepção de História que não se limita aos grandes eventos e vultos notáveis e assim que inclui todos os homens e mulheres indistintamente.

João Pessoa, dezembro de 1999.

(*) Historiadora paraibana, aposentada da UFPB. Professora visitante da UEPB, integrante do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande e autora de **Morte e Vida das Oligarquias**-Paraíba(1889-1945), 1994.

CONHECIMENTO, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA EM PARARI (*)

José OCTÁVIO de ARRUDA MELLO (**)

Numa das vezes em que comparecí a emissoras pessoenses para comentar resultados eleitorais, ocorreu fato dos mais curiosos.

Como escasseassem dados, o coordenador Walter Santos abriu os microfones para eventuais colaboradores que se puseram a anunciar resultados de municípios como Patos, Cajazeiras, Monteiro, Itaporanga e outros polos do processo eleitoral paraibano. Subitamente, despontou o candidato a suplente de senador Manuel Gaudêncio, com uma informação:

-(...) E tenho aqui resultado dos mais importantes, o de Parari!...

Na cabine da Rádio Arapuan, todos se entreolharam -o que é, e onde fica Parari?

A resposta pode ser encontrada nesta bem cuidada monografia de José Luciano de Queiroz Aires-**De Pombas a Parari:Três Séculos de História**-que re(afirma) a nova perspectiva dos estudos históricos paraibanos.

De um autor a um município-Antigo aluno do curso de História da UEPB de Campina Grande onde recebeu a influência das professoras Eliete Gurjão e Léa Amorim, José Luciano se dispôs, em aula da saudade, "a não ser apenas o historiador que ensina mas o historiador que pesquisa".

Data daí estudo produzido com amor mas também **muito saber** e

UFCG - BIBLIOTECA

boa técnica de pesquisa. Para tanto, o autor apenas não recorreu a autoridades da Historiografia espacial como Wilson Seixas, Dorgival Terceiro Neto, e, sobretudo, Horácio de Almeida, de quem recolheu a empostação cultural de **Brejo de Areia** (1957, 80), mas às chamadas fontes primárias. Entre essas, cartas de sesmarias, registros cartoriais, livros paroquiais, inventários de escravos e assentamentos das Câmaras de São João do Cariri e de São José dos Cordeiros-de onde provém o município estudado-e da própria Parari.

O resultado, contido nas páginas que se seguem, representa algo que transcende em muito ao município de que se ocupa. Em verdade, Luciano Aires, partindo de sua própria terra, **mas sem bairrismos**, daí porque capaz de visualizar as limitações de Parari-estudou uma das áreas mais carentes da Historiografia paraibana que é o Cariri. Isto apesar dos estudos de Inocêncio Nóbrega, José Leal Ramos, George Queiroz, Antônio Peba Pereira de Almeida, Tarcísio Dinoá Medeiros e Evaldo Gonçalves de Queiroz.

Da ocupação territorial ao cotidiano-Não é, todavia, a nenhum destes que **De Pombas a Parari:Três Séculos de História** se vincula.

Seja pela disposição da matéria, ou, ainda, por seu recorte antropológico, este livro filia-se à linhagem de dois imensos clássicos histórico-antropológicos brasileiros que são Cruz das Almas (1966), de Donald Pierson, e **Os Parceiros do Rio Bonito** (7ª ed. 1987), de Antônio Cândido.

Nesse particular, e recorrendo a colocação que já subscrevi, comentando a produção caririzeira de José Leal Ramos para a **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**- "o vulgo também conta porque o dia a dia constitue História"-, José Luciano de Queiroz parte da visão espacial do primeiro Irinêo Joffily para recair, em cheio, nos cotidianos e imaginário da Escola dos Annales.

Com isso, sua abordagem torna-se tão manifestamente sólida que a ela, doravante, se obrigam profesores e alunos não apenas de Parari

como de toda região caririzeira. Para, sobretudo, utilização em sala de aula.

O autor principia pela ocupação géo-histórica das áreas da Paraíba vinculadas às capelas e fazendas do século XVIII e descamba para a religião, economia e sociedade do século seguinte onde não esquece a passagem do revolucionário Frei Caneca e localização das importantes Casas de Caridade, estabelecidas pelo padre-mestre Ibiapina, como uma das maiores figuras da História da Paraíba, em todos os tempos. O apêlo ao cotidiano, todavia, já se faz tão evidente que **De Pombas a Parari** logo recae no funcionamento do cemitério de Pombas, epidemias e mortes e presença de escravos na zona criatória. Esses dois tópicos aproximam-no de modernos autores como Welligton Aguiar e Diana Galizza (1999 e 1979).

Economia e sociedade em Parari - "Usos e Costumes da Sociedade Pararíense: Do século XIX aos meados do século XX"representa uma das melhores passagens deste ensaio.

Tanto é assim que, de certa forma, suas colocações sobre namoros e casamentos, enterros, doenças e medicina popular, iluminação, superstições e ciganos reaparecem mais à frente, quando o autor focaliza as transformações sociais trazidas pelo advento, já em nossos dias, da eletricidade e da televisão. Então, as matizes da velha sociedade patriarcal esmaltam-se em face de realidade onde as mudanças sociais, submetidas à chamada aceleração da História, se refletem sobre padrões alimentares, roupas, vestuário e relações entre os sexos, além da cultura local que praticamente desaparece.

Cidade que, depois de haver experimentado algum dinamismo, hoje não dispõe sequer da feira-livre, o que a obriga a abastecer-se nas vizinhas São João do Cariri, Taperoá e Campina Grande, sendo que, para esta última, outrora se escoava produção algodoeira destinadas aos grandes centros, Parari situa-se em pleno coração do semiárido nordestino. Tal o que explica convivências com cangaço e seca que o

autor não desmerece.

Com relação a esta última, todavia, a visão de José Luciano de Queiroz Aires não é aquela do regionalismo que se compraz(ia) no sofrimento dos flagelados para manipulação dos recursos historicamente canalizados pelo Governo central.

Buscando novas interpretações para a matéria, o jovem historiador-antropólogo compreende que a sêca reside menos na falta d'água que no arcaísmo das relações de produção.

Data daí o controle social trazido pelo estilo onde a articulação municipal das frentes de emergência de nossos dias-tão bem focalizadas no documentário cinematográfico **Parahyba,** preparado por Machado Bittencourt, para o IV Centenário da Paraíba-representa mecanismo mais destinado a evitar irregularidades financeiras que a realização de obras.

Uma cidade/autor entre o desânimo e a esperança-A abordagem deste livro sobre a seca não representa fenômeno isolado. Em verdade, ela amplifica o traço antropológico de quem, situando as atividades econômicas da área se detem menos nos produtos em sí-milho, feijão, batata doce, abóbora, frutas, mel de rapadura, côco, mandioca, -que nas **relações de produção** dessas atividades, ou seja, a maneira como os homens se relacionam na geração das mercadorias de que depende a sobrevivência. O cotidiano dos trabalhadores, da seca ou fóra dela, rurais ou urbanos, insere-se nesse quadro.

Nesse particular, **De Pombas a Parari: Três Séculos de História** aproxima-se do extraordinário livro de verena Stockwell-**Cafeicultura** (I986)-onde a cultura do café segue essa linha de abordagem.

A História, em sua feição habitual, de sequência de acontecimentos, não se encontra ausente do aparelhamento conceptual de José Luciano de Queiroz Aires. Mas ele não segue os trâmites habituais. Os fenômenos que se sucedem, cronologicamente, se fazem então **institucionais**-muito mais que pessoais-o que nos permite vislumbrar,

em perspectiva ampla e de mudança, elementos como ensino, construção e funcionamento do mercado, participação de Parari nos conflitos regionais, nacionais e internacionais, histórico dos principais edifícios, choque entre as oligarquias Brito e Gaudêncio e transferência de trabalhadores rurais para Brasília para edificação desta.

E ainda, evolução das comunicações lideradas pelos Correios e Telégrafos, lideranças políticas, sequência dos prefeitos, presença das religiões, do catolicismo da Igreja ao protestantismo dos evangélicos, mudança do nome do distrito, afinal município, de São José das Pombas para Parari, símbolos heráldicos desta, exportação dos cérebros para fóra do município e eleições de 1998 onde o (P)MDB já evidenciava problemas que ando a considerar em estudos sobre esse partido.

Depois de tantas peripécias que não excluem cuidadoso levantamento da estrutura urbana do município, **De Pombas a Parari:Três Séculos de História** termina entre o desânimo e a esperança, como convém a cidadezinha do porte de Parari:

"Apesar de muitas inovações, ainda formamos um povo bastante supersticioso, muitas vezes com explicações lendárias e ainda em transição para uma cultura moderna".

Na intercessão desses vetores, o próprio autor que, ultrapassando as explicações da primitiva Historiografia, arroja-se de encontro a concepções que haverão de acompanhá-lo em vitoriosa carreira.

Jardim Luna de João Pessoa, janeiro de 2000.

(*)Nota introdutória ao estudo **De Pombas a Parari:Três Séculos de História**(2000), de José Luciano de Queiroz Aires.

(**)Historiador paraibano, dos Institutos Históricos e Geográfico Brasileiro e Paraibano, professor das UNIPÊ e UEPB, autor de **Cristianismo e Diplomacia no Brasil Contemporâneo**(1998) e **Da Resistência ao Poder:O (P)MDB na Paraíba**(em preparo).

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do estímulo e do espelho que me passavam duas mestras da UEPB:Eliete Gurjão e Léa Amorim. Assim que conclui o curso de graduação, quando eram minhas professoras, lhes prometi, na aula da saudade, não ser apenas o historiador que ensina, mas também o historiador que pesquisa.

Foram dois anos de trabalho, decorridos no pó dos arquivos dos cartórios e da igreja e buscando nas fontes orais, uma colaboração de testemunhos oculares dos fatos . É um trabalho de marinheiro de primeira viagem, porém, feito com carinho e cautela, principalmente pelo fato de ter minimizado minhas crenças, tradições, sentimentos e opção política, a fim de reconstruir a história estudando a veracidade dos fatos.

Não foi fácil escrever a história de Parari, uma vez que os fatos mais antigos bateram de frente com a escassez das fontes. Quando não posso afirmar com total clareza, uso o processo de hipótese mais provável. Não houve condições suficientes para recompor todos os fatos, no entanto, levo a público aqueles que os considero mais importantes. Não constitui estudo apenas à zona urbana, uma vez que sempre falo algo sobre o mundo rural. No decorrer do trabalho, sempre que utilizar o vocábulo Pombas ou, São José das Pombas, refiro-me a Parari que até 1938 tinha este nome.

Quero mostrar para os leitores que a História não é feita com "grandes homens", e sim, com todos os homens. No nosso caso, a

História foi e é feita por todos que trabalharam e trabalham com inteligência para a construção da sociedade.

Finalizando, tenho a honra e satisfação deste trabalho ser apresentado pela historiadora Eliete Gurjão com notas introdutórias do historiador José Octávio de Arruda Mello. Tenho o prazer de vê-lo divulgado e reconhecido pela clientela.

José Luciano de Queiroz Aires-Parari, janeiro de 2000.

ÍNDICE

I CAPÍTULO - IMPLANTAÇÃO DA COLONIZAÇÃO ALIADA À RELIGIÃO
1.1 - Da Bahia para a Paraíba 19
1.2 - Parari:fazenda no século XVIII;povoado no século XIX e cidade no século XX 21
1. 3 - A fundação da Capela das Pombas 26

II CAPÍTULO - RELIGIÃO, ECONOMIA E SOCIEDADE NO SÉCULO XIX
2.1 - Frei Caneca quando ia, passou perto das Pombas;Frei Miquelina quando voltou passou dentro das Pombas 29
2.2 - A fundação do cemitério das Pomba 30
2.3 - Epidemias e mortes 32
2.4 - Casa de Caridade:suas finalidades e sua rotina 34
2.5 - Parari empresta o primeiro Prefeito a Taperoá 40
2.6 - Economia no século XIX 40
2.7 - Escravidão na zona criatória 42
2.8 - Usos e costumes da sociedade pararíense:do século XIX aos meados do século XX 46

III CAPÍTULO - DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS DO SÉCULO XX
3.1 - Fazendo História 55
3.2 - Ensino 57

3.3 - A construção do mercado 58
3.4 - O cangaço em Parari. 59
3.5 - Parari derrama sangue em terras Catarinenses 60
3.6 - A decadência da Casa de Caridade 61
3.7 - Pequena história do sobradinho 63
3.8 - A morte de Paizinho Caluête 63
3.9 - A mudança do topônimo 64
3.10 - Parari na segunda guerra mundial. 65
3.11 - Parari ajudou a construir Brasília 66
3.12 - Resumo da história dos Correios nas Pombas 67
3.13 - Org. política:da independência de Cordeiros à independência de Parari 68
3. 14 - Aspectos econômicos até meados do século XX 78
3. 15 - Seca no Nordeste, máscaras nos nordestinos 83
3. 16 - O catolicismo e os padres em Parari 89
3. 17 - Histórico da igreja evangélica em Parari 94

IV CAPÍTULO - PARARI DOS ANOS 90:UMA DAS MAIS NOVAS CIDADES DO BRASIL
4. 1 - Primeiras eleições do município de Parari 97
4. 2 - Org. e administração do I governo de Parari 99
4. 3 - É Parariense, o prefeito mais velho do Brasil 106
4. 4 - Eleições 98 106
4. 5 - Economia e relações de produção hoje 108
4. 6 - Ensino hoje 113
4. 7 - Seca e Emergência:Oh!Coitados! 113
4. 8 - Parari moderno:dos anos 80 para cá 116

Conclusão 121
Fontes de pesquisas 122
Notas 128
Anexos 131

CAPÍTULO I

IMPLANTAÇÃO DA COLONIZAÇÃO ALIADA À RELIGIÃO

1. 1 - DA BAHIA PARA A PARAÍBA

No dia 22 de abril de 1500, os portugueses, comandados por Pedro Álvares Cabral, invadiram o Brasil. Ancoraram em Porto Seguro para mais tarde invadirem o restante do território.

A princípio, a colonização restringiu-se à Bahia, depois partiu para todo litoral brasileiro. Para se ter uma idéia, a conquista da Paraíba deu-se em 1585, quando já fazia 85 anos que os portugueses tinham invadido a "Terra de Santa Cruz".

Mesmo nesse ano não verificou-se a ocupação de toda Paraíba, mas apenas do litoral, uma vez que Elias Herckmans em sua "Descrição Geral da Capitania da Paraíba" de 1639, mostra que a colonização era restrita às montanhas de "Cupaoba", ou seja, 20 léguas a oeste do litoral.

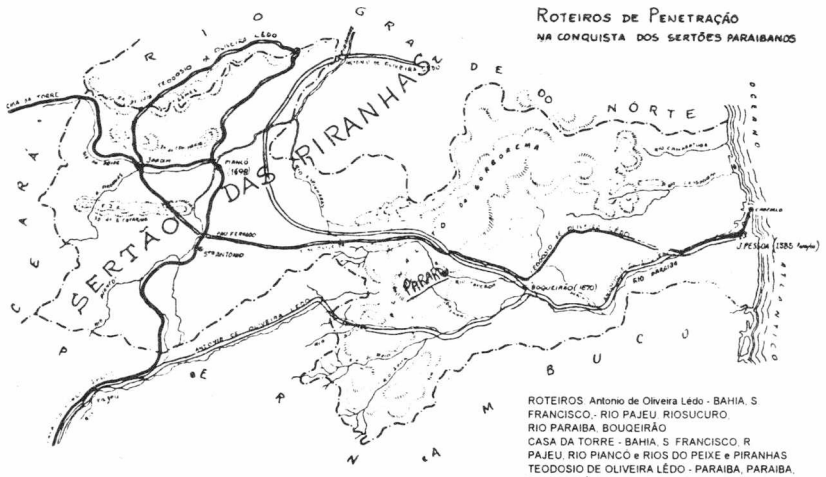
Portanto, no final do século XVII, o atual município de Parari não passava de uma região coberta de matos e, segundo Irinêo Joffily[1] e o antropólogo José Elias Borges, ocupada pelos índios Sucurus do grupo dos Tarairius.

Entre 1660 e 1730 dar-se-ia a chamada "Guerra dos Bárbaros", revolta dos índios Tarairius contra a ocupação do Sertão paraibano(inclua-se o Cariri de hoje), cujo desbravamento foi

UFCG - BIBLIOTECA

empreendido pelos Oliveira Ledo e a Casa da Torre. Assim sendo, os entradistas e bandeirantes, liderados por Antonio de Oliveira Ledo e Teodósio de Oliveira Ledo, respectivamente, passaram no atual Parari quando caminhavam com seu gado e sua gente pelo curso do Rio Taperoá(antigo Rio da Travessia), que banha essa região.

No caso do Cariri paraibano, a conquista e ocupação foi feita pelos Oliveira Ledo e aqueles que os acompanhavam, uma vez que não ocorreu concessão de sesmarias à Casa da Torre nesta região. Segundo Antonio Pereira de Almeida[2], esta numerosa família portuguesa alcançou território paraibano através do Rio São Francisco, em cuja margem morava.



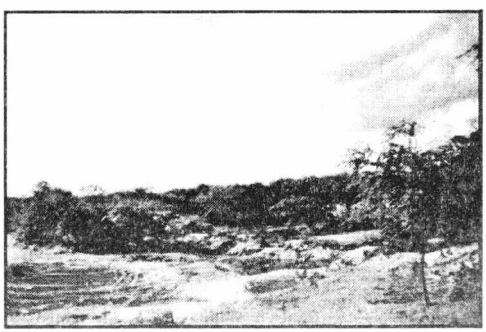
MAPA DA PARAÍBA MOSTRANDO A POVOAÇÃO DO PIANCO

Mapa de Wilson Seixas onde mostra as entradas dos Oliveira Ledo, inserimos no mesmo a região de Parari, por onde passaram seguindo o rio Taperoá.

1. 2 - PARARI:FAZENDA NO SÉCULO XVIII;POVOADO NO SÉCULO XIX E CIDADE NO SÉCULO XX.

O território onde hoje encontra-se instalada a cidade de Parari, foi uma fazenda de gado no início do século XVIII, ocupada possivelmente, por Francisco Tavares de Melo. O documento mais antigo que conseguimos sobre a fazenda das Pombas data de 1709, trata-se de um requerimento de sesmaria onde se faz referência a este sítio.

O topônimo Pombas que batizou a fazenda e o povoado por muitos anos, está ligado ao pouso dessas aves no poço que fica no Rio Taperoá, banhando esta região. Nada melhor para os colonizadores do que uma fazenda de gado com águas por perto, e por isso este território despertou-lhes a atenção.



Poço das Pombas-no Rio Taperoá origem do topônimo São José das Pombas, antigo nome do nosso povoado.

Apuramos minuciosamente nos documentos que nos foram acessíveis o domínio da família Lira, nas Pombas. Antes de 1753 a referida fazenda pertencia ao Capitão Manoel de Lira, e neste ano a mesma encontrava-se nas mãos de sua mulher Dona Izabel do Coito, que na oportunidade encontrava-se viúva. Além desta fazenda ele era proprietário de outras glebas de terra, como as que ficavam próximas ao Riacho do Carneiro e outras nas proximidades do riacho Paulista, na região das Piranhas, no Sertão.

Quando o reverendo Mathias Mendes Viana requeria as terras nas imediações da "Lagoa Tapada"em 1762, referia-se ao sítio das Pombas pertencendo a José de Lira. O mesmo, ao que parece, era filho do capitão Manoel de Lira, de modo que foi seu sucessor no domínio das fazendas Jaramataia e Pombas. Era natural desta freguesia do Cariri de Fora onde contraiu matrimônio com Damiana dos Prazeres, natural do Recife. José de Lira morava nas Pombas, como podemos deduzir de um batistério registrado no Livro Nº 03 da freguesia dos Milagres, cujo teor abaixo transcrevemos:

> *"Antonio natural desta freguezia filho legítimo de Lucas da Costa, morador nesta freguezia, e natural de Mamgoape, e sua molher Thomázia Ferreira natural desta freguezia, neto paterno, nada dice, e pela materna de Maria da Costa já defunta, natural que foy desta freguezia, nasCeo aos dês de Agosto do anno de mil sette centos, eoitenta, e foy por mim abaixo assinado, baptizado solenemnente com os Santos Oleos aos onze de setembro do dito anno forão padrinhos Albino de Lyra solteiro, filho do Tenente Jozê de Lyra e de sua molher Damiana dos Prazeres já defunta, moradores nas Pombas, e Ignaçia Moreira do Sacramento solteira, filha de Antonio Moreira e de sua molher Anna Barboza já defunta, moradores nos Algodoens desta freguezia, dia e era ut supra."*[2-1]

Outra fonte que atesta a presença da família Lira no domínio das Pombas é o primeiro Livro da freguesia de São João do Cariri. Nele consta o assento do batizado de Antonio, um gentio de Angola, escravo de Manuel dos Santos e Maria de Lira, moradores e proprietários dessa fazenda, em 1768. Não sabemos certamente o grau de parentesco existente entre Maria e José de Lira, provavelmente eram irmãos, de

tal forma que na segunda metade do século XVIII ambos moravam e eram fazendeiros nas Pombas. Manuel Alvres dos Santos, seu esposo, era pernambucano da freguesia do Cabo.

Tudo leva a crer que D. João de Souza sucedeu a Francisco Tavares de Melo no domínio da fazenda das Pombas, antes dos Lira. Esta hipótese baseia-se no fato de que, em 1788 quando o pernambucano João Batista Correia de Queiroz, requereu a data da Jaramataia, cita seus nomes e também os dos Lira como seus antepassados possuidores deste sítio. Assim, se os Lira possuiram as Pombas e a Jaramataia ao mesmo tempo, separadas apenas pelo Rio Taperoá, o Tavares de Melo e João de Souza podem se enquadrar nessa situação.

Revolvendo o Livro de Batizados, Casamentos e Óbitos da freguesia dos Milagres, constatamos a presença de alguns Tavares e Lira em sítios vizinhos às Pombas. Amaro de Lira e Maria Tavares Leitão no Badalo, em 1767 e Manoel Tavares no Campo Grande, em 1757.

Em 1769, um casamento realizado na capela de Cabaceiras uniu uma Faria Castro de nome Joana ao pernambucano João Batista Correia de Queiroz, que em 1788 requeria a data da Jaramataia e lançava nessas terras a descendência e o domínio da família Correia de Queiroz.

Desse casamento provém a nossa descendência da família Oliveira Ledo, uma vez que Joana Batista do Sacramento era bisneta de Pascácio de Oliveira Ledo, que veio da Bahia e fundou Cabaceiras nos finais do século XVII.

Pascácio de Oliveira Ledo
c. c
Izabel R. de Oliveira

f. Izabel R. Oliveira
c. c
Domingos de Farias Castro

f. Ana de Farias Castro
c. c
Antonio de Barros Leira

f. Joana B. Sacramento
c. c
João Bat. Cor. Queiroz

Legenda:

c. c=casado com
f=filha

Joana trazia o sangue de três famílias:Oliveira Lêdo, Farias Castro e Barros Leira;uniu-se a outra:Correia de Queiroz. Diante do nosso parentesco para com ela, concluimos que Parari é uma família só, já que, os Queiroz, os Caluête, os Cavalcante, os Brito, os Farias, os Alves Pequeno e os Barros de hoje têm nas veias o sangue dos primeiros Oliveira Ledo, Farias Castro, Barros Leira e Correia de Queiroz, portugueses que colonizaram os Cariris Velhos nos finais do século XVII e decorrer do século XVIII.

O casal morava na vizinha fazenda da Jaramataia. Ela faleceu em 1801 e ele em 1802, ambos foram sepultados na igreja matriz do Cariri. No inventário de Joana realizado em 1801, em São João do Cariri, o inventariante e seu esposo João Batista Correia de Queiroz declarava ao escrivão que a falecida deixava para seus herdeiros uma parte de terras no sítio das Pombas, na parte de baixo, justamente onde hoje encontra-se instalada a cidade de Parari.

Após a morte do casal, todos seus bens móveis e imóveis, foram submetidos a inventários e divididos para seus onze filhos, cujos nomes abaixo trancrevemos:

1) Caitano Correia de Queiroz c. c Ana José da Soledade;
2) João Crisóstomo Correia de Queiroz c. c Ana Felícia de Brito Maciel;
3) Estevão Correia de Queiroz c. c Maria José da Soledade;
4) Felipe Correia de Queiroz c. c Izabel Francisca Maciel;
5) Ana Teresa de Jesus c. c Francisco da Costa Romeu;
6) Cosma Maria do Livramento c. c Inácio Tavares de Farias;
7) Leonor Maria de Queiroz- (?)
8) Isabel Correia de Queiroz c. c José Francisco Coelho;
9) Francisca Correia de Queiroz c. c João Evangelista Ribeiro;

10) Antonia Maria de Queiroz c. c Luís José Acioli;
11) Joana Batista do Sacramento(2ª) c. c José Inácio.

Nesse particular, convém lembrarmos a intensa realização de casamentos entre vários parentes, isso porque, não raramente, dos onze descendentes de João Batista, os filhos de alguns casavam-se com as filhas de outros, portanto sua primas legítimas. A título de exemplo, citamos o caso de Caitano Correia de Queiroz(2º), filho de Caitano Correia de Queiroz(1) que casou-se com Inocência Maria do Amor Divino, esta filha de Estevão Correia de Queiroz; portanto os dois eram primos carnais, já que além de seus pais, suas mães Ana José da Soledade e Maria José da Soledade, também eram irmãs.

Não sabemos com precisão de que forma a fazenda das Pombas passou das mãos dos Lira para ser propriedade de João Batista Correia de Queiroz. A única ligação entre os Lira e os troncos de Cabaceiras , no nosso caso, consiste no fato de que, segundo Wilson Seixas, Izabel do Coito(ou Couto?) casada com Manoel de Lira, era filha de Domingos de Farias Castro e Izabel Rodrigues de Oliveira, por esta neta de Pascácio de Oliveira Lêdo.

Na segunda metade do século XIX, as Pombas já eram uma povoação que tiveram sua origem na fazenda de gado ao redor da capela. Aqui cabe-nos colocar a sequência:BANDEIRA-CURRAL-FAZENDA-ARRAIAL, citada pelo historiador José Octávio[3]. Portanto, o embrião do nosso arraial foi a fazenda situada em torno da capela , sob a invocação de São José e Nossa Senhora do Carmo. Não acreditamos, porém, que esse povoado tenha sido fundado intencionalmente. Somos adeptos à idéia de que o mesmo surgiu naturalmente, ligado portanto, a fazenda que já existia. Ocupando o patrimônio territorial de São José, que não sabemos o nome do seu doador, foi se formando um pequeno conglomerado urbano, cujas casas, em sua maioria, pertenciam a família Correia de Queiroz, que além das

Pombas eram proprietários de fazendas vizinhas. Desse modo, o povoado foi surgindo a reboque do crescimento da família Correia de Queiroz, pois a partir da realização de casamentos de membros desta, aumentava a herança nas terras e construiam-se casas de vivendas. Além disso, some-se a capela já existente, a construção do cemitério, da casa de caridade e a bolandeira de descaroçar algodão de José Correia de Queiroz, que deram aspecto, conquanto ainda tímido, de povoado.

Em 1803, quando foi instalada a Vila Real de São João do Cariri de Fora, nosso território ficou sob a sua jurisdição.

Neste século XX, as Pombas passaram a ser Distrito de Paz em 1921 e Vila em 1938, dependendo de São João até 1962, quando São José dos Cordeiros emancipou-se deste. Daí, passamos a ser distrito de Cordeiros até 1994, quando o governador da Paraíba, Cícero Lucena, assinou a Lei que reconhecia a independência de Parari e a instalação da cidade na sede deste.

1. 3 - A FUNDAÇÃO DA CAPELA DAS POMBAS



Fundada a fazenda das Pombas, como de praxe faltava-lhe a capela para dar legitimidade de posse e manter a fé cristã nessas terras. Não sabemos com precisão o ano de fundação dessa, pela inexistência do Livro de Tombo da paróquia de São João do Cariri, todavia, o Livro de Óbitos nº 01 desta, registra o sepultamento na capela do glorioso São José, de Florinda, escrava de Antonio Caminha, do sítio Algodão no dia 02 de abril de 1753, o que nos permite dizer que tenha sido mais ou menos o ano de sua fundação, uma vez que, no referido livro, antes dessa data não encontramos nenhuma referência a esta igreja.

De acordo com levantamento feito por Irineu Pinto[4] , em 1746 a freguesia do Cariri tinha apenas uma capela;a do povoado de São João e em 1774 já contava com duas, neste caso entendemos que Irineu tenha se referido a das Pombas, pois ela já existia.

Não há provas concretas sobre os idealizadores desta igrejinha;todavia, mister refletir sobre a possibilidade ter ter sido a família Lira a responsável pela construção dessa obra histórica, já que em 1753, possível ano de sua fundação, as Pombas pertenciam a Izabel do Coito, viúva de Manoel de Lira.

CAPÍTULO II

RELIGIÃO, ECONOMIA E SOCIEDADE NO SÉCULO XIX

2. 1 - FREI CANECA QUANDO IA, PASSOU PERTO DAS POMBAS;FREI MIQUELINA QUANDO VOLTOU, PASSOU DENTRO DAS POMBAS

Lutando contra o absolutismo de D. Pedro I, estourou em Pernambuco um movimento denominado Confederação do Equador. Ganhou a adesão da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, de onde vieram escoltados vários líderes, inclusive Frei Caneca e Frei João de Santa Miquelina, com trajetória destinada ao Recife.

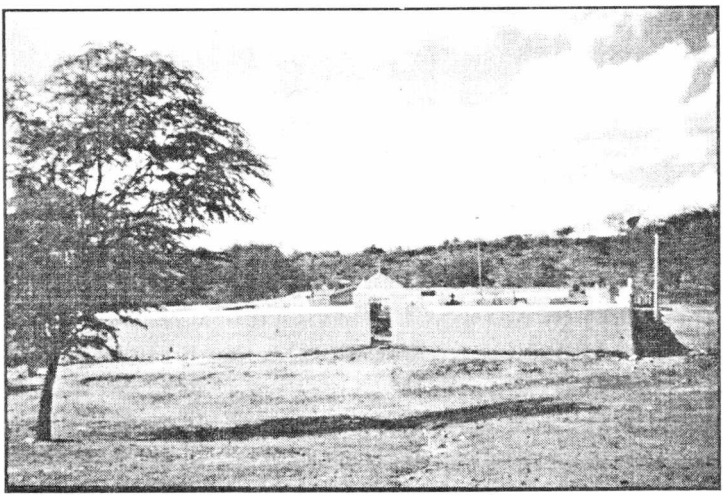
Consoante o grande mestre Dorgival Terceiro Neto, Frei Caneca não passou diretamente nas Pombas, mas esteve nas imediações, quando no dia 9 de dezembro de 1824 jantou no sítio Caraçá e logo em seguida estaria na fazenda Badalo, sítios que hoje ficam no vizinho município de Santo André.

Neste grupo de rebelados rendidos, estava o Frei João de Santa Miquelina que em Goiana conseguiu fugir e retomar os caminhos de volta escondendo-se nas terras "Lage Vermelha", próximas da Serra do Pico no atual município de Taperoá. De acordo com o Dr. Terceiro Neto, nos caminhos de volta, o frade passou em São José das Pombas e recebeu o apoio do padre Genuino Valfredo de Souza Gurjão, que era filho dos proprietários de "Lage Vermelha"e o escondeu neste lugar.

Essa versão tem um pouco de coerência se levarmos em consideração que em 1824 o frade celebrava vários batizados na matriz de São João do Cariri e, em 1827 já era vice-vigário da freguesia. Discordamos de Dorgival quando afirma que recebeu apoio e proteção do padre Valfredo Gurjão, uma vez que este só teria atuado como reverendo entre 1862 e 1869.

O foragido mudou o nome para Frei João de Santa Delfina e é com essa assinatura que se encontra batizando três pessoas na capela das Pombas em 1847, dentre elas Clementino, filho de Domingos da Costa Correia de Queiroz.

2. 2 - A FUNDAÇÃO DO CEMITÉRIO DAS POMBAS



Diante da inexistência de fontes históricas que atestem com grande veemência o ano e as circunstâncias em que foram construídas o cemitério de Parari, utilizamos o procedimento de hipótese mais provável, revolvendo o Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora

dos Milagres de São João do Cariri.

No Livro nº 01 que registra assentos de óbitos até 1808 encontramos mais de trinta sepultamentos realizados na capela das Pombas. No livro nº 02(1854-1876), conseguimos encontrar um lançamento que pela primeira vez faz referência ao cemitério das Pombas.

> *1-"No primeiro dia do mês de setembro de mil oitocentos e oitenta e cinco annos, faleceu da vida prezente por cauza de parto sem sacramento por não ter tempo de os receber Josefa Maria do Espírito Santo, parda, com quarenta annos de idade, cazada, que foi com Manoel Vicente Januário, moradores nesta freguezia de São João, foi envolto em hábito branco sem encomendação e sepultado na capella das Pombas desta freguezia do que para constar fiz este assento em que assignei". Vigário José de Souza Magalhães.* (5)

> *2-"Aos vinte e um dias de maio de mil oitocentos e cincoenta e seis, falleceu da vida prezente por cauza de chólera-morbus com o sacramento da penitência Manoel Ignácio Evangelista Ribeiro, branco, com trinta e oito annos de idade, cazado, que foi com Ana Joaquina do Sacramento Aires, moradora nesta freguezia foi envolta em hábito preto, encomendado mim e sepultado no cemitério das Pombas, do que fiz este assento em que assigno. Vigário José de souza Magalhães."* (6)

Comparando os dois assentos de óbitos acima transcritos, chegamos a conclusão de que o campo santo das Pombas foi construído

por volta de 1856, uma vez que o 1º citado faz alusão ao mês de setembro de 1855 de um sepultamento realizado na capela, enquanto o 2º refere-se a maio de 1856, onde já se verifica a realização destes no cemitério.

Peço aqui vênia para discordar do grande mestre Irineu Pinto quando escreveu nas suas "Datas e Notas para a História da Paraíba", que em 1858 na freguesia de São João do Cariri existia apenas um cemitério na vila, outro na povoação do Congo e um cercado de pau-a-pique em São Thomé(hoje Sumé). Na certa faltou-lhe informações sobre a existência do nosso, até porque a única fonte que lhe estava acessível era o relatório do presidente da província Beaurepaire Rohan, apresentado ao governo Imperial e a Assembléia Legislativa.

2. 3 - EPIDEMIAS E MORTES

Em "História da Paraíba:Lutas e Resistência", José Octávio fala sobre as epidemias que ocorreram na província da Paraíba no século XIX, da seguinte maneira:

> *"A segunda metade do século XIX também assinalou-se por graves epidemias de febre amarela, desinteria, sarampo e cólera-morbus. Reduzida à água das chuvas e à diligência dos urubus, a higiene da província era precária, o que favorecia a penetração das endemias".* (7)

Em 1856 eclodiu o "chólera-morbus" na Província da Paraíba. Este mal ingressou na referida Província vindo pelas margens do rio São Francisco, na Bahia, passando por Pernambuco e alcançando primeiro o município de São João do Cariri, do qual fazíamos parte.

Folheando o Livro de Óbito nº 02 da Paróquia de São João do Cariri, encontramos o registro de apenas uma morte causada por este

mal na região do atual Parari. Mesmo já existindo o cemitério das Pombas, muitas pessoas foram enterradas no mato ou não tiveram a morte registrada. A propósito, tomamos o testemunho do então presidente da Província Pinto e Silva quando relatava à Assembléia Provincial:

> *"Observo a V. Excª que as cifras aqui não são exactas; muitas pessôas falleceram e foram sepultadas fóra dos logares para isto designados, sem que a confusão que então havia permitisse a alguém fazer nota disso".* (8)

Em 1862 reapareceu na Paraíba o terrível "chólera -morbus". O mal desta feita ingressou na Província primeiro na região de Pedras de Fogo, através da Comarca de Goiana, na Província de Pernambuco.

Refutamos a exatidão do quadro de mortalidade oferecido pelo governo, citado por Irineu Pinto nas suas "Datas e Notas para a História da Paraíba". Na oportunidade, ele apresenta apenas 15 mortes na Comarca de São João, sendo uma no povoado do Batalhão e 14 na vila de Cabaceiras. Todavia, no Livro de Óbitos nº 02 da freguesia do Cariri, consta o assento de 14 mortes apenas na região das Pombas e adjacências.

Este segundo "chólera- morbus", atacando a região que hoje constitui município de Parari, fez vítimas fatais em famílias de ricos proprietários. O fazendeiro Domingos Maria Correia de Queiroz perdeu entre os meses de abril e maio de 1862 dois escravos, dois filhos e a esposa; Manuel Ribeiro de Melo perdeu uma filha e um escravo antes de morrer do mesmo mal; a fazendeira Ana José da Soledade morreu de "chólera" antes de perder a filha de uma escrava sua, na fazenda Barra e o padre Genuíno Valfredo de Souza Gurjão perdeu Narciza, sua escrava de 42 anos.

Sobre a febre amarela podemos detectar que, assim como as outras

doenças , atingiu nossa população indistintamente. Em maio de 1871 essa epidemia levou à morte cinco pessoas das Pombas e fazendas vizinhas. Neste contexto, merece destaque as mortes de Manuela Umbelina do Amor Divino casada com o fazendeiro Trajano Maria Alves Pequeno e de duas filhas e um filho do fazendeiro Manuel Ribeiro de Melo, todos moradores dessa povoação.

Alguns médicos e farmacêuticos foram colocados à disposição pelo governo apenas em São João do Cariri, à 20 km de Parari. Essa distância tornava-se maior por causa da inexistência de estradas e veículos automotores. Nos lombos dos animais o trajeto ficava mais longo e, como as doenças epidêmicas, como o "chólera", matavam rápido, a remoção do doente era praticamente descartada; assim, recorria-se à medicina caseira à base de ervas e orações religiosas.

Segundo Horácio de Almeida, *"na pressa dos enterramentos alguns enfermos foram vivos para o cemitério".* (9) De um caso parecido, pelo menos, a tradição oral nos encarrega de contar. Trata-se portanto, do senhor Galdino de Lira morador na Serrota, que sofrendo um ataque de "chólera"foi levado para o cemitério e, por causa de uma chuva, foi deixado à beira da cova para ser sepultado no outro dia. No entanto, o mesmo não tinha falecido e amanheceu o dia sentado no túmulo. Diante disso, imagina-se que muita gente foi sepultada viva, mesmo não havendo fontes concretas que comprovem esse incidente.

2. 4 - CASA DE CARIDADE: SUAS FINALIDADES E SUA ROTINA

No século XIX, o padre Ibiapina nas suas andanças pelo Nordeste fundou várias obras, tais como: cemitérios, açudes, hospitais e principalmente casas de caridade.

A criação da casa de caridade tinha por finalidade promover a educação moral e o trabalho, recebendo órfãs de cinco a nove anos, pobres e desvalidas aprendendo a doutrina cristã e também a ler,

escrever, contar, costurar, bordar, etc. Logo que as órfãs passavam pela primeira e segunda etapas na educação, estando elas em idade apropriada, casavam-se às custas da Caridade.

Além das órfãs, a casa recebia mulheres para o trabalho e as irmãs da caridade que teriam empregos fixos como mestra, porteira, cozinheira, etc. Uma superiora administrava toda casa, mantendo a ordem e a disciplina e fazendo relatórios dos trabalhos da escola ao inspetor geral. As mulheres que fossem jogadas fora de alguma casa jamais seriam acolhidas em outra.

Sustentada financeiramente com esmolas doadas pela população, a rotina da casa começava às cinco horas da manhã com oração matinal, uma vez que às quatro e meia as irmãs do coro levantavam-se para prepararem a capela. A superiora tocava na "campa"convocando toda gente da casa a acordar-se. Após as orações as órfãs e pensionistas preparavam-se para a escola ou trabalho, sendo proibido conversas que tivessem outro objetivo que não fossem referentes ao seu trabalho.

Não era lícito pelo regulamento geral das casas comunicações vindas de fora, de tal forma que as cartas deveriam ser lidas pela superiora e entregues pela porteira antes mesmo de chegarem ao seu destinatário. Era proibido também visitas, exceto os pais das irmãs que visitavam suas filhas em horário e lugar combinados, e por meia hora apenas.

Às oito horas a "campa" tocava para o almoço; ao meio dia para o jantar e às sete e meia para a ceia. As mesas sempre eram presididas pela superiora que deveriam encontrar toda gente de pé, sendo privativo a ela sentar-se primeiro à mesa e abençoar a mesma, ordenando com sinal o momento para o início das refeições. Antes de irem comer ao meio dia, deveriam primeiro visitarem a capela e rezarem o ofício divino, uma Salve Rainha a Nossa Senhora, uma Ave Maria e a oração de São Bernardo e depois do jantar agradeciam a Deus o pão de cada

dia.

Logo que batiam no relógio seis horas da tarde, a irmã de côro "tocava" o terço nas segundas, quartas e sextas-feiras; a novena de São Gregório nos outros dias e no sábado o Ofício de Nossa Senhora, a Ladainha e Salve Rainha; e de nove em nove horas, seis órfãs deveriam ficar na capela louvando a Deus até o amanhecer do domingo, cantando tudo que pudesse glorificar a mãe de Deus.

A escola terminava todos os dias às cinco horas e meia da tarde, tendo meia hora de recreio no jardim, sendo que nas quintas feiras, em lugar de tocar a "campa"para a escola, as mestras ocupavam-se em limparem as meninas, cortando as unhas, cabelos ou mandando tomar banho.

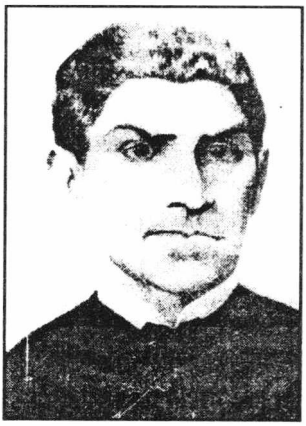
Todos os domingos as órfãs e toda gente da casa ia à missa paroquial ficando em casa uma enfermeira e uma cozinheira que se alternavam nos dias. Na frente iam as órfãs menores, em seguida as pensionistas, as mestras e a ilustre companhia de trabalho, e por fim a Superiora e demais irmãs da casa. Entre as órfãs e as pensionistas iam as cantoras. Na Igreja tinha o lugar destinado para a comunidade, sempre cantando antes que o padre iniciasse a missa.

As casas de caridade recebiam pensionistas de qualquer idade, desde que não tivessem moléstia contagiosa. Elas pagavam uma pensão de 10 $ 000 a 13 $ 000 mensais, pagos em trimestres adiantados. No fim de cada trimestre seria enviado um boletim de informações do comportamento e adiantamento de suas filhas.

Ao entrarem na caridade as educandas deveriam trazer de casa: 2 cobertas de chita, 2 lençóis brancos, 2 travesseiros, 4 fronhas, 4 saias e 2 toalhas, 2 guardanapos, 6 camisas, 4 pares de meias, 4 de sapatos, 2 lenços de mão e 1 saco para roupa "servida", 1 baú, agulheiros, agulhas, dedais, tesouras, 1 manual de missa, I dicionário português, 1 cama ou rede, I pente fino e outro de alisar. A lavagem de roupas corria por conta dos pais que levavam as roupas sujas para lavarem todas as

segundas feiras, trazendo outras limpas.

A ideologia reinante nas casas de caridade era a de pobreza, pois deveriam passar como pobres.



Padre Ibiapina, fundador de açudes, cemitérios, cruzeiros e casas de caridade.

2. 4. 1 - A FUNDAÇÃO DA CASA DE CARIDADE DAS POMBAS (1866)

Na segunda metade do século XIX, as Pombas eram uma povoação pequena, porém habitada por fazendeiros de famílias tradicionais descendentes dos colonizadores do Cariri paraibano. Portanto, partiu dos Queiroz, dos Sales, dos Ramos, dos Brito e dos Caluête, o apoio dado ao padre Ibiapina para a fundação de uma casa de caridade nesse povoado.

O dito padre andava perambulando por entre vários Estados nordestinos e fundou, dentre outras obras, vinte e duas casas de caridade sendo sete na província da Paraíba e apenas duas no cariri: a das Pombas e a de Cabaceiras.

Segundo o padre Francisco Sadoc de Araújo, Ibiapina correu a Paraíba com a notícia do "chólera-morbus", e iniciou suas atividades espiritual e material em 1856. Esteve fundando a casa de caridade de Pocinhos em 1866, e nesse mesmo ano chegou a vila de São João do Cariri. *"De São João do Cariri foi até a povoação de Pombas, quando*

acabou de fazer uma casa, que já havia começado. Como os proprietários desse lugar eram ricos e tinham muito gosto e influência na sua edificação concorreram com avultadas esmolas, de sorte que, sendo esta uma das maiores casa da caridade, ficou em melhor posição e foi inaugurada em 1866". (10) Concomitantemente, o padre encomendou a alma de quatro pessoas sepultadas no "cemitério das Pombas".

A nossa Caridade foi construída com o trabalho escravo e os seus tijolos feitos no sítio São Caetano. Além dessa construção, ele ergueu um sobrado para a residência dos padres e um cruzeiro na frente da Igreja.

No início da década de 70 do século XIX o reverendo passou por várias vezes visitando nossa comunidade católica. Em 1870 ele realizou um casamento, em 1872 além de celebrar mais sete matrimônios, ainda presidiu as celebrações da festa de Sant'Ana, demorando-se pouco tempo por aqui, porém o suficiente para visitar todo pessoal da casa e orientá-los tanto material como espiritualmente. Saindo das pombas, o eclesiasta levou consigo quatro irmãs de caridade e uma órfã para agilizar a fundação da casa de Cabaceiras inaugurada nesse ano de 1872. Em 14 de maio de 1873 padre Ibiapina encomendou a alma de José Rodrigues do Nascimento, morador no Campo Grande e sepultado no cemitério das Pombas.

Em 1872, o ministro conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira fez um relatório das atividades da pasta do interior, fazendo alusão às sete casas estabelecidas na Paraíba, registrando a nossa em "lisonjeiro estado"e composta de 57 meninas.

Como já foi dito anteriormemente nossa casa era uma das maiores, composta por 50 quartos, 7 cisternas, ocupando terras que hoje ficam por trás do Teatro, confrontando-se com a Igreja. Não podemos apurar o nome de todas as superioras, contudo merece ser citado o de Ana de Santa Gertrudes que a administrava entre 1882 e 1888.

Falou-nos dona Lia Queiroz que sua mãe Tereza Aires de Queiroz

(Tetê) contava-lhe que em 1897 estudou na casa de caridade das Pombas como pensionista juntamente com quinze órfãs, dentre elas Lina Félix, Francisca da Caridade e Inacinha de Acelino.

2. 4. 2 - IBIAPINA E LENDAS EM PARARI

Certo dia, seu Oriol Queiroz convidou dona Lina Félix, uma das órfãs da caridade que chegou até nós , para entrevistá-la. Ela falou que na época da construção dessa casa o padre operava milagres. Na hora de erguer a madeira pesada para a cobertuda da mesma, bastava o padre passar as mãos para a mesma virar pena. Quando foram erguer o cruzeiro na frente da Igreja, juntaram-se dez pessoas e vendo a hora o mesmo cair, chamaram o padre que passou a mão e o mesmo ficou maneiro e foi colocado no seu lugar sem muito esforço.

Dona Lina ainda falou que o padre Ibiapina estava celebrando uma missa e quando levantou a hóstia disse: *"Tem uma cobra na Igreja. Quero que se levante e retire-se!"* No mesmo instante levantou-se uma mulher que tinha tido um filho e o matado.

Ainda hoje se acredita que padre Ibiapina amaldiçoou o São Caetano e abençoou a Tucaia. A primeira comunidade foi amaldiçoada porque na época das missões o povo teria dito que não ia perder tempo com padre; enquanto a segunda foi abençoada , quando já doente e carregado pelos seus fiéis em sua última viagem pelos sertões, dormiu no sítio Tucaia.

Relatou dona Lina também, que o padre teceu profecias a respeito do futuro de nossa casa de caridade. Segundo seu depoimento que chegou até nós por meio do testemunho de seu Oriol, o padre afirmou: *"essa casa vai cair e não vai ter quem cuide dela, mas eu amaldiçoarei quem se aproveitar dos restos de seu material"*. Até pouco tempo muitas pessoas temiam em pegar alguma coisa para posssuir que tivesse pertencido à caridade.

Registramos tudo isso como lendas, até porque dona Lina já teria ouvido falado por outros, pois quando ela nasceu a casa já tinha sido inaugurada.

2. 5 - PARARI EMPRESTA O PRIMEIRO PREFEITO A TAPEROÁ

José Genuíno Correia de Queiroz (capitão Cazuza) era filho de José Correia de Queiroz (tenente Zuzu). Morava no povoado de São José das Pombas, onde se destacou como filho de grande fazendeiro.

Em 1886, quando foi instalada a vila do Batalhão, José Genuíno Correia de Queiroz foi nomeado, chefe do executivo deste povoado.

Em 5 de maio de 1935, faleceu José Genuíno sendo sepultado no cemitério das Pombas. O mesmo era pai de Oriol Queiroz.

2. 6 - ECONOMIA NO SÉCULO XIX

2. 6. 1 - AGRICULTURA

Desde a ocupação de nosso território, foi desenvolvida uma agricultura de subsistência ligada ao criatório. A ocupação de roçados com feijão, milho, batata, abóboras, etc, servia para alimentar a população das fazendas, inclusive os escravos.

Vale frisarmos ainda que o plantio de mandioca também se fez presente naquela época, uma vez que localizamos no inventário de Domingos Maria Correia de Queiroz (1889), no termo de avaliação de bens, a declaração da propriedade de uma casa de taipa com aviamento de farinha na fazenda Campo Grande. A farinha era um produto também destinado ao consumo interno.

A cana-de-açúcar que ocupou uma pequena parte de terra às margens dos rios servia apenas para fazer o caldo, já que o açúcar era trazido da região brejeira, assim como a rapadura e outros produtos.

2. 6. 1. 1 - ALGODÃO

Celso Mariz em "Evolução Econômica da Paraíba"faz alusão ao "Riacho do Algodão"no Cariri paraibano, cujo topônimo evidenciava provas de possíveis plantações de algodão em 1760. Não encontramos muita coerência nessa versão, visto que, João de Lira Tavares registrou a concessão da Sesmaria do Algodão em 1780 e sobre estas terras que hoje fazem parte do município de Parari, mergulhamos de cabeça na análise de inventários de fazendeiros que as possuíram na primeira metade do século XIX e não veio a tona nenhum indício do cultivo dessa malvácea nessa época. A não ser que o inventariante tenha ocultado o nome do produto quando em muitos inventários referiam-se apenas a "roças".

Assegura Diana Soares de Galliza que: *"Na segunda metade do século XIX, enquanto diminuta a rentabilidade do açúcar, o algodão se tornava a principal fonte de renda da Paraíba".* (11) Encontramos nos velhos arquivos de São João do Cariri, uma escritura pública, na qual o tenente José Correia de Queiroz vendeu em 1897, a Manuel Maria de Queiroz e seu irmão José Maria de Queiroz uma casa de taipa com sete portas na frente, uma bolandeira e outras benfeitorias pela quantia de 900 mil réis. Portanto, o cultivo do algodão na região pararíense, começou na segunda metade do século XIX, como afirma Diana de Galliza.

José Correia de Queiroz (tenente Zuzu)era proprietário nas Pombas, no Pipa e em outras regiões do Cariri. Acreditamos no seu pioneirismo como coronel algodoeiro, visto que foi o primeiro a introduzir maquinismo por aqui.

Não pudemos apurar de fato se houve trabalho escravo na cultura de algodão, no entanto, assegurou-nos seu neto Oriol Queiroz que ele era senhor de escravos. Todavia, afirmamos com certeza a existência da mão-de-obra de meeiros e moradores na transição do século XIX

para o XX.

2. 6. 2 - PECUÁRIA

Fazendo uma análise de 20 inventários do século XIX de proprietários de terras de nossa região, chegamos a conclusão de que a pecuária sempre foi a nossa principal atividade econômica. Eram muitos os fazendeiros de gado vacum, cavalar e de outras "miunças"[12], que moravam por aqui.

Não podendo neste espaço citar a riqueza de todos, convém pelo menos, exemplificar esta afirmação enumerando entre os bens deixados por falecimento de Inocência Maria do Amor Divino, citados pelo seu esposo, o inventariante Caetano Correia de Queiroz, em 1866, os seguintes: 136 vacas, 40 novilhotas, 18 garrotas, 18 garrotes, 02 bois mansos, 28 bestas solteiras, 05 poldras, 08 poldrotas, 13 cavalos castrados, 03 cavalos velhos, 11 poldras, 03 poldros e 200 ovelhas.

Cada fazendeiro tinha um ferro com o sinal da fazenda, com o qual marcava o gado para ser sempre reconhecido. Não faltava também um carro de boi de madeira com apenas um cabeçal no meio, movido por uma boa junta de bois mansos.

A criação, além de servir como força motriz e alimentos, fornecia o couro para a fabricação de vários instrumentos de que necessitavam, tais como: selas, silhãos, camas de couro, alpercatas, baús, mesas , cadeiras, etc. Além disso, muito gado era vendido nas feiras como a de Campina Grande e regiões pernambucanas, tangidos por tropeiros.

2. 7 - ESCRAVIDÃO NA ZONA CRIATÓRIA

Segundo o historiador Horácio de Almeida,

"O sertão, zona de criação, ocupava poucos braços

> *para o trabalho. Bastava um vaqueiro auxiliado por alguns agregados para dar conta de uma fazenda de gado. Por essa razão, diminuta ou quase nenhuma foi a escravatura por aquelas bandas".* (13)

Mediante o manuseio de livros antigos nos cartórios e na Igreja de São João do Cariri, discordamos desse historiador, nesse sentido, uma vez que encontramos vários indícios da escravidão nos territórios que hoje fazem parte do município de Parari. Nesse sentido, priorizamos as palavras da historiadora Diana Soares de Galizza, quando afirma que,

> *"Embora nas primitivas fazendas sertanejas tenha ocorrido a utilização da mão-de-obra índia ou mameluca, devido a sua predominância na região e ao nomandismo típico do pastoreio tão adequado à índole indígena, o trabalho do negro não foi omisso no criatório, nos tempos coloniais".* (14)

Da segunda metade do século XVIII aos inícios do século XIX, conseguimos identificar em várias regiões a atuação do trabalho escravo para fazendeiros como: José de Viveiros e Antonio Caminha, no Algodão; Manuel Tavares, no Campo Grande; João Batista Correia de Queiroz, na Jaramataia; e Manuel dos Santos, Maria de Lira e Izabel do Coito, nas Pombas.

Em muitos registros de batizados e óbitos acentuamos a predominância de "Gentio de Angola"ou "Gentio de Guiné", negros que vieram diretamente das terras africanas para aqui. Produziram e reproduziram tanto quanto as boiadas. Eram tratados como peças muito embora não se assemelhando aos da zona canavieira, em se tratando de castigos físicos.

Na segunda metade do século XIX, a população escrava da Paraíba declinou-se paulatinamente. O município de São João do Cariri do qual fazíamos parte, tinha 1538 escravos em 1852; 642 em 1872; 1976 em 1884; 1399 em 1886. Lançamos mãos de 20 inventários de senhores de escravos pararienses e organizamos um quadro com a quantidade de escravos que declararam nos ditos arrolamentos.

QUADRO I

PROPRIETÁRIOS E QUANTIDADE DE ESCRAVOS

NOME	ANO	Nº DE ESCRAVOS
inventariada:Joana Batista do Sacramento inventariante:João Batista Correia de Queiroz	1802	06
inventariada:Maria José da Soledade inventariante:Estevão Correia de Queiroz	1818	01
inventariado:João Chrisostomo Correia de Queiroz inventariante:Luís Correia de Queiroz	1848	08
inventariado:Alexandrino Correia de Queiroz inventariante:Antônia Rosa de Queiroz	1849	06
inventariado:Manuel Ignácio Evangelista Ribeiro inventariante:Ana Joaquina Sacramento Ayres	1858	03
inventariado:Domingos José Correia de Queiroz inventariante:Izabel Maria do Livramento	1859	12
inventariado:Manuel Ribeiro de Melo inventariante:Manuela Umbelina do Amor Divino	1863	01
inventariada:Ana José da Soledade inventariante:Caetano Correia de Queiroz	1863	06
inventariada:Inácia Maria do Amor Divino inventariante:Caetano Correia de Queiroz(2º)	1866	09
inventariado:Tomás de Aquino Limeira inventariante:Manuela Umbelina do Amor Divino	1866	02

inventariado:João Batista Correia de Amorim		
inventariante:Francisca Correia de Queiroz	1854	09
inventariada:Manuela Umbelina do Amor Divino inventariante:Trajano Maria Alves Pequeno	1874	02
inventariado:Estevão Maria Correia de Queiroz inventariante:?	1877	01
inventariado:Caetano Correia de Queiroz Júnior inventariante;Maria José da Conceição	1863	01
inventariada:Cândida Maria Amorim Queiroz inventariante:Manuel Correia de Queiroz	1884	01
inventariado:Faustino de Souza Cavalcante inventariante:(?)	1883	05
inventariado:Pio de Souza Cavalcante inventariante:Santina Maria da Purificação	1885	-
inventariado:Inácio José de Queiroz inventarianteTereza Maria de Jesus	1871	03
inventariada:Tereza Aires de Queiroz inventariante:Caetano Correia de Queiroz Jr.	1886	01 e 1/2

Pesquisa realizada nos inventários do Cartório de S. J. do Cariri.

Aqui em Parari, não verificou-se movimento abolicionista. Em 1879, João Antonio Gonçalves Ayres, morador na Serrota procurava em qualquer parte do Império brasileiro venda para seu escravo de nome Antão, de 25 anos de idade. No mesmo ano, Manoel Avelino de Queiroz, morador no Campo Grande, nomeava procurador para vender uma escrava de nome Rosária. Em 1883, Domingos Maria de Correia de Queiroz, morador nas Pombas, nomeava vários procuradores na capital para receber da tesouraria da fazenda a importância porque foi alforriada a sua escrava parda Joaquina de 31 anos de idade.

A escravidão declinou-se aos poucos, de tal forma que ainda encontramos no Livro de Óbito nº 02 da freguesia dos Milagres, o triste

destino de um escravo que morreu em pleno dia da Lei Áurea. Tal fato é comprobatório da existência da escravidão nas Pombas até o dia da libertação geral. Transcrevemos o teor do óbito para ilustrar nosso raciocínio , da seguinte forma:

> *"Aos treze de maio de mil oito centos e oitenta e oito no cemitério das Pombas sepultou-se o cadáver de Ignácio escravo de Francisca Maria de Queiroz-(. . .) em tempo- que nesse dia já não era escravo por ser o dia da lei que libertou todo escravo no Brasil envolto branco encomendado vigário Fernandes".* (15)

Notamos ainda nos registros antigos da Paróquia de São João do Cariri , a imposição da religião católica aos negros de cultura africana, batizando-os ou casando-os na freguesia do Cariri de Fora.

Após o fim da escravidão alguns negros , sem terra e sem opção de vida, continuaram nas fazendas dos patrões, outros foram embora.

2. 8 - USOS E COSTUMES DA SOCIEDADE PARARIENSE: DO SÉCULO XIX AOS MEADOS DO SÉCULO XX

Nossa sociedade entrou no século XX herdando os usos e costumes da era colonial. Até os anos 60, as mulheres carregavam água em potes, torravam café com açúcar preto no pilão e usavam combinação e anágua, lavavam roupas batendo em uma pedra com sabão feito de cinzas com sebo e usavam raspa de juá para lavar os cabelos e "arear"os dentes.

Os homens gostavam de cheirar tabaco, tomar uma pinga para esquentar o forró e faziam cercas de pedras. Os filhos, não fumavam na presença dos pais, nem mesmo depois de casados e tinham que dar a bênção aos mesmos ao dormirem, acordarem ou passarem alguns

dias fora de casa; precisava até da licença deles para tirarem a barba.

Os alimentos e roupas eram guardados em caixões de madeira ou em baús de couro. As mulheres saiam de casa geralmente para as festas religiosas ou para visitarem uma comadre parida, viajando a cavalo em cima de um "silhão" trajando um vestido que cobria até os pés e com uma calça comprida por dentro. Gostavam de enrolarem o xale por cima dos ombros e usarem um cocó nos cabelos.

Sendo uma comunidade altamente católica , não dispensavam o uso de um oratório para a realização dos terços e novenas e acreditavam na existência do céu, inferno e purgatório. As senhoras deveriam entrar na igreja com a cabeça coberta por uma mantilha e vestes modestas. Não deveriam introduzir cães na Igreja, não "cuspir"no seu pavimento, nem passear e conversar dentro dela. Acreditavam ainda que se não fizessem as fogueiras de São João e São Pedro, o diabo passava a noite dançando no terreiro da casa. Na Semana Santa deveriam jejuar dois dias, cobriam as imagens santas que tinham em casa e não comiam carne. Era proibido ainda, tomar banho, escovar os dentes e pentear os cabelos na sexta-feira santa e na quarta-feira de trevas, para não ficarem entrevados.

2. 8. 1 - NAMOROS E CASAMENTOS

Desde o século XIX era comum os casamentos entre parentes consagüíneos, como o caso de Umbelina que após a morte de seu pai estava prometida a seu primo legítimo Domingos Cavalcante de Albuquerque, casamento este encomendado por sua mãe Francisca Correia de Queiroz. Mais tarde, com o falecimento de Umbelina, o viúvo casou com Izabel Maria da Conceição, irmã de sua falecida esposa.

Pudemos apurar, folheando inventários antigos que, na maioria das vezes, o fazendeiro doava um dote para que alguém se interessase em casar-se com suas filhas e iniciar sua fortuna. Para comprovar esta

afirmação citamos o caso de Domingos da Costa Correia de Queiroz que ao casar-se com Inácia Maria da Purificação, nas Pombas, recebeu por dote um escravo no valor de 400 mil réis.

Os livros de casamentos da paróquia de São João do Cariri atestam a realização de vários matrimônios no século passado nos oratórios privados das fazendas. Observamos a realização destes no Campo Grande, Algodão, Farias e Jaramataia. Eis o inteiro teor de um registro de casamentos que justifica esta afirmação:

> *"Aos vinte e oito de julho de mil oitocentos e setenta e cinco, feitas as denunciações do estilo, no oratório privado da fazenda Campo Grande desta freguesia, não aparecendo impedimentos dispensados e de consangüinidade pelo Governador do Bispado cônego Andrade, precederam as diligências canônicas em prezença do padre Joaquim Avelino Cavalcante, de minha licença e das testemunhas José Correia de Queiroz e Ignácio Joaquim de Queiroz receberão solenemente matrimônio por palavras dos presentes receberão as bênçãos nupciais Estevão Correia de Queiroz filho legítimo de Vidal Correia de Queiroz e Maria Magdalena de Queiroz com Ana José da Soledade filha legítima de Francisco de Salles Correia de Queiroz e Thereza Maria de Jesus, os nubentes brancos naturais e moradores desta freguesia. Do que fiz este assento em testemunho de verdade e assignei". Vigário José de Souza Magalhães.* (16)

No século XIX, os namoros ocorriam através dos chamados "buracos de andaimes", onde o noivo só via o rosto da noiva no dia do casamento. Nesta primeira metade do século XX, o namoro consistia em conversar pegando nas mãos e quando dava um "cheiro"no rosto já

estava avançando o sinal. O comum era o namoro nas janelas ficando a mulher dentro da casa e o homem no lado externo. A propósito recitamos uma quadrinha popular que alude a tal fato:

"Minha mãe brigou comigo
só por causa de uma tijela
quanto mais se ela visse
meu namoro na janela". (17)

2. 8. 2 - OS ENTERROS

De 1753 a 1855, muitos sepultamentos foram realizados no interior da capela das Pombas. A partir de 1856, estes passaram a se realizar no cemitério, sendo que muitos ainda eram sepultados no mato.

Até os anos 70 deste século XX, acompanhando os enterros, vinham apenas homens a pé e a cavalo, trazendo o defunto em uma rede até perto do povoado, depois levava-se o corpo em um caixão até o cemitério enterrando o mesmo no chão e guardando o caixão para o próximo.

Era de praxe rezar o terço e fazer a recomendação da alma antes do sepultamento. Além disso a viúva usava luto simbolizado nas roupas pretas por todos os dias de sua vida, os filhos por um ano e outros parentes mais próximos por seis meses. Os homens deixavam a barba crescer, só tirando-a após a missa do trigésimo dia, bem como usavam um sinal de tecido preto no bolso da camisa e na frente das casas.

2. 8. 3 - AS DOENÇAS E A MEDICINA POPULAR

Verificando-se os livros de óbitos da paróquia de São João do Cariri, cumpre observar que as doenças que mais matavam gente no século XIX eram:indigestão, queimaduras, reumatismo, sarampo, constipação,

sarnas recolhidas, espasmos, mordidura de cobras, maligna, resguardo quebrado, queda de cavalo, "chólera-morbus"e bexiga. Até meados deste século, essas doenças ainda assombravam a população que só tinha em mãos a fé e as ervas caseiras.

Era comum(e ainda é), não dizer o nome completo da doença porque podia atraí-la. Erisipela dizia-se isipra, epilepsia chamava-se batedeira, assim como chamamos câncer de CA.

A seguir listaremos uma série de medicamentos usados em vários tratamentos:o chá de erva-doce contra cólicas;erva-cidreira contra digestão difícil;o chá de sabugueiro contra gripe , tosse e constipação;chá de folhas de goiabeira para diarréia;chá de excremento de cachorro contra sarampo;água de chocalho para menino falar depressa;a "ipepaconha" para provocar vômitos;o suco de mastruz contra vermes;urtiga contra erisipela;o suco do melão de são Caetano contra impigem;bosta de cavalo em pó para sarar feridas;erva babosa e batata de purga para curar hemorroidas;leite de pinhão para curar mordidas de cobras;chá de pereiro para abortar;chá de hortelã para conjuntivite;leite de jumenta para desidratação e etc.

Rezadores e curandeiros sempre estiveram em nossa região. Neste século XX, citamos Maria Moura, Cícera de Genuíno, Pedro Anastácio, Regina Félix, José Miguel, Josefa Catingueira e Custódio Petronilo que rezava dentre outras coisas mordida de cobra, dando um líquido para o doente beber.

Os partos eram realizados em casa por parteiras como Joana, Maria das Porteiras, Beliza Ricardo, Cícera de Genuíno e Firmina Moreno. Esta última, nos anos 70 deste século, ainda realizava tal proeza, operando o parto de Maria Targino, no qual nascia Paulo Sérgio Targino em 1978, o último realizado por ela.

Notamos ainda a presença em nossa regiião de três homens que exerciam o ofício da medicina por puro senso comum, a saber:Abel Preto, Odácio Vieira e Língua de Aço, que passavam remédios e até

faziam cirurgia a ponto cru;e ainda Antonio Coutinho, Antonio Pedro e professor Luíz Correia de Queiroz, que receitavam doses homeopáticas aos doentes.

Para tratar de fratura ou quebradura óssea utilizavam-se papelão ou casca de angico, presos fortemente ao braço ou a perna ferida, sustentados por cordões.

2. 8. 4 - RITUAIS E EXPERIÊNCIAS

Desde os tempos mais antigos que nosso povo aprendeu invocar aos santos por chuvas neste semi-árido, assim como tirar de sua própria observação da natureza conclusões a respeito do inverno.

Tradicionalmente, costumava-se fazer promessas a São José ou roubar um santo de uma casa para devolver em procissão como medidas para atrair bons anos de inverno.

Imaginavam que na barra de 18 de outubro, do Natal e ano novo, o sol deveria se pôr por trás desta para que o ano fosse bom, assim como neblinar na fase de lua nova de agosto. Se chovesse e os marmeleiros segurassem o carrego o ano seria de fartura, todavia se não chovesse até o dia de São José, logo desacunhavam as enxadas. O ano seria bom de inverno se o xique-xique florasse e nas cacimbas criassem lôdo, todavia acreditava-se no ano seco se aparecesse a tanajura, chovesse no primeiro dia do mês e a terra "pipocasse".

Uma experiência famosa que ainda é muito observada é o dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia. Neste dia observa-se se está preparado para chover ou não, uma vez que ele representa o mês de janeiro do ano vindouro, assim como o dia 14 equivale a fevereiro, 15 a março, 16 a abril, 17 a maio e 18 a junho.

2. 8. 5 - ILUMINAÇÃO

Antes da chegada da energia elétrica, o povo parariense utilizou as mais variadas fontes luminosas. Comenta-se que no século XIX muitas famílias acendiam uma fogueira no meio da casa, entretanto no século XX foi importante o uso de candeias a azeite, carboreto e "murrão"movido a gás com um pavio feito de estopa. Como as Pombas era um pequeno distrito, era iluminado na parte externa e interna por estes "murrões". Nos anos 70, usava-se bastante a lamparina e os candeeiros a querosene e para alguns de melhor posição social a lâmpada a botijão de gás.

Em 1962, o prefeito Oscar Torreão colocou em Parari a energia a motor. Os postes eram de madeira e as luzes acesas até às 9 horas da noite. Em 1966, Genival Queiroz adquiriu mais um motor para Parari, colocando no prédio que só foi comprado em 1972 por Bartolomeu Maracajá onde funcionou a chamada usina de luz. Trabalhavam "virando"o motor Jair Caluête, Antonio, Severino e Sebastião Moura, respectivamente.

Apenas em 1981 chegou em nosso Parari a luz elétrica.

2. 8. 6 - SUPERSTIÇÕES

Desde o século XIX que notamos na região parariense um povo bastante supersticioso. Para citar as várias superstições que até hoje ainda reinam na mente de muitos, tomamos as palavras de Horácio de Almeida, quando no diz que:

> *"Quando um indivíduo, sem que nem mais, se estremece todo é que passou junto uma alma penada. Se abre a boca para bocejar, deve fazer o sinal da cruz, se não o demônio entra pela boca. (. . .)Matar gato dá sete anos de atraso,*

apontar estrelas faz nascer verruga. Chinelo emborcado faz mal. (. . .)Um chifre de boi pendurado na parede da sala previne contra mal olhado. Para despachar uma visita maçante não tem como colocar atrás da porta uma vassoura de cabo para baixo. Se a visita não sair, joga-se sal no fogo. (. . .)O nome de São Bento só se invoca para evitar mordiduras de cobras, quando se anda pelo mato (. . .)Coloca-se uma moeda na boca de uma pessoa assassinada para que o assassino não fuja e volte ao local do crime. Se voltar, o defunto sangra novamente". [18]

2. 8. 7 - OS CIGANOS

Segundo Horácio de Almeida, os ciganos chegaram ao Brasil em 1718, expulsos de Portugal pelo rei. Aqui, levavam uma vida nômade, os homens fazendo um pequeno comércio e as mulheres lendo as mãos dos garjões e garjonas em troca de um bocado para comer.

Até meados deste século os ciganos ainda passavam em Parari. Instalavam-se embaixo das árvores ou perto do rio, para daí partir para suas atividades. Na década de 70, o fazendeiro Osvaldo Aires de Queiroz foi padrinho de Joaquim, um cigano que quase se tornou seu filho adotivo.

CAPÍTULO III

DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS DO SÉCULO XX

3. 1 - FAZENDO HISTÓRIA

A história de Parari como, aliás, a história em geral foi e é feita por todos, inclusive aqueles que não são tidos como personagens importantes.

Neste século XX, fizeram história em Parari os violeiros Pinto, Rogassiano Leite, Zé Messias, Teresinha Dantas, Antonio Marinho, Faustino Vila Nova e os pararienses Luís de Félix, Altino Juvenal e José Aires de Mendonça.

Trabalharam nas festas como cozinheiros(as)Quirino, seu Cosmo, Josefa de Antonio Grande e Maria de Chico Preto.

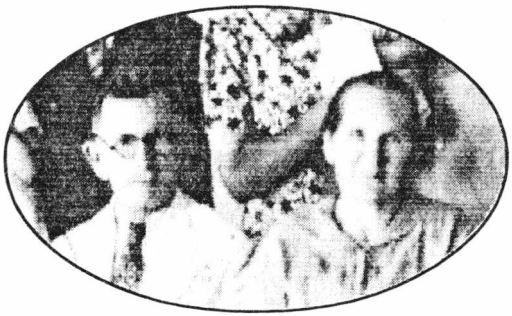
. Ainda cumpriram seu papel fazendo história em Parari neste século, os primeiros fotógrafos Pedro Chagas, Zacarias Evangelista e Manuel Gonçalves;e os primeiros feitores de imagens José Rocha , Júlio e Inácio Maginário.

Na política, destacaram-se como grandes oligarcas "Paizinho Caluête", Joaquim Caluête e Terto Aires que sempre estiveram fazendo parte do "curral"dos Gaudêncio, sendo os dois primeiros contemplados com o cargo de subdelegado em Parari. Após a "Revolução"de 30, quando os Brito assumiram o poder em São João do Cariri, o cargo de subdelegado coube a Faustino Teatino, fiel aliado de Terto Brito.

Ainda no tocante a aspectos políticos, é necessário que lembremos o nome de um parariense que fez carreira política fora de nosso município:Abidias Aires, eleito Prefeito de Cabaceiras em três legislaturas.

Também deram sua parcela de contribuição na construção de nossa história, Irineu Moreno, o primeiro gari de Parari; Dona Emília, Maria Pajeú e Firmina Moreno, donas de hotéis e esta última fabricante da famosa "brôa de Firmina" e o General da Marinha , no Rio de Janeiro, José Maria de Queiroz, que tanto lutou junto ao governo afim de conseguir a construção da estrada em terraplenagem ligando São João do Cariri a Taperoá e uma ponte no rio que banha Parari.

Como escrivãos do Cartório de Parari participaram do cargo as seguintes pessoas:Luíz Correia de Queiroz(1922-1931), José Mariano(1931-39), Bento de Farias Souto(1939-42), José Mariano(1942-46), Doracy Caluête(1946-67), Jairo Aires Caluête(1967-88)e João Batista Aires Caluête(1988-aos nossos dias).



Ao centro, o professor, escrivão e homeopata Luíz Correia de Queiroz e sua esposa Adelina Maria de Queiroz(funcionária da primeira agência dos Correios).

Em se falando de artes e cultura, citamos o carnaval organizado na "caridade", lapinhas e peças teatrais, destacando-se o "Inventário na Roça", onde Graça Vilar sempre fez o papel da viúva;e as "Empregadas Diabólicas", destacando-se o trabalho de Joana, Nadir e

Lucinha. Os festejos juninos eram animados por Inácia Cristina , com cocos embolados. As diversões eram danças, mamulengos e serestas com os seresteiros José Maria de Queiroz, Inácio Onório, José Félix, João Basílio, José de Lina, Laurindo Ribeiro e Antonio de Moça.

Em se tratando de festas religiosas, é de suma importância falarmos das seguintes festas:a do Rosário organizada pelos negros do Pontaleão e Ramada;Santa Luzia(responsável Caetano Neto e posteriormente José Acelino de Queiroz), Nossa Senhora do Carmo(responsável Maria Fernandes da jaramataia);a Missa do Bom Jesus, novenas de maio na casa de José Caetano, José Rodrigues, Mocinha Faustino, Inácio Acelino, etc;novena de Sant'Ana na casa de Maria Viúva e véspera de São Pedro na casa de Zeca Farias.

3. 2 - ENSINO

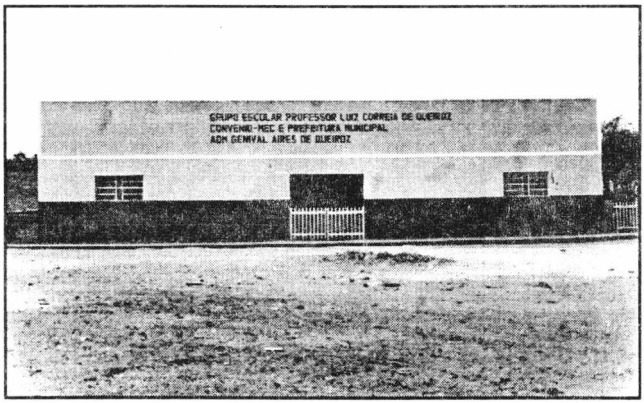
Para que não caiam no esquecimento, até porque seria um crime não lembrar, façamos apologia ao belo trabalho dos professores "Têca", Alice Oliveira, Luiz Correia de Queiroz, Edviges Queiroz, que no início do século XX contribuíram para a educação de nossas crianças e adolescentes.

Em 1948, no governo Osvaldo Trigueiro, foi construído um grupo escolar estadual oferecendo o antigo ensino primário. Lá, afeiçoando-se às salas de aula, cumprindo o espinhoso papel de mestre, estiveram: Nevinha Caluête, Damiana Moura, Judite Caluête, Rita Moura, Sebastiana Farias, Inês Moura, Daguia de Elisa, Maria José Pequeno, Martinha Caluête e tantas outras.

Com a magnífica e engrandecedora idéia de não dispersar por outras cidades os alunos que concluíam o primário, o governo Genival tratou de fundar em 1981 o Grupo Escolar Municipal Professor Luiz Correia de Queiroz, no qual começava o funcionamento do antigo curso ginasial. A direção dessa instituição coube, a princípio, à Maria

Augusta;posteriormente a José Bernardo, ambos de Serra Branca.

O grupo escolar estadual, fundado em 1948, foi reconstruído em 1990. Nesse mesmo ano, graças aos esforços de Jairo caluête, foi instalado nessa escola- que passou a chamar-se "Joaquim Alves Caluête"-o antigo curso científico. Na direção da mesma esteve Loya Caluête que em 1993 passou o cargo para Crisólogo Matias e hoje encontra-se dirigida por Maria José Pequeno.



Grupo Escolar Prof. Luiz Correia de Queiroz

construído em 1981

3. 3 - A CONSTRUÇÃO DO MERCADO

Segundo seu Oriol Queiroz, o mercado público de Parari foi construído por volta de1918. O mesmo foi realizado mediante a participação de dez sócios, sendo eles os seguintes:Tertulino Aires de Queiroz, Severino Alves Caluête, Joaquim Alves Caluête, Major Raulino Maracajá, Antero Torreão, José Fernandes, Tertuliano Batista, Inácio Batista, Cazuza Batista e José Balduíno. Eram criadores e comerciantes, por isso interessaram-se e empreenderam esta construção para

incrementar e modernizar nossa feira.

Em 1966, quando Genival assumiu a Prefeitura de São José dos Cordeiros, comprou cinco partes dos sócios que encontravam-se nas mãos do comerciante Inácio Sales de Queiroz.

3. 4 - O CANGAÇO EM PARARI

Não pudemos apurar a atuação dos cangaceiros em nossa região durante o século XIX, por causa da ausência de fontes históricas;não sabemos nem se durante este tempo eles passaram por aqui. Sendo assim, registramos os passos dos cangaceiros nesse município apenas no século XX.

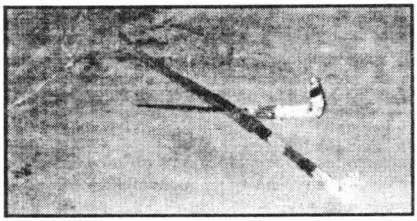
"Todo mundo tinha medo de Antonio Silvino!"-Expressou-se assim seu Joaquim Italiano, um ancião de hoje que conheceu o referido cangaceiro no passado. O mesmo narrou a única história de morte praticada por Antonio silvino em nossa região parariense, da seguinte maneira:

> *"Em um lugar chamado Curtume, o cangaceiro Antonio Silvino, mandô pedi um dinheiro pelo um portadô de nome Zé Tomé, a José Loriano. Quando ele pediu o dinheiro, José Loriano respondeu: eu não tenho dinheiro para dá a cabra ruim. Da mesma forma que ele respondeu ele falou pá o cangaceiro Antonio Silvino. Antonio Silvino ficô mal com a resposta de José Loriano e chamô José Tomé para lhe mostrá a casa de José Loriano. Zé Tomé mostrô a casa e foi simbora. Antonio Silvino ficô lá com seus cangaceiros escolhidos e chegaram até o ponto de matá Zé Loriano e roubá várias coisas que ele possuíam".*[19]

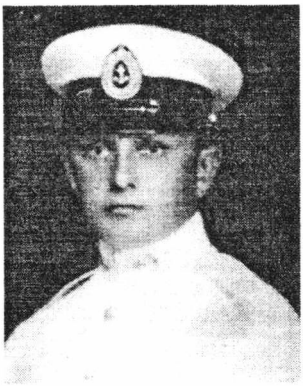
O bando de Antonio Silvino foi o mais atuante em nosso lugar.

Sempre passava no atual município de Parari pedindo aos fazendeiros abrigo, comida ou dinheiro. No antigo povoado de São José das Pombas teve uma amante chamada Rita Ferreira e um amigo "coiteiro"de nome Tertulino Aires de Queiroz. Quando vinha se amigar com a dita Rita, deixava o bando nas imediações do povoado e adentrava por este. Não foram raras as vezes que hospedou-se em rancho cedido por Terto Aires, casa onde morou Zé de Moura. Como presente, deixou um punhal de aço revestido em uma de suas extremidades, por um pé de cabra.

Punhal deixado por Antonio Silvino para Terto Aires.



3. 5 - PARARI DERRAMA SANGUE EM TERRAS CATARINENSES



Quando estourou a "Revolução de 30"no Brasil, fazia parte do Corpo de Fuzileiros Navais em Santa Catarina, o jovem "pombudo" [20] Santino Correia de Queiroz.

Filho de Luíz Correia de Queiroz e Adelina Maria de Queiroz, Santino era 1º Sargento fuzileiro naval, um jovem de apenas 30 anos de idade quando teve seu corpo perfurado por dezesseis projéteis de metralhadora, na cidade de Joinvile em Santa Catarina em 1º de novembro de 1930. Segundo seu amigo e escritor Manuel Caetano da Silva, Santino não morreu em combate com

os revolucionários, e sim, foi vítima de desentendimento havido entre fuzileiros navais e sargentos do Exército.

Antes de morrer, Santino confabulou com o padre que o assistira nos últimos momentos da vida ditando uma carta para o comandante Álvaro Augusto de Alzambuja, no qual entre outras coisas pedia que comunicasse o incidente aos seus pais na Paraíba.

Quando a notícia chegou às Pombas, o seu corpo já estava sepultado. O desespero do professor Luíz, de "dona Sinhá"e suas filhas, foi algo imaginável. Sabiam que não veriam mais o filho e que nem morto houve essa possibilidade, diante dos precários meios de transportes e comunicações que praticamente impediam os pais de verem o corpo do filho.

Após sua morte, os sargentos navais tributaram honras especiais inaugurando o seu retrato no cassino dos sargentos e promovendo uma missa na Igreja da Candelária, sob a presença de seu irmão que mandaram buscar na Paraíba.

Em 1933 as irmãs menores de Santino: Ídia, Áurea e Edviges passaram a receber pensão deixada por causa de sua morte.

3. 6 - A DECADÊNCIA DA CASA DE CARIDADE

Nas primeiras décadas do século XX, o encarregado de conseguir doações para o funcionamento da casa era João Gualberto de Queiroz.

Após a morte de padre Ibiapina, a nossa casa de caridade foi decaindo paulatinamente. Não sabemos com precisão o ano em que fechou a referida, todavia, encontramos nos livros de Notas do Cartório de São João do Cariri o testamento do senhor Vicente de Holanda Montenegro, morador em São José dos Cordeiros, no qual deixava em 1916, 200 mil réis para a casa de caridade das Pombas. Nos informou a anciã dona Emília que em 1926 as freiras já faziam refeições na casa de Joaquim Caluête e, posteriormente foram embora para Cabaceiras.

A falta de consideração do nosso povo para com o patrimônio histórico foi tamanha que deixou grande parte de nossa casa ir abaixo. Assim expressou-se Celso Mariz em 1942, sobre a nossa caridade:

> *"A de Pombas era um edifício grande, comprido de muitas janélas com a Igreja ao longo da rua. Os primitivos doadores e protetores fôram fazendeiros ricos de bons tempos daquela zona sime-árida. Os Queiroz, os Sales, os Ramos, os Brito, os Caluête. Hôje, só tem coruja nos telhados que ainda não cairam ou não se aproveitaram em construções menos úteis".* (21)

Em 1971, o padre Antonio Apolinário vendeu algumas imagens velhas da igreja para aplicar o dinheiro na reforma de nossa casa de caridade. Segundo o próprio padre, que deixou escrito no Livro de Tombo da paróquia de Serra Branca, houve muitas críticas por parte dos pararienses, consequente da venda dos santos.

Em 1999 o o Conselho Administrativo de nossa igreja preocupou-se em recuperar o nosso prédio histórico que chama-se Teatro Paroquial "pe. Ibiapina", conforme foto abaixo.



3. 7 - PEQUENA HISTÓRIA DO SOBRADINHO

Ao lado direito da casa de caridade, o padre Ibiapina fundou um sobrado para a residência dos padres em 1866. Construído no mesmo estilo da caridade, o mesmo tinha duas portas e duas janelas de frente com um jardim e no interior deste, cinco quartos, uma cozinha, duas salas e um porão embaixo do piso da sala que era de madeira.

Em 1925, o Arcebispo da Paraíba D. Adauto Aurélio de Miranda, representado pelo padre Theodomiro de Queiroz Melo, vendeu o sobradinho a dona Josina Aires de Queiroz("Duduinha"), por um conto de réis e aplicou o dinheiro na reconstrução da igreja.

Em 1950, Josina Aires de Queiroz vendeu a dita casa ao sr. Tertuliano Batista por cr$ 3. 000, 00.

Após a morte de Terto Batista, o sobradinho ficou para seus filhos que o abandonou e terminou caindo, pelos idos dos anos 80. Que falta de consideração pelo nosso patrimônio!

Antes do desmoronamento total, o sobradinho serviu de abrigo ao sr. Sebastião de Rita.

3. 8 - A MORTE DE PAIZINHO CALUÊTE

Passada a Revolução de 30 que teoricamente parecia moralizar a política no Brasil e acabar com as práticas coronelísticas no país, o que se presencia no município de São João do Cariri em 1935 é um pleito agitado e violentamente disputado pelas oligarquias Brito x Gaudêncio.

Para prefeito desse município concorriam Ignácio Brito e o padre Apolônio Gaudêncio. Cumpre lembrar, a propósito, que o grupo Gaudêncio tinha o apoio de Antero Torreão em Cordeiros e Severino Alves Caluête em São José das Pombas, hoje Parari.

Antes do pleito, ocorreram em agosto de 1935 em São José dos Cordeiros, comício em prol da candidatura Gaudêncio e, em tais

circunstâncias, houve um grande tiroteio entre as duas oligarquias. A violência foi tamanha que estes trancaram-se na casa de Antero Torreão trocando tiros com os Brito que estavam na rua. Como saldo, destrutivo diga-se de passagem, enumeramos as mortes de Pascoal Milanêz e Líbio Farias, da ala dos Brito e do "pombudo" Paizinho Caluête que tentava apaziguar o momento. Paizinho foi retirado ferido em um caminhão para Taperoá e não resistindo aos ferimentos faleceu.

Passou baleado na perna em nosso povoado o sr Mariano Limeira, enquanto as pessoas que estavam trancadas na casa dos Torreão só conseguiram fugir porque cavaram um orifício na parede e foram sair na casa vizinha. Doraci Caluête e seu irmão Zeca acabaram saindo no sítio Vale Verde , município de Livramento

De Parari avistava-se o fogo em São José dos Cordeiros, uma vez que os Brito puseram fogo nos armazéns de algodão dosTorreão e de "seu Bôni", por fazerem parte do curral dos Gaudêncio.

3. 9 - A MUDANÇA DO TOPÔNIMO

> *"O decreto-lei federal nº 311 de 2 de março de 1938 sugerido pelo Conselho Nacional de Geografia e as instruções para a sua execução orientadas por esta corporação e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística".* (22)

De acordo com este decreto, estabeleceram-se regras para mudança de nomes das localidades que tivessem a mesma nomenclatura. Havendo cidade e vila com o mesmo nome no Estado, seria mudado o da vila e no caso de duas cidades ou duas vilas deveria prevalecer o mais antigo e tradicional. De fato, apenas quatro localidades paraibana, deveriam ter os seus nomes modificados, não obstante, a comissão mudou o nome de trinta e cinco, dentre elas o de São José

das Pombas.

Como o próprio decreto propunha que , em caso de modificações, fossem utilizados vocábulos que estivessem ligados à história, à tradição local, aos usos indígenas ou as circunstâncias geográficas, São José das Pombas passou a denominar-se Parari, que na língua Tupi-Guarani significa "Pomba da família dos peristerídeos", [23] uma apologia aos índios que aqui viviam.

Pesquisando em velhas escrituras do Cartório Distrital de Parari, verificamos que o escrivão passou a denominar nosso povoado de PARARI apenas em 1939.

3. 10 - PARARI NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Genival Queiroz era um jovem parariense de apenas 21 anos de idade, quando foi submetido a permutar a vida pacata deste pequeno povoado pela ansiosa espera do inimigo de guerra na beira da praia.

O recém combatente do Exército brasileiro deixou sua terra em 1942, viajando para Natal onde passou mais de um ano e posteriormente fixou estadia nas praias de São Bento e Caiçara do Norte, deixando para trás a sua família tristonha, a sua noiva desesperada e o seu pequeno comércio.



Conta-nos hoje o próprio ex-combatente, que partira cercado de angústia pois deixava uma mãe quase morta de chorar e levava apenas a triste ideologia popular de que quem ia para a guerra não voltava mais.

Na capital potiguar fez o exame de saúde e foi aprovado. Daí seu destino seria fazer parte da Força Expedicionária Brasileira e lutar contra as ditaduras fascistas na Itália, porém teve sorte já que o comandante da primeira companhia de infantaria de Natal o impediu de ir. Destarte,

UFCG - BIBLIOTECA

passou três anos na beira-mar torcendo para que o inimigo não aparecesse, como de fato ocorreu, pois o mesmo não participou de nenhuma batalha.

Quando a guerra acabou em (1945), Genival regressou a Parari perante a alegria da família. Passados cinco meses casou-se e retornou ao comércio.

Na década de 80 passou a receber uma pensão como ex-combatente, a mesma que não coube a Inácio Batista, Severino Preto e Zé Leite, pararienses também convocados, pois estes ficaram apenas no quartel e não serviram na beira da praia ou nas ilhas.

Sorte mesmo teve o "pracinha"Severino Soares que acompanhou a FEB à Itália e conseguiu desembarcar no Rio de Janeiro, vivo, ao final da guerra.

3. 11 - PARARI AJUDOU A CONSTRUIR BRASÍLIA

Em "Perguntas de um Trabalhador que Lê", Bertold Brecht, critica o "heroísmo" de alguns homens como sendo únicos responsáveis pela construção da história, defendida por alguns historiadores positivistas e tradicionais. Transcrevemos um fragmento deste, onde ele nos diz:

> *"O presidente Juscelino construiu Brasília.*
> *_Quem arrastou os sacos de areia, de pedras e de cimentos?*
> *_Os candangos puderam entrar nos palácios que ergueram?"*[24]

Concordamos com o teatrólogo uma vez que a cidade de Brasília foi construída com o suor do trabalho dos "candangos". E dos vários nordestinos que ajudaram a erguer a atual capital do Brasil, dois eram pararienses: José Aires Cavalcante e Osni Gouveia. Pois é, quem hoje

vê Zezinho de Sindú engravatado assinando Projetos de leis na Câmara Municipal de Parari saiba que o mesmo foi "candango"e, no lugar da gravata colocou um capacete e trabalhou de carpinteiro.

A história de Zezinho e Osni "candangos", começa no dia em que o Jornal do Brasil anunciou no Rio de janeiro vagas para trabalho de carpintaria na construção de Brasília. Atraídos por uma proposta de salário melhor em relação a que ganhavam no Rio, Zezinho e seu cunhado Osni Gouveia sairam da então capital do Brasil em maio de 1959, permanecendo no Estado de Goiás até setembro do mesmo ano.

Lá no Planalto Central trabalharam para a Companhia Calvacante Junqueira do Rio de Janeiro construindo dois blocos onde funcionariam o IAPTEC. Alojavam-se em barracas e comiam às custas da firma. No final da semana passeavam na chamada Cidade Livre que ficava nas imediações.

3. 12 - RESUMO DA HISTÓRIA DOS CORREIOS NAS POMBAS

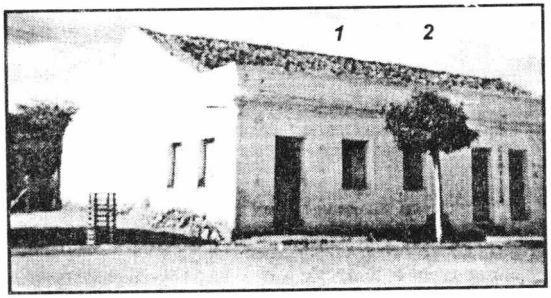
Em 15 de julho de 1829, foram instalados os Correios na província da Paraíba. Segundo José de Faria Brito[25] a agência postal de São João do Cariri fora criada em 1836.

Durante o século XIX e grande parte do século XX, Parari só entrava em contato com outras regiões através das cartas conduzidas pelos correios. Consoante Irineu Pinto, eles foram criados em três direções, sendo uma delas a do centro. Este saía todo dia 1º e 15º de cada mês da capital da província passando pelas vilas de Pilar, Brejo d'Areia, Vila da Rainha, Vila Real de São João, Vila de Pombal até chegar a Vila de Souza. As Pombas não tinham agência, portanto o condutor deve ter passado por aqui, uma vez que ele passava nas povoações maiores e, de acordo com José Leal[26] vindo de São João era por este povoado a "estrada"geral do Sertão, a que conduzia a Vila de Souza.

Apenas no dia 10 de julho de 1921 instalou-se a agência dos

correios no então distrito das Pombas, sob o comando de Adelina Maria de Queiroz(Sinhá) e o condutor de malas Avelino de Freitas Cavalcante. Em 1950 dirigiram, repectivamente nossa agência, Francisco de Assis Florentino (de Catolé do Rocha)e Terezinha Dantas(São José dos Cordeiros), apenas três meses cada. No dia 1º de fevereiro desse ano assumiram o comando dessa instituição Maria Lucena de Queiroz(Lia)e ocondutor de malas Manuel de Freitas Cavalcante. Em 1966, em virtude do baixo rendimento, nossa agência foi fechada e em 1975 foi aberto apenas um posto dos correios entregue a Heleno Barros.

Essa agência ressuscitou esse ano, dirigida por Aristeu de Oliveira e o condutor Washington Luís. Pela primeira vez, os aposentados passaram a receber seu benefício aqui em Parari.



1) Prédio que pertenceu a dona Maria José de Queiroz, onde funcionava a antiga casa paroquial.
2) Prédio onde funcionava nossa primeira agência dos Correios.

3. 13 - ORGANIZAÇÃO POLÍTICA: DA INDEPENDÊNCIA DE CORDEIROS À INDEPENDÊNCIA DE PARARI

Consoante a Lei nº 2. 662, de 22 de dezembro de 1961 sancionada

pelo então governador da Paraíba Pedro Gondim, o território de São José dos Cordeiros se desligou politicamente do município de São João do Cariri, trazendo Parari como seu distrito.

Como as eleições municipais no Brasil só aconteceriam em outubro de 1962, a chefia do executivo local coube ao líder político Oscar Torreão que na oportunidade fôra nomeado Interventor municipal pelo então governador da Paraíba.

NESTOR DE ANDRADE LIMA (1962-1966)

Realizada a primeira eleição do município de São José dos Cordeiros, em 7 de outubro de 1962, verificou-se a vitória de Nestor(UDN) sobre Inácio Almeida.

O único pararíense a ocupar cargo político nesta legislatura foi o vereador Genival Aires de Queiroz, onde cumpre observar sua atuação como Presidente da Câmara Muncipal de Cordeiros no quatriênio desse governo.

Em fevereiro de 1966 faleceu em Campina Grande o prefeito Nestor e, embora de competência do vice-prefeito João da Silva Almeida a sucessão no cargo, um golpe ideológico[27] liderado por Álvaro Gaudêncio atemorizou o então vice prefeito que em sessão extraordinária daquela Casa realizada em 17 de fevereiro de1966 entregava sua carta de renúncia, registrada na íntegra no Livro de Atas nº01, que abaixo transcrevemos o seu teor:

> *"Ao Exmº sr. Presidente e demais vereadores da Câmara Municipal de São José dos Cordeiros Estado da Paraíba. Declaração de renuncia-Eu, João da Silva Almeida, brasileiro, casado, criador, a baixo assinado, tendo sido eleito para o cargo de vice-prefeito, dêste município de São José dos Cordeiros, pela legenda da extinta (UDN),*

da 22º Zona Eleitoral no pleito realizado no mês de outubro do ano de mil novecentos e sessenta e dois(1962), e tendo em vista o falecimento do prefeito Nestor de Andrade Lima, resolvo expressar por êste documento a minha renuncia ao mencionado cargo de vice -prefeito, com caráter irrevogável, solicitando que essa (. . .)Câmara tome conhecimento da renuncia ora expressada no presente documento. São José dos Cordeiros, dezesseis de fevereiro de mil novecentos e sessenta e seis(1966). Ass. João da Silva Almeida'.
Testemunhas:Ornilo Agostinho de Araújo e Antonio Ovidio Araújo Pereira". (27)

Diante da renúncia de João da Silva, coube a Genival como Presidente da Câmara, ocupar a cadeira de prefeito de Cordeiros pela primeira vez.

De Nestor o que o povo de Parari ainda lembra é da construção de um poço artesiano com lavanderias e banheiros na sede e outros três nas comunidades de Jaramataia, Rio de Fora e Tucaia, respectivamente, todos em 1964.

Coube a Genival em alguns meses de governo construir o "açude da gata", comprar o mercado público a Inácio Sales e instalar uma difusoura pública comandada por Dolores de Emília e posteriormente por Inácio Motorista.

OSCAR DE QUEIROZ TORREÃO (1966-1970)

Agora eleito pelo voto direto e com o apoio regional dos Gaudêncio, Oscar ocupa a cadeira de prefeito de Cordeiros ganho nas eleições municipais de 15 de novembro de 1966 para Francisco Jacaré Pereira. Parari esteve representado nesta legislatura pelo vereador Jairo Aires

Caluête que foi presidente da Câmara até 31 de dezembro de 1969.

BARTOLOMEU MARACAJÁ (1970-1973)

Nas eleições municipais de 1969 concorreram a vaga de prefeito de Cordeiros, Bartolomeu Maracajá(prefeito)e Genival Queiroz(vice) pela ARENA, contra Domingos Chagas Brito pelo MDB.

Vencendo as mesmas, "Memé"e Genival tomaram posse dos cargos no dia 31 de janeiro de 1970 na Câmara Municipal, Casa esta que tinha um parlamentar parariense:Jairo Caluête.

Nesse governo deveria ter sido construído o grupo escolar "José Alves Caluête", no sítio Jaramataia, entretanto o mesmo foi desviado do local previsto e foi construído no Poço da Pedra de Faustino Cavalcante, em 1971. De acordo com o Livro de Atas nº 01da Câmara de Cordeiros, os proprietários da Jaramataia negaram a doação ou venda do terreno para a construção da referida unidade escolar. Fontes seguras nos afirmaram que o povo da Jaramataia queria colocar o nome de Mariano Limeira de Queiroz, como o prefeito não aceitou desviou o local. Este fato quase causou o rompimento entre Genival e "Memé".

Em 1972, foi adquirida o prédio da usina de luz e construída a primeira unidade médica neste distrito de Parari.

OSCAR TORREÃO (1973-1977)

Eleito em 15 de novembro de 1972 para ocupar pela terceira vez a prefeitura de Cordeiros, Oscar Torreão contava com o apoio do vice-prefeito Jairo Aires Caluête e dos vereadores de Parari Genival Queiroz e Doraci Caluête, todos eleitos pela ARENA.

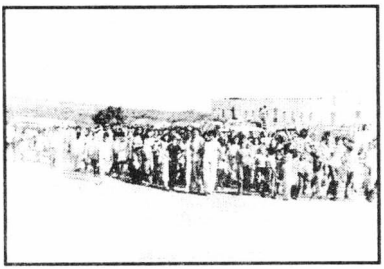
Vale salientar que foi a primeira candidatura única na história daquele município.

O presidente da Câmara no primeiro biênio foi o parariense Genival

e no segundo o vereador José Galdino.

No então distrito de Parari o Governo Torreão construiu o Grupo Escolar "José Maria de Farias", notadamente na comunidade rural de Campo Grande. Em 1999 este prédio foi reformado para o funcionamento de dois postos postos:um médico e o outro telefônico.

GENIVAL QUEIROZ (1977-1983)



Passeata comemorando a vitória de Genival em 1977.



Poderes Executivo e Legislativo de São José dos Cordeiros (1977-1983).

Eleito pela ARENA, com uma maioria de 8 votos na frente de seu concorrente Bartolomeu Maracajá, Genival assumiu a prefeitura de São José dos Cordeiros em 1977, quando o Brasil vivia a sua terrível ditadura militar. Anteriormente , ele já tinha assumido a Prefeitura por ocasião da morte de Nestor de Lima, como já falamos.

Genival foi o primeiro prefeito de Cordeiros, natural de Parari e, segundo a população de hoje que viveu aquela época de fato, o governo Genival caracteriza-se como uma verdadeira transformação em todos os setores (preferimos falar de modernização).

No setor educacional foram construídos os seguintes grupos escolares: Inácio de Farias Ramos, na Serrota em 1978; Vidal Correia de Queiroz, na Jaramataia e professor Luiz Correia de Queiroz, convênio MEC-Prefeitura Municipal, no então distrito de Parari, onde atualmente funcionam as turmas doEnsino Médio. Neste governo foram firmados

convênios com todos os órgãos da Educação, dentre eles: MOBRAL, Pró-Município, Logos II e Pronasec.

A saúde também simbolizou o marco na administração de Genival, prestando assistência às pessoas de baixa renda, através de médicos, medicamentos, transportes de doentes para a cidade e centros mais desenvolvidos, conseguindo para isso uma ambulância. Além disso, fez melhoramentos na Unidade Médica deste distrito.

No que concerne ao setor de infra -estrutura, a referida administração implantou 10. 240 m2 de calçamentos na cidade e no então distrito; neste, calçando a rua Tertulino Aires de Queiroz, sendo as primeiras pedras de calçamento implantadas aqui.

Além de recuperar o Mercado Público, foi iniciada a construção do açude de Parari, posteriormente incrementado com serviços das frentes de emergência.

Uma outra grande meta desse governo foi a concretização de um antigo sonho de toda população desse distrito. Estamos falando da energia elétrica que foi inaugurada no dia 30 de outubro de 1981, vindo ramificada de Santo André, eletrificando 84 propriedades rurais do Poço e Jaramataia por ficarem no meio do percurso, não sendo eletrificada mais porque o próprio povo recusou, alegando que o governo tomaria as suas terras; este é o discurso mal feito que se propaga a respeito da reforma agrária.

No dia 31 de janeiro de 1983, à noite, São José dos Cordeiros vivia uma solene festa no Clube Municipal, onde Genival entregava as chaves da Prefeitura ao então prefeito eleito Paulo Medeiros.

PAULO ROMERO DE MEDEIROS (1983-1989)

Paulo Medeiros até então não era considerado figura política, já que nunca ocupara um cargo eletivo.

Não obstante, com o forte apoio de seu sogro Oscar Torreão e do

então prefeito Genival Queiroz, candidatou-se pelo PDS para disputar a Prefeitura Municipal de São José dos Cordeiros, nas eleições de 1982. O candidato a Vice na chapa de Paulo era o pararíense Jairo Caluête, assim repetia-se o velho acordo baseado no fato de que, quando o candidato a Prefeito era de Cordeiros o Vice era de Parari, ou vice-versa. (28)

A oposição lançou mão dos nomes de João Faustino e Elias Gouveia(candidato a Prefeito e Vice, respectivamente), representando o PMDB com pouca base de sustentação.

O povo do curral do PDS formava quadrinhas populares para em comícios criticarem a candidatura da oposição, dentre elas a seguinte:

"Se Cordeiros fosse meu
eu mandava ladriá
com pedrinhas de brilhante
para Paulo passiá".

Paulo obteve uma expressiva vitória de 1041 votos de maioria sobre o seu concorrente, acirrando ainda mais os ânimos entre os "pombudos" que apoiavam Paulo, e os "Faustinos"representados por João. Na parede do mercado de Parari foi escrito a expressão "1041 Neles!", insulto dos vitoriosos pararienses aos derrotados "Faustinos".

Concorreram as vagas e foram eleitos para a Câmara Municipal de São José dos Cordeiros os seguintes vereadores pararienses:José Tadeu Aires Caluête, Alonso Ramos de Queiroz, ambos pelo PDS e José Aires Cavalcante pelo PMDB.

O prefeito Paulo governou com uma grande maioria na Câmara Municipal, sendo que o presidente da Casa no primeiro biênio foi o vereador José Tadeu Aires Caluête;no segundo, o vereador José Galdino de Araujo e no terceiro o pararíense Alonso Ramos de Queiroz.

Nestes seis anos de governo, Paulo Medeiros, com o apoio de

Jairo, deu continuidade a modernização iniciada por Genival.

No setor educacional foram construídos os seguintes grupos escolares:Joaquim Simão da Silva(1984), no Rio de Fora;José Acelino de Queiroz(1988), no Campo Grande;José Coriolando Ferreira(1987), na Ramada;Vilma Lúcia Queiroz(1986), na Tucaia;Antonio Alves de Brito, no Gatinho;Bento Vilar de Carvalho, no Farias;José Rodrigues de Queiroz(1986), no Poço da Pedra e Manuel Aureliano de Queiroz, no Poço. Ainda neste setor, podemos apontar que pela primeira vez, mais precisamente em 1986, os estudantes de alguns sítios puderam estudar em Parari transportados por um carro, o JEEP de Eudo, uma vez que antes vinham em animais e bicicletas.

Na zona urbana do distrito de Parari foi construído o Clube Municipal, gênese da "palhoça de Tadeu", inaugurado em 1986; o Posto da TELPA em 1984 além do calçamento da "rua de baixo".

No final do governo ainda fôra construído o Posto Médico "Francisco Aires Queiroz"e ampliado o cemitério de nosso então distrito.

JAIRO AIRES CALUÊTE (1989-1992)

Nas eleições municipais de 1988, São José dos Cordeiros poderia ter tido duas chapas concorrendo à Prefeitura Municipal. Uma teria Jairo Caluête encabeçando-a com o apoio do prefeito Paulo Medeiros e a outra de oposição com Chico Jacaré como candidato a Prefeito e José Farias a Vice. Porém, um acordo político liderado pelo prefeito Paulo, unificou as facções e lançou Jairo Caluête como candidato à Prefeito e Francisco Jacaré a Vice, sendo desta feita candidatura única.

Nestas eleições Jairo tinha o apoio dos "Medeiros", enquanto Genival Queiroz fazia parte do grupo "Gaudêncio"e não apoiou a candidatura de Jairo.

Concorreram a vagas na Câmara Municipal os seguintes vereadores pararienses: Alonso Ramos de Queiroz, Francisco de Assis

Queiroz, José Tadeu Aires Caluête, João Faustino Cavalcante e José Aires Cavalcante, sendo os quatro primeiros eleitos e membros da Câmara Municipal de São José dos Cordeiros nessa legislatura. O Presidente da Câmara no primeiro biênio foi Francisco de Assis Brito e no segundo, Francisco de Assis Queiroz.

O resultado da eleição para Prefeito já era esperado, a vitória de Jairo seria uma constante pois o povo de Parari o queria bastante e em Cordeiros tinha o apoio do prefeito Paulo.

Nessa gestão foi promulgada a Lei Orgânica do município de Cordeiros, mais precisamente no dia 05 de abril de 1990.

No setor educacional, além de recuperar vários grupos escolares na zona rural, construiu o grupo escolar Joaquim Raimundo Pereira , no Caboclo(1992), criou o 2º graus em Parari e reconstruiu o antigo grupo que passou a chamar-se "Joaquim Alves Caluête". Conseguiu contratos de emergência junto ao governo estadual para muitos funcionários da referida escola, continuou mantendo com recursos da Prefeitura transportes para carregar alunos da zona rural para o então distrito de Parari e reabriu o Logos II, beneficiando muitos que queriam habilitar-se no Magistério.

Além de cumprir seu papel no setor da saúde, beneficiou a comunidade da Serrota no setor das Telecomunicações, possibilitando à TELPA a instalação de um Posto Telefônico à energia solar, inaugurado em 1992;instalou uma repetidora de TV que gera o sinal da rede Globo, inaugurada em 1989.

Até o início da administração de Jairo, Parari em termos físicos ainda era pequeno e nessa administração foram construídas conjuntos de casas populares "Osvaldo Aires de Queiroz", na rua de cima e "Aurelina Aires Caluête", na rua de baixo, ambos inaugurados em 1990 numa grande festa em praça pública, na qual o prefeito Jairo entregou as chaves das casas aos contempaldos. Nessa mesma festa a Prefeitura inaugurava obras como a reconstrução da escola já citada, a construção

de uma mini Prefeitura, onde funcionava a antiga Unidade Médica e a construção de três praças públicas: São José, José de Moura e Severino Alves Caluête, além da instalação de uma TV pública nesta última.

Na administração a que nos referimos, vale destacar a construção em uma ampla área vaga na frente da TELPA, de um parque infantil (1990) e de mais dois prédios: o Logos II "Alice Oliveira de Queiroz" e um sanitário público , em 1992.

Em 1994, com a construção de mais estas obras, Parari completava 120 prédios; um a mais que nosso vizinho Santo André.

PAULO ROMERO DE MEDEIROS (1992-1996)

Para voltar à Prefeitura de São José dos Cordeiros, Paulo Medeiros não encontrou concorrentes e, apoiado por Genival Queiroz em Parari, formou uma chapa única tendo ele à frente da mesma representando São José dos Cordeiros e Assis Queiroz como vice-prefeito representando Parari.

Nestas eleições de 1992, ainda concorreram a vagas na Câmara Municipal os seguintes candidatos de Parari: José Tadeu Aires Caluête, Osvaldo Aires de Queiroz Filho, Alonso Ramos de Queiroz, José Santino de Queiroz e João Faustino Cavalcante, não sendo eleito apenas Osvaldo Aires de Queiroz Filho.

No entanto, o resultado das eleições para Prefeito não surpreendeu, pois como candidato único Paulo venceu as mesmas e retornou à cadeira de Prefeito de São José dos Cordeiros pelo PMDB.

Além de atuar bem em outros setores, o governo de Paulo teve como meta base um grande sonho de todos os pararienses: a eletrificação rural. Pegando de Parari no sentido oeste, eletrificou o São Caetano, Pedra d'água, Tucaia, Riacho do Marco, Gatinho, Campo Grande de baixo, Rio de Fora de baixo, uma parte de Rio de Fora de cima e Poço da Pedra, feita pela firma Energizer Engenharia de Serra

Branca, sendo inaugurada em 04 de novembro de 1995 com uma grande festa que começou no Poço da Pedra de José Teatino e terminou no então distrito de Parari, tendo participado os deputados Pedro Medeiros e Cássio Cunha Lima, o prefeito de Campina Grande, Félix Araújo, o secretário municipal em Campina Grande Arlindo Diniz Filho, o prefeito de Taperoá Geraldo de Noé e outras autoridades.

Nas eleições de 1994, Paulo Medeiros apoiou o candidato a governador Antonio Mariz, senadores Humberto Lucena e Ronaldo Cunha Lima, deputado estadual Pedro Medeiros e deputado federal Cássio Cunha Lima, sendo todos eleitos. Como Mariz não pôde assumir o Governo do Estado, por não continuar entre nós, o vice-governador José Maranhão iniciou seu trabalho no Executivo paraibano e através do Projeto Cooperar tem incrementado a eletrificação no campo. Os recursos financeiros deste projeto provém 60% do Banco Mundial, 30%do Governo do Estado e 10% das Associações Comunitárias, que orientadas pelo prefeito Paulo, formaram-se em Campo Grande da qual tivemos a honra de fazer parte, Farias e Serrota, no distrito de Parari. O objetivo da criação destas Associações além de promover o bem-estar social com recursos próprios ou doações, recebe contribuições financeiras para suas contas no Banco do Brasil de Serra Branca, do projeto COOPERAR para eletrificação rural. Foi eletrificado mais uma parte do Campo Grande, Rio de Fora e a comunidade do Farias.

Em 1994 foi construído o grupo "Inácio Godoberto de Queiroz", no Rio de Fora , uma creche Pré-Escola e uma Caixa d'água em Parari.

Em 1995, pela primeira vez, foi colocado um ônibus escolar para o transporte do alunado da zona rural para a cidade.

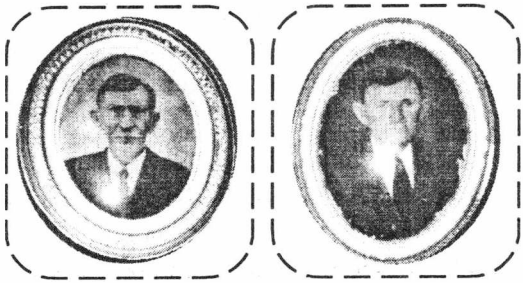
3. 14 - ASPECTOS ECONÔMICOS ATÉ MEADOS DO SÉCULO XX

3. 14. 1 - AGRICULTURA

Pesquisando as escrituras públicas de compra e venda, arquivadas no cartório de Parari, chegamos a conclusão de que a população do então distrito de Parari dependia(e ainda depende), das atividades econômicas ligadas a terra. Não raro é a existência de compra e venda de partes de terra . Até mesmo pessoas que moravam no povoado dependiam das terras que possuíam nas imediações e/ou em outras comunidades rurais.

Nas propriedades plantavam-se milho feijão, batata-doce, abóbora , mandioca, etc. O feijão era debulhado a cacetadas até separarem-se os grãos da palha. Posteriormente, colocava-se o produto em "caritós"[30]misturados com areia ou adicionavam com mel de rapadura e colocavam em sacas, ambas medidas visando protegê-lo do gorgulho. Quando precisavam de usar o feijão que estava no "caritó", tinham que peneirar para separá-lo da areia, enquanto o do saco tinha que ser lavado para retirar o mel que havia untado no referido produto. No tocante ao milho, vale destacar que desde o século passado era "empaiolado"nos quartos, do chão até a telha, de tal forma que quando precisava-se do produto ía-se ao "paiol", retirava a espiga e debulhava à mão. Mais tarde, passou-se também a "bater o milho"até separar os grãos do sabugo e colocava-se em depósitos de zinco ou de aço que alguns já tinham na década de 50. Apenas Terto Aires possuia uma máquina(manual) de debulhar milho, comprada em 1935.

1 2



(1)-Caetano Correia de Queiroz (Caetano Neto) e (2)-Tertulino Aires de Queiroz, grandes agropecuaristas na transição do século XIX até meados do século XX.

Tratamos nesse contexto de uma agricultura de subsistência, utilizando implementos arcaicos, como a enxada, uma vez que o cultivador só chegou em cena nos meados dos anos 40. A propósito, ilustramos com uma narração contada por meu avô José Acelino Filho, quando falou que em 1945 choveu bastante a ponto de vê em seu roçado muito mato precisando ser retirado. Precisava na oportunidade de recursos financeiros para comprar o cultivador à tração animal. Contraiu crédito com o sr. Manoel Marcionílo em Taperoá em troca de 10 arrobas de algodão na folha. Contou meu avô que trouxe o dito cultivador nas costas, de Taperoá até no Campo Grande, um trajeto em 20km.

Nossa agricultura ainda proporcionou safras de produtos como manga, goiaba, caju e castanha, coco, etc.

Um outro produto de importância econômica em nossa agricultura era a mandioca. Na década de 20 funcionava uma casa de farinha na fazenda Desterro, de propriedade de D. Maria de Assis Queiroz;nos idos dos anos 40 localizamos o funcionamento de mais duas:uma na Serrota, de Félix Caetano e outra no Rio de Fora , pertencente a Adelino Generino de Queiroz. Quem não tivesse o aviamento, pagava geralmente em espécie para moer a mandioca nas casas dos outros.

Além da farinha que era guardada em caixões de madeira, produzia-se também o beijú, que com coco, tornou-se um prato típico de nosso cardápio.

Na fazenda Desterro nas primeiras décadas do século XX, existia um engenho rapadureiro. Contudo, não teve grande expressão a nível regional, de tal forma que muitos "almocreves"traziam do brejo os garajaus de rapadura, para abastecer a nossa feira e a dieta de nossa matutada.

3. 14. 1. 1 - O AUGE DO ALGODÃO E AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

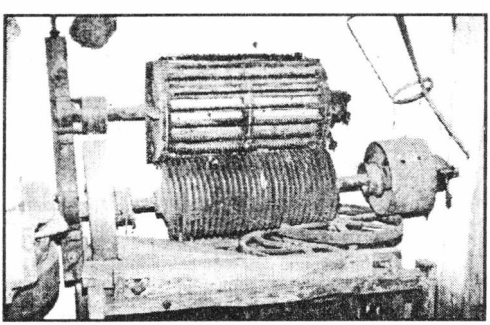
No século XX, o algodão tornou-se um dos nossos principais. A

região que atualmente constitui o município de Parari sempre reservou em seus roçados alguns "quadros"de terras para o plantio desse produto.

José Maria de Queiroz e posteriormente sua esposa e viúva Maria José de Queiroz, foram proprietários de um locomóvel de descaroçar algodão. Passados algum tempo, Tertulino Aires de Queiroz passou a ser o maior comprador de algodão de toda nossa região. Possuia um descaroçador de algodão movido por um motor a gás. Comprava o algodão e descaroçava, sendo que o caroço servia para alimentação do gado, enquanto a lã era ensacada e vendida em Campina Grande a Demóstenes Barbosa & Cia, que segundo Eliete Gurjão[29], era o décimo na ordem das maiores firmas exportadoras da Paraíba entre 1937 e 1938;a Vieira da Rocha e Zomba Monteiro.

Até o inicio da década de 40 era comum às quartas e aos sábados, entrarem em nosso povoado vários jumentos ou burros com cargas de algodão para vender a Terto Aires. Destarte, o comércio com a Rainha da Borborema era feito via Parari. Daquí, a lã era transportada para Campina nos lombos dos burros tangidos por tangerinos que faziam o percurso de ida e volta em cinco dias.

Eles faziam pouso no trajeto, de modo que conseguiram bastante amizade por onde passavam, principalmente nos sítios Zé da Silva e Caluête. Na ida, levavam o algodão e couro, indo muitas vezes vender em Limoeiros, no Pernambuco. Na volta, traziam mercadorias para abastecer as mercearias que aqui existiam.



Máquina de descaroçar algodão, que pertenceu a Tertulino Aires de Queiroz.

Em 1941, quando Terto Aires morreu, o motor já estava paralisado e o comércio algodoeiro desviado por Taperoá. Lá chegara a Sanbra(1936), Araújo Rique(1951), Carioca(1951) e Americana (1935). Tratam-se de poderosos trustes que provocaram um intenso debate na Assembléia Legislativa a respeito de benefícios ou prejuízos, conforme analisa a historiadora Eliete Gurjão. Celso Mariz asinala que: *"a cada chaminé da Anderson Clayton, da Sanbra e do grupo moderno que se aparelhou ao aparecimento destes, pararam 50 vapores, em torno".* (30) Portanto, não havendo condições de concorrência, o maquinismo de Parari e da fazenda Desterro entraram em decadência. Inácio Ramos, morador na Serrota, foi o intermediário da Sanbra em nossa região, comprando o algodão em caroço ou na folha aos pequenos lavradores e vendendo a esta firma estrangeira.

Na década de 70, não havia mais nenhuma dessas firmas em Taperoá, de modo que, a abertura de estradas e a tímida chegada de veículos automotores proporcionaram ao comerciante Genival Queiroz comprar grande parte de nosso algodão e transportar em um caminhão para Patos, na volta trazia torta para vender aos pequenos criadores. Não obstante, muitos lavradores continuaram plantando até os anos 80, quando houve a estagnação desta cultura por causa do bicudo e vendendo suas safras em Taperoá a comerciantes como:Manoel Marcionílo, José Primo, Manoel Correia, etc.

3. 14. 2 - COMÉRCIO

Nos finais do século XIX, existia em São José das Pombas uma das grandes feiras do Cariri paraibano. Começou na chamada "rua de baixo", vendendo-se os produtos embaixo de latadas, visto que ainda não existia o mercado público;Porém, por volta de 1918 foi construído o Mercado e a feira transferiu-se para a "rua de cima". Vinham mascates de todas as regiões, dentre eles:Simão Albino, de Boa Vista;a Loja

Paulista, de Taperoá;João Crispim e "Seu Nado Torreão", de São José dos Cordeiros, além dos comerciantes locais como Tertulino Aires, Cícero Onório, Cazuza Gurjão, Manuel Aires de Queiroz, Inácio Sales e Severino Caluête. Severino Catingueira era machante de gado e Francisco Roberto vendia carne de porco. João Ribeiro e posteriormente Joaquim Caluête e Francisco Aires de Queiroz eram proprietários de uma padaria em Parari.

As mercadorias que abasteciam nosso mercado, desde o século passado, vinham de Campina Grande ou do Pernambuco conduzidos por "almocreves".

A feira existiu pelo menos à década de 50, isso porque em 1937 nosso povoado ainda pagava impostos das feiras em São João do Cariri. Coriolano de Medeiros em seu "Dicionário Corográfico", mostra que em 1942 Parari realizava uma feira semanal. Porém, a sua estagnação foi ocorrendo por volta da década de 50, causada segundo a população, pela desistência de vários mascates de virem à feira, morte de algumas personalidades como Paizinho Caluête e Terto Aires, além da seca que atingiu o início da década de 50.

3. 15 - SECA NO NORDESTE, MÁSCARAS NOS NORDESTINOS

Para falarmos sobre a seca, faz-se necessário recorrer a interpretação histórico-estrutural defendida por Durval Muniz em "A Fome retira o Juízo", onde ele ultrapassa a análise conjuntural dos fatos para alcançar as reais causas deste problema que são mascaradas pelo Sistema a fim de esconder a verdadeira face da moeda.

Neste Sertão nordestino colonial, as relações sociais de produção baseadas no trabalho compulsório de negros e índios, promoveram o acesso a terra e às riquezas naturais a uma pequena quantidade de homens através do sistema sesmarial [31], eliminando desta distribuição a grande "massa"que formariam os futuros beatos e cangaceiros, ou

ainda, o pobre trabalhador do campo e o pequeno proprietário que sempre estiveram na "barra da saia"do coronel pedindo proteção, e muitas vezes se revoltando quando vêem que entre eles existe uma grande desigualdade social. Geralmente, é nos períodos de seca que essa diferença é notada, quando o trabalhador vê o patrão retirar-se com sua família e seu gado para o litoral deixando-os abandonados e convivendo com o sol de 40^0.

No século passado, o discurso da seca conseguiu carrear para o Nordeste investimentos por parte do Estado que beneficiaram as fazendas dos coronéis, nascendo assim uma nova máscara para os dominados que vêem as obras dos coronéis como suas também. Outrossim, as "obras contra Seca", são usadas como mecanismos de combate a revoltas sociais e o Estado o grande patrocinador dos coronéis nordestinos, cuja tarefa primordial era manter subjugada a grande massa de camponeses , principal vítima da seca.

Em suma:o problema da seca e dos conflitos sociais devem ser analisados mediante uma visão histórica da Região Nordeste, desde a ocupação desigual pelos colonos europeus no século XVI, até os meios utilizados pelo Estado brasileiro e a classe dominante nordestina entre os séculos XIX e XX objetivando esconder da massa a sua real causa:a desigualdade econômica e social.

Há registros de seca no Nordeste desde os períodos colonial e Imperial como as famosas de 1777 e 1888, entretanto, neste século cabe-nos citar as de 1915, 1932, 1951, 1952, 1953, 1958, 1970, 1983, 1993, 1998 e 1999.

A seguir, iremos analisar a atuação do Estado brasileiro no que concerne ao obscurantismo da grande parcela dos trabalhadores pararienses sem trabalho e dinheiro, com uma grande família e uma carência ainda maior.

De antemão, mister refletir sobre as tão famosas frentes de emergência, que como o próprio nome diz, não são mais do que medidas

paliativas para acalentar um pouco o problema; e meio de garantir a simpatia do pobre trabalhador do campo que enxerga no governo um verdadeiro protetor, único capaz de lhe dar um "emprego".

3. 15. 1 - HOMEM E JUMENTO: EXPLORAÇÃO DUPLA NAS FRENTES DE EMERGÊNCIA

Em julho de 1953, a "seca"convidou José Américo para deixar a Paraíba e exercer o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas na esfera federal. Como nessa época Parari e São João do Cariri eram interligados, as obras se fizeram presentes em territórios que hoje fazem parte de São João do Cariri e São José dos Cordeiros. Tratamos neste contexto da estrada que liga São João do Cariri a Cordeiros, entre os anos de 1951 até fevereiro de 1954.

De certa forma convém registrar a presença de pararienses neste trabalho. Homens simples do campo, desamparados pelo sistema Capitalista no qual se encontra a explicação para a "seca", todavia amparados pela coragem de lutar pela sobrevivência.

Organizaram além da referida estrada, a construção de vários açudes, dentre eles:o de Belizário, barragem de Naninha, Manuel Hortêncio, aterro no rio da Jurema, barragem de Braz e o do Franco, onde em alguns tiveram que trazer seu nível para a estrada. Eram muitos jumentos carregando terra em caixões de madeira para entupir a fundação e construir o balde. Cada trabalhador possuia dois jumentos ganhando cr$ 20, 00 pelo trabalho de ambos e cr$ 15, 00 diários por conduzir o animal. Este passava a semana no serviço comendo "coroa de frade"e xique- xique. Os homens dormiam em barracas de palha de coqueiro comendo feijão de dia e de noite, e fiscalizados pelo apontador e pelo DER.

3. 15. 2 - O COTIDIANO DOS TRABALHADORES NAS FRENTES DE EMERGÊNCIA EM 1958

Construindo a estrada provisória que hoje liga São João do Cariri a Parari, estavam lá em 1958 pararienses como José de Samuel Velho, Eurico Aires, José Rodrigues, Antonio Franco, Epaminondas, etc.

Sem chuvas nesse ano, foram lançadas as frentes de emergência para dar a esmola ao pobre trabalhador do campo humilhado pelo sistema Capitalista.

Sua jornada começava no domingo à tarde quando os cassacos deixavam em casa sua família comendo feijão, farinha e rapadura e rumavam a pé, para a construção da referida estrada. Muitos dormiam em ranchos construídos com galhos de matos, outros que tinham amigos nas proximidades se alojavam nas suas casas.

Na segunda-feira cedinho, o trabalho começava. Enquanto a maioria dos trabalhadores com a enxada, chibanca e foice abriam os caminhos, o menino José de Samuel(filho), de apenas 9 anos "rapava"pedras da estrada e o outro garoto Severino Lima de apenas 12 anos carregava água em latas ou em jumentos para os cassacos beberem e o barraqueiro cozinhar.

Às 9 horas da manhã uma pausa para o "lanche", caldo de feijão com farinha;às 11 horas quando o sol já era causticante, os cassacos regressavam a barraca para o almoço, tratava-se apenas de feijão preto, às vezes misturados com ovos e para os de melhores condições financeira, um pedaço de rapadura e/ou um toucinho de porco.

À tarde, vestidos com camisas de saco, calça de "arranca toco"e uma ciroula e calçados com chinelos de couro cru, os trabalhadores voltavam às suas tarefas. Enquanto isso, o barraqueiro José de Samuel(velho) cuidava da janta. Os alimentos cozinhados por este eram trazidos pelos próprios cassacos. A janta era uma cópia do almoço, a mesma e precária alimentação.

À frente da fiscalização estava o feitor Eurico Aires e a nível nacional o DNOCS. O governo pagava apenas cr$ 40, 00 por dia, o suficiente apenas para não perecer do dia para a noite e passar fome comendo pouco.

Na sexta-feira à tardinha, os cassacos voltavam as suas casas cansados de trabalhar, encontravam suas famílias passando necessidades, tendo que partir uma bolacha para oferecer uma banda para cada filho, ou ainda, tendo que comprar um par de alpercata para servir a todos os filhos fazendo um rodízio, de tal forma que tinha direito de usá-la aquele que precisasse sair de casa para ir à cidade ou outra diversão.

À noite tinha uma prazerosa noite de sexo, o que há uma semana não ocorria. Curtia a família apenas por dois dias, pois sabia que no domingo à tardinha tudo começaria outra vez.

3. 15. 3-SUOR ENCHARCANDO A TERRA, POLÍTICOS ENXERGANDO O VOTO

Cada carro que hoje trafega por sobre a estrada que liga São José dos Cordeiros a Taperoá, viaja em cima do suor do miserável cassaco das frentes de emergências. Lá estiveram em 1970, vários pararienses vitimados pela falta de chuvas, emprestando sua força de trabalho para as empresas contratadas pelo governo para realizarem a obra. Passavam a semana no trabalho, chefiados por uma hierarquia que ía desde o chefe de turma ao Fiscal Geral do DNOCS. Destacavam-se como pequenos mascates Manoel Farias, José Samuel e José de Abidias que vendiam milho, feijão, farinha, rapadura, etc, na "rodagem", trazendo estes produtos de Campina Grande, no caminhão de Genival conduzido por Inácio Motorista.

Em 1982 e 1983, os braços cansados e o resto do suor de nossos camponeses, conduziram a pá, a picareta e a carroça para construirem

os açudes dos Carrapichos e Serrota. A ordem era a do Exército, em virtude de vivermos a era da ditadura militar. Os pobres trabalhadores recebiam uma migalha em dinheiro que mal dava para comer e uma "cesta básica"que trazia um feijão preto tão ruim que era colocado "de molho"nas vésperas de ser cozinhado e ainda ficava duro, muitas vezes partindo-se em bandas.

Durante algumas frentes de emergência das décadas de 80 e 90, foram alistadas muitas vezes mulheres e crianças. Algumas pessoas menos necessitadas financeiramente, às vezes ficavam com a vaga de um pobre mais carente e ainda ficavam em casa e não trabalhavam em nenhuma obra concreta que gerasse benefício ao próprio povo, como em 1993. Tudo se fazia enxergando o voto, pois sempre existia(e ainda existe)a política clientelista visando encurralar sufrágios de quem via nos políticos um "protetor". Victor Nunes Leal falou em 1949 algo que serve para ilustrar esse momento, desse modo:

> *"É portanto perfeitamente compreencível que o eleitor da roça obedeça à orientação de quem tudo lhe paga e com insistência para praticar um ato que lhe é completamente indiferente".* (32)

Nos idos de 1979, na época do governo Burity homens, mulheres e crianças recebiam a esmola da emergência, mas não trabalhavam;e ainda o governo tratou de distribuir depósitos de zinco para armazenar os produtos na época do "Deus dará". Em 82 e 83, no governo Wilson Braga, o povo recebeu a mesma "migalha"nas frentes de emergência, todavia tiveram de enfrentar o trabalho pesado da construção dos açudes. Não raramente ouvia-se o povo dizer: *"bom mesmo foi Burity que deixô agente ganhá em casa, aquele Wilsu Braga é uma praga".* Resultado: Burity regressou ao governo do Estado em 1986 vencendo fácil a Marcondes Gadelha.

3. 16 - O CATOLICISMO E OS PADRES EM PARARI

Em 1750, foi criada de fato a freguesia do Cariri de Fora, todavia Irineu Pinto já fala da existência da capela de São João em 1746 regida pelo vigário Luiz Cunha.

Desde a construção da Capela das Pombas que nossa comunidade católica dependia da freguesia dos Milagres com sede em São João do Cariri. Porém, em 1950, quando foi extinta a referida freguesia, passamos a pertencer a paróquia de ~~Santos~~ Nossa Senhora da Conceição, de Serra Branca, como ainda somos hoje.

Tentamos a seguir, fazer um relato de nomes de vários padres que passaram por aqui, da fundação da igreja até hoje.

Em 1753 esteve encomendando um corpo nas Pombas o padre Antonio Rodrigues Pires, que pode ter sido o primeiro, a tomar conta da atividade católica por aqui. Daí em diante assinalamos os nomes de Antonio Duarte Pereira e Luiz Cunha em 1763;Joaquim da Cunha Porto em 1774;o Cura e vigário da freguesia Cipriano José da Câmara Gondim em 1777 e Fabrício da Porciuncula Gameiro entre 1790 e 1797.

Na primeira metade do século XIX, citamos os nomes do vigário da freguesia Galdino da Costa Vilar, em 1824;João de Nossa Senhora do Rosário, em 1832; padre José Joaquim Pereira de Albuquerque, em 1836;o vigário José Gomes Pequeno, em 1837;o missionário episcopal Francisco José Correia, em 1838;o Frei João de Santa Delfina, em 1847 e o padre Paulino Vilar dos Santos Barboza.

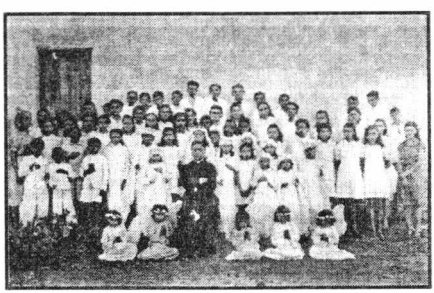
Na segunda metade do século XIX, a ordem dos padres que estiveram por aqui foi a seguinte:

(1850-1856) - Paulino Vilar dos Santos Barboza;
(1856-1860) - Francisco Ananias de Farias Castro;
(1861) - Herculano Xavier da Rocha;
(1862-1869) - Genuíno Valfredo de Souza Gurjão;

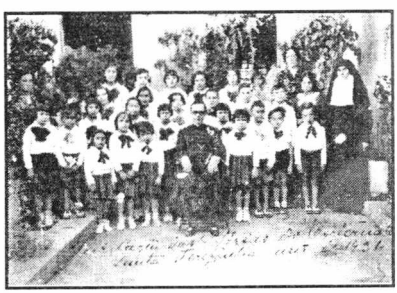
(1870) - José de Souza Magalhães;
(1871) - Custódio Luís Araújo;
(1873-1878) - Joaquim Avelino Cavalcante;
(1879-1890) - Joaquim Eneas Cavalcante;
(1883) - Francisco Siabra de Andrade Lima;
(1891-1907) - Custódio Luís de Araújo.

No século XX

(1907-1913) - Manuel Christovam Ribeiro Ventura;
(1913-1919) - Joaquim Theóphilo Agra da Silva;
(1919-1926) - Theodomiro de Queiroz Melo
(1926-1931) - Apolônio Gaudêncio;
(1931-1934) - José Borges de Carvalho;
(1934-1939) - João Noronha;
(1939-1942) - Edgar Toscano;
(1942-1969) - João Marques Pereira;
(1970-1991) - padre Antonio Apolinário;
(1991-1996) - Valdir Campelo Cabral;
(1996-hoje) - Tarcísio Spirandio.



(1) - Padre João Noronha realizando uma 1ª Eucaristia em Parari.



(2) - Padre Edgar Toscano no Externato Santa Terezinha em Taperoá.

Desde os primórdios, a

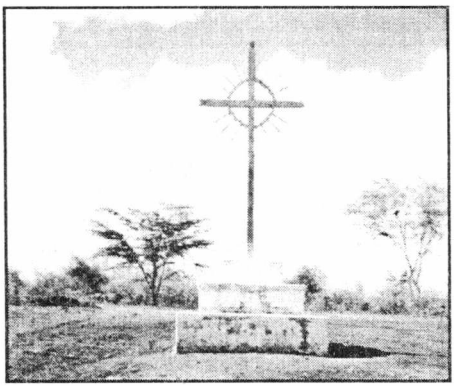
religião Católica foi implantada aqui em nossas terras. Neste século XX registramos algums dos passos desta comunidade, às vezes para frente, ora para trás.

Em 1942 pela primeira e única vez o Frei Damião de Bozano veio a Parari realizar missões.

O padre Marques assim que chegou para comandar a nossa cristandade Católica, em 1942, tratou de retirar o cruzeiro, erguido por padre Ibiapina, da frente da igreja para o alto ao norte do cemitério, alegando que muitos casais usavam o mesmo para namorar e na frente da igreja era pecado. Um crime histórico!Em 1948, o mesmo padre comprou por Cr$ 10. 000, 00 a casa paroquial que pertenceu a Maria José de Queiroz. Nesse tempo as missas eram em latim e José Mariano e Jair Caluête eram os sacristãos.

Padre Marques esteve nas funções de vigário até 1969 quando faleceu e foi substituído por José Rodrigues durante alguns mêses, já que em 1970 chegava de Juazeirinho o padre Antonio Apolinário.

Padre Antonio retirou um belíssimo altar que tinha na igreja e um côro no qual ficavam as cantoras na hora das missas. Em 1981 ligou as chaves da luz elétrica que chegava a Parari e em 26 de novembro de 1988 realizou a primeira missa cantada pelo coral Canto Novo, organizado pela comunidade. O brilhantismo mudou o canto das missas, muitas vezes emocionando o padre Antonio. Na sua época, as missas eram realizadas aos domingos pela manhã, posteriormente mudando para as quartas à noite e quintas pela manhã. No mais foi um bom vigário, simples e humilde, deixou a paróquia em 17 de outubro de 1991, sendo substituído por Valdir Campelo Cabral que ficou por aqui até 1996 quando São João do Cariri separou-se da paróquia de Serra Branca eTarcísio Spirandio passou a ser o padre de Parari que ficou pertencendo a Serra Branca como ainda é hoje.



O Cruzeiro construído por Padre Ibiapina, hoje encontra-se no alto do cemitério.

3. 16. 1 - A DEMARCAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE SÃO JOSÉ

Acreditamos na hipótese de que o território que hoje pertence ao patrimônio de São José era um pátio antigo onde existia a fazenda das Pombas, dotada de uma capela e que os antigos proprietários fizeram uma doação oral do referido, já que encontramos lançado no Cartório do 1ºOfício de São João a demarcação do patrimônio apenas em 1943.

Em casa de Joaquim Alves Caluête, o padre Marques, perante as presenças de José Mariano de Queiroz, Maria José de Queiroz, Francisco Aires de Queiroz, dentre outros que tinham terras limítrofes, decidiram que o terreno pertencente ao patrimônio de São José media 984 braças de nascente a poente do lado sul, 726 braças na linha nascente de sul a norte, 382 braças na linha de sul a norte no lado poente e 250 braças na linha do poente de sul a norte, limitando-se ao sul com as cercas de José Mariano de Queiroz, ao norte com terras de Maria José de Queiroz, José Sebastião Feles de Oliveira, Severino Nascimento e Augusto Vito, ao nascente com terras de Beliza Sales, Francisco Aires de Queiroz, Tereza e Inácio Caetano de Queiroz, sendo o meio do rio Taperoá o limite, e ao poente com terras de Tereza Aires de Queiroz.

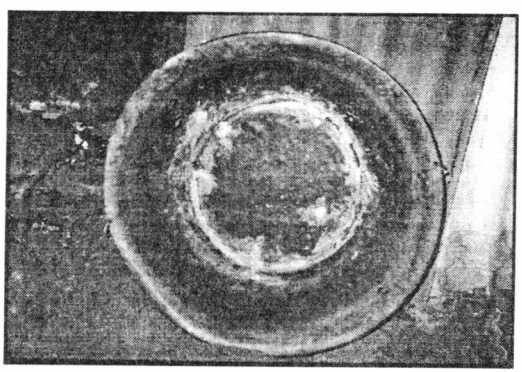
Hoje para construir um imóvel nesse território, compra-se a determinada parte a igreja Católica.

3. 16. 2 - A MUDANÇA DA FESTA DE SÃO JOSÉ

A festa de São José sempre foi realizada no seu dia 19 de março, até que em 1961 uma grande cheia no rio Taperoá por pouco não antecipou os dias de vida do padre João Marques Pereira, quando uma imensa bacia de zinco foi utilizada para conduzir o padre na ultrapassagem do rio que cruza a estrada que dar acesso a Parari.

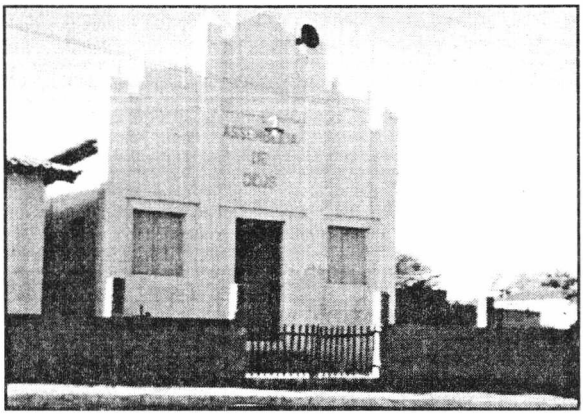
Assim registrou o padre Marques no Livro de Tombo nº01, hoje arquivado na paróquia de Serra Branca:

> *"Nov, 5/1961-Festa do padroeiro da capela de Parari. Não sendo possível ser celebrada no dia próprio 19 de março, foi realizada na data citada a festa de São José padroeiro de Parari, com muita piedade"* (33)



Bacia que servia de transporte fluvial na ultrapassagem do Rio Taperoá, a mesma que naufragou com o padre Marques.

3. 17 - HISTÓRICO DA IGREJA EVANGÉLICA EM PARARI



Segundo fontes fidedignas colhidas da anciã Severina Maria Félix , moradora em São João do Cariri, testemunha pela primeira vez a presença de dois jovens crentes na comunidade de Parari, vindo-os de São José dos Cordeiros. Era um sábado de 1962 quando os jovens Zacarias e Zé Calixto hospedaram-se em sua residência permanecendo até o domingo. De acordo com a versão de D. Severina, ao despedirem-se da antiga vila de Parari os jovens deixaram uma inscrição bíblica em uma pedra. Para os evangélicos foi uma verdadeira profecia, e possivelmente foi neste local construído o templo da Assembléia de Deus.

Vinte e seis anos depois, mais precisamente em 1988 dar-se-ía início, em praça pública, ao primeiro culto evangélico dirigido pela Assembléia de Deus sob a direção do missionário Oscar Francisco da Silva e família, vindo-os da cidade de Ribeirão Preto com participação da cantora pararíense Madalena.

Em 1994 foi construído o templo da igreja Evangélica na gestão liderada pelo missionário João Geremias e família, procedentes do Estado do Paraná. Após a inauguração do templo no dia 28 de outubro

do referido ano, assumiu a liderança o missionário Elias Rangel e esposa provenientes da cidade de Curitiba, estado do Paraná. Ao concluir seu exercício como ministro do evangelho regressou para o seu estado em janeiro de 1996. O pastor Epitácio Ramos da Silveira, que na época pastoreava a igreja de São João do Cariri, passou a liderar por alguns meses a Assembléia de Deus em Parari. Meses depois foi empossado o presbítero Luis Moreno de França e sua esposa que permaneceu por alguns meses.

Em 23 de dezembro de 1995 o missionário Elias Rangel celebrou os primeiros batizados realizados em Parari, a saber:Valdilene dos Santos Moura de Oliveira, Joelson Sabino, Lucicleide de Oliveira Queiroz, Anderson Ferraz Bezerra e Irineu Moreno.

Devemos frizar que José Aristeu de Oliveira foi o primeiro pararíense a tornar-se diácono em 1 de fevereiro de 1999 e protagoniza juntamentre com a jovem Valdilene dos Santos Moura de Oliveira o primeiro casamento realizado por esta igreja em Parari no dia 19 de setembro de 1998.

Hoje, a referida igreja evangélica encontra-se dirigida pelo missionário Xavier Cordovil do Rosário e esposa, provenientes da cidade de Belém do Pará.

CAPÍTULO IV

PARARI DOS ANOS 90:
UMA DAS MAIS NOVAS CIDADES DO BRASIL

4. 1 - PRIMEIRA ELEIÇÃO DO MUNICÍPIO DE PARARI

Em 3 de outubro de 1996, realizou-se a primeira eleição para a escolha do primeiro Prefeito e a primeira Câmara Municipal do novo município de Parari.

A disputa para Prefeito esteve polarizada pelas candidaturas de Francisco de Assis Queiroz e José Santino(Prefeito e vice respectivamente) representando uma coligação entre os partidos PMDB/ PL e do outro lado, Jairo Aires Caluête e José Marivaldo Farias(Prefeito e vice respectivamente), representando o PFL.

O único nome que é novidade no cenário político da região é o do comerciante Dedé Farias, uma vez que os outros acima citados, são raízes de nossa antiga sede. Assis Queiroz já fôra Vereador e Vice-Prefeito em Cordeiros, Jairo tem uma carreira política mais extensa já tendo sido em São José dos Cordeiros Vereador, Vice-Prefeito e Prefeito, respectivamente; e José Santino atuara numa legislatura na Câmara Municipal da mesma cidade.

Para a Câmara Municipal concorreram os seguintes candidatos: Severina Cavalcante Ribeiro, Inêz Aires de Queiroz, Eudo José Cavalcante, José Aires Cavalcante, José Pedro da Silva, José Joaquim

dos Santos, Lenildo José Ribeiro e Flávio, representando a coligação PMDB/PL e José Tadeu Aires Caluête, Osvaldo Aires de Queiroz Filho, José Mário Gomes Fernandes, Severino Rodrigues de Queiroz, Inácio Aires de Queiroz Filho e José Ramos de Queiroz, representando o PFL. Antes da emancipação política, Parari já fervia como um caldeirão comentando-se bastante a respeito das candidaturas. Havia os que apostavam na união das duas famílias (QUEIROZ e CALUÊTE) e no lançamento de uma chapa tendo Jairo e Assis como candidatos a Prefeito e Vice, respectivamente. Presenciamos bastante cenas de debates sobre o assunto, inclusive um depoimento do sr. Jairo Caluête respondendo a uma indagação sobre a possibilidade, negando-a completamente.

O tempo passava e chegou a época das Convenções. Primeiro a do PFL que lançava Jairo e Dedé, posteriormente a do PMDB que lançava Assis e José Santino, sendo que este último preferiu a pedido de Paulo Medeiros e Genival Queiroz, juntar-se a esta última chapa e não à primeira que o convidou primeiro para ser Vice-Prefeito.

Lançadas as chapas, passaram-se as campanhas propriamente ditas. Candidatos visitavam as comunidades, a população dividia-se nesta bipolaridade. Conversas e "disse não disse"rolaram bastante. A feira de Taperoá passou a ser palco da disputa das duas chapas, das campanhas, das farras em prol de ambas candidaturas. O povo aproveitava o ensejo para pedir tudo a todos.

No dia 3 de outubro do referido ano, Parari assistia a uma eleição quente e disputada. O tradicional "cabresto"foi utilizado pelas duas candidaturas;os candidatos a vereadores não fugiram à regra.

No final da tarde, as urnas seguiram a trajetória para Serra Branca onde foram abertas e contadas dando a vitória a Jairo Caluête com uma maioria de 74 votos. No final da noite, uma passeata comemorava a vitória na zona rural e urbana de Parari.

Na escolha para os primeiros vereadores de Parari, o candidato

mais votado foi José Tadeu Aires Caluête, com 162 votos, seguido da candidata Inêz Aires de Queiroz com 134 votos, Osvaldo Aires de Queiroz Filho (102 votos), José Pedro da Silva (91 votos), José Mário Gomes Fernandes, (91 votos) Severino Rodrigues de Queiroz (91 votos), Eudo José Cavalcante (82 votos), Severina Cavalcante Ribeiro (75 votos) e José Aires Cavalcante (62 votos), empatando com Lenildo José Ribeiro que por ser mais novo ficou na primeira suplência.

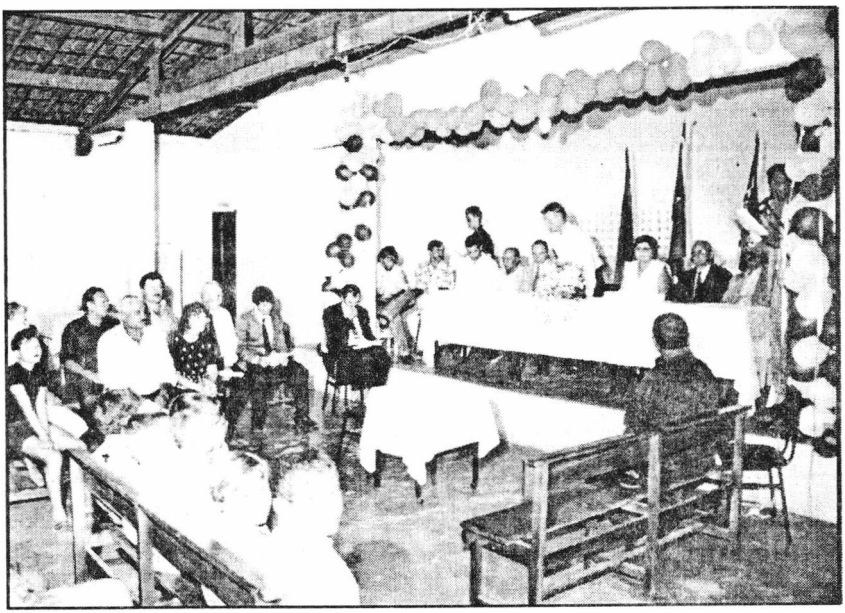
4. 2 - ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO I GOVERNO DE PARARI

Em 1º de janeiro de 1997, foram empossados o primeiro Prefeito e a primeira Câmara Municipal de Parari.

Nesse dia, o prefeito Jairo Caluête iniciava seus trabalhos a frente do Poder Executivo de Parari, a princípio, tendo que conviver com uma minoria na Câmara Municipal. A única chapa que concorreu na eleição da primeira Mesa Diretora desta Casa era oposicionista e foi aprovada em Sessão Solene e ficando assim constituída: Severina Cavalcante Ribeiro-Presidente, Inêz Aires de Queiroz-Vice-Presidente, José Aires Cavalcante-1º Secretário e Eudo José Cavalcante-2º Secretário. Porém passando alguns meses, o Prefeito conseguiu adesão da Presidente e passou a ter um certo controle na maioria dos Vereadores. A Câmara Municipal de Parari recebe o nome de "Casa José Acelino de Queiroz", por ocasião da Lei Municipal nº06/97, projeto de autoria da vereadora Inêz Aires de Queiroz, prestando uma homenagem ao seu sogro e agropecuarista do Campo Grande neste século XX.

Com o objetivo de fazer a Lei Orgânica do município de Parari, a Câmara Municipal instalou no dia 27 de agosto de 1997 a Assembléia Constituinte tendo como presidenta Severina Cavalcante Ribeiro e relator Osvaldo Aires de Queiroz Filho. Com 195 artigos, além de mais quatro no Ato das Disposições Transitórias, o Projeto de Lei Orgânica foi

aprovado em 1ºturno no dia 6 de novembro e em 2º no dia 18 do mesmo mês e ano, sem nenhuma emenda ou rejeição no âmbito do mesmo. Finalmente em 13 de outubro de 1997 foi promulgada a Lei Orgânica do município de Parari.



Ao centro da mesa o prefeito Jairo Caluête e a presidenta da Câmara Severina Cavalcante Ribeiro; à esquerda (embaixo do palco), os Vereadores Constituintes no dia da promulgação da Lei Orgânica de Parari.

No primeiro ano de governo Jairo Caluête tratou de organizar a casa sob a qual iria funcionar o novo município de Parari. Tratou a princípio de convocar seu secretariado e contratar em caráter emergencial o funcionalismo público. Posteriormente, acionou seu plano de governo. Nesse ano de 1997 foi instalado no poço artesiano da cidade um dessalinizador, construído um açude na comunidade de Rio de Fora

e equipada a creche "Firmina Moreno", uma homenagem justa a quem tantos partos operou na época em que eram feitos em casa. Nesse mesmo ano realizou-se o primeiro concurso público de nosso município, realização esta que fez com que caisse um pouco a popularidade do prefeito.

Em 1998 as comunidades do Caboclo e Campo Grande passaram a usufruir do direito de uso dos telefones, quando a antiga TELPA recebeu os recursos necessários para alí instalar dois postos telefônicos. Ainda nesse mesmo ano o governo municipal pararíense concretizou o calçamento do conjunto Osvaldo Aires de Queiroz, embelezou a cidade com a recuperação das praças públicas com TV, adquiriu um ônibus e três Kombis destinados ao transporte do alunado da zona rural para a cidade, construiu várias passagens molhadas na estrada que liga Parari a São João do Cariri e fez melhoramentos na nossa repetidora, de modo que passou a gerar o sinal do SBT. Em convênio com Governo Federal foi realizada a ampliação do açude de Parari agora com capacidade para 1. 400m3 d'água. Também foi iniciada a construção do açude da Serrota.

Em 1999 podemos enumerar em termos de obras públicas a construção da Escola Municipal do Pré-Escolar "Noêmia Aires de Queiroz", da praça "João Marques Pereira"em frente ao Teatro "Pe. Ibiapina" e também do conjunto "José Alves Caluête", composto de 11 casa populares , um convênio com o projeto Habitar Brasil, do Governo Federal, inaugurado em 30 de outubro do corrente.

4. 2. 1 - POÇOS ARTESIANOS

Em virtude da Convenção Estadual e das eleições de 1998, o governador José Maranhão tentou agradar a gregos e troianos ao mesmo tempo. Sorriu para o vereador , da Oposição local, José Pedro da Silva e acenou com a mão direita para o prefeito Jairo Aires Caluête.

Enquanto a oposição parariense utilizava o deputado Pedro Medeiros a situação lançava mão do deputado Nominando Diniz, como mediadores para que seus projetos chegassem ao Governo do Estado.

Vale exemplificarmos apenas a questão dos poços artesianos. Como a Convenção foi primeiro, os poços a serem perfurados primeiro foram os da oposição local, sendo est_s os seguintes:3 no Campo Grande, 2 no Poço da Pedra, 1 no Riacho do Marco, 1 no Rio de Fora e 1 no São Caetano. Passada a convenção, o Governo Estadual prometia realizar as obras pleiteadas pelo Governo Municipal, todavia estas se fizeram presentes após as eleições. Com recursos estaduais foram perfurados os seguintes poços:um no Rio de Fora, um nos Caldeirões, um no Campo Grande e um na Ramada. Em 1999, com recursos municipais são erguidos 1 no Cardoso, 1 no Algodão, 1no Agreste, 1 no Richo do Marco, 1 na Pedra Grande, 1 no Poço do Rancho, 1 nas Marias Pretas e outro no Rio de Fora. Brigas a parte, verifica-se o aumento quantitativo dos recursos hídricos tão escassos em nosso município.

4. 2. 2 - BANDEIRA E HINO DE PARARI

A Bandeira do município de Parari foi oficializada mediante a aprovação da Lei Municipal nº53/99 de 27 de abril de 1999 e idealizada pelo professor Osvaldo Filho, que dividiu a mesma em azul e branco, cores oficiais do município, destacando-se o sol como o renascer do antigo povoado que desponta como cidade e uma pomba simbolizando nosso passado, uma vez que este vocábulo denominou a antiga fazenda e povoado por muitos anos.

O Hino oficial do município de Parari foi oficializado segundo a Lei Municipal 52/99 de 27 de abril de 99 tendo a letra e a música composta pelo professor Antonio de Oliveira, mostrando a importância da agricultura e a pecuária em nossa economia bem como a passagem do religioso Ibiapina por aqui.

4. 2. 3 - ARTES E CULTURA

O município de Parari hoje vive num marasmo cultural. Tem um teatro recuperado e uma juventude sem orientação e disposição para desenvolver peças teatrais. Há dois anos não se realiza a tradicional quadrilha junina, nossa comunidade estudantil não desfila há nove anos por falta de instrumentos musicais e professor de música para ensinar a tocá-los.

A Banda Filhos da Terra calou-se com a morte do baterista Gilson Ribeiro, vale lembrar que mesmo quando vivo não teve incentivos locais para crescer, uma vez que a população preferia assistir a um conjunto musical de fora não valorizando a prata da casa. Em se falando de sucesso na música recordamos o nome de Jordão, filho natural de Parari que fez carreira no trio Gaviões do Nordeste, mas entrando em desentendimentos com os demais participantes do grupo, formou juntamente com o Trio Ariús de Taperoá, os Gaviões da Serra que hoje é sucesso regional.

De positivo em termos culturais, podemos apontar o desenvolvimento esportivo de nosso município. Trazendo na bagagem a experiência de um profissional que passou pelo Treze, Campinense, Gama, Olaria e outras equipes, Terto assume o comando dos esportes pararienses. Em 1998 organizou a I Liga Parariense de Futebol Amador envolvendo as equipes de futebol adulto de várias comunidades rurais e da cidade, ficando ele com o cargo de Presidente da mesma. No dia 29 de agosto de 1999, foi realizado o torneio início da I Copa Parari de Futebol Amador sendo campeão o time do América local. Este campeonato foi disputado entre as seguintes equipes: América (Parari), Grêmio (C. Grande), SantaCruz (P. Pedra), Flamengo (Farias), Vasco (jaramataia) , Sport (Garrota) , Grêmio (Farias), a final disputada no dia 28 de novembro do corrente ano sagrando-se campeão o América local e vice o Vasco. O América local foi fundado em 16 de janeiro de 1972

por Severino Ferreira("Severino Soldado") e presidido por Genival Queiroz. Fizeram parte do primeiro time os seguintes jogadores:Sebastião Moura, Severino Moura, Luiz Moura, José Pedro da Silva, Fernando Queiroz, Rivaldo Barros, S. Ferreira, Heleno Barros, "Chico de Lia", Sebastião Souza, Sebastião Medeiros e Manuel Celestino.

No que concerne a arquitetura destacam-se os pedreiros Titiu, Renato Farias, Luis Ribeiro, Zé de Zéu, Severino Rodrigues, Sebastião Moura, Rafael Filho e Germano. No tocante a escultura merece referência Luis Ribeiro que já demonstrou habilidade esculpindo madeira, Leandro Targino, João Batista e Titiu que trabalham em serviços de carpintaria muitas vezes tendo que esculpir a madeira; a literatura se faz presente em nosso município através da poesia popular do poeta Jonas Pedro e nas composições de Francisco de Assis Pedro, autor de "Forró do Bode"cantada pelos Gaviões do Nordeste.

Em se falando de religião, temos hoje as igrejas Católica e Evangélica, a primeira chefiada pelo padre Tarcísio Spirandio, natural de São Paulo e a segunda pelo pastor Xavier Cordovil, proveniente do Pará. Em 1998 o bispo D. Luis Gonzaga Fernandes realizou o sacramento da crisma em nosso município, crismando 30 fiéis, enquanto a igreja evangélica organiza seus cultos em conjunto com as comunidades vizinhas como Taperoá e São João do Cariri.

Ainda no tocante a religião católica, vale citar os nomes de duas freiras pararienses:Crisoleide e Flávia Matias de Queiroz, hoje atuando em Recife.

Destacaram-se nos bancos das Universidades e hoje são privilegiadas por ter concluído o 3ºgrau e atuando em nosso município as seguintes pessoas:

Tadeu Caluête e Osvaldo Filho(no Jornalismo);
Bernadete Queiroz(na Química Industrial);

- Leandra Ribeiro(em Letras);
- Aparecida Oliveira (na área pedagógica);
- Paulo Rogério(Química);
- José Luciano(História);
- Jacinta Vilar(Pedagogia).

4. 2. 4 - CÉREBROS PARARIENSES FORA DO MUNICÍPIO

Encontram-se hoje prestando serviços fora de Parari, vários nomes de pessoas naturais daqui, dentre eles:Yolanda Queiroz(advogada em Campina Grande), Socorro Queiroz(jornalista, trabalha no SINE em Campina Grande), Fátima Vilar(engenheira química em Roraima), Maria Auxiliadora Vilar Gusmão(contadora em Campina Grande), Leódigo Matias(Matemático em Rondônia), Eduardo Fernandes(veterinário em Juazeirinho), Socorro e Inácio Caluête (farmacêuticos em C. Grande), Maria Betânia(psicóloga em Roraima), Everaldo Costa (sargento da marinha no Rio de Janeiro), Evaldo Costa (jornalista e ex-secretário do governo Miguel Arraes, Recife), Josélia e Faustino Cavalcante(Historiadores em Taperoá), Luzineide Aires(Matemática em Assunção), Adriana Ribeiro(professora de Português em Santa Luzia), Josimar Queiroz (gerente adjunto no Banco Paraiban em C. Grande), Fernando Queiroz (assessor do prefeito de Cordeiros), José Geraldo Queiroz (dono de uma agência de Carro em patos), José Delarue (representante de vendas no Rio de Janeiro), Jeová Caluête (sócio do Hotel Concórdia no Rio de Janeiro), Marli Caluête (contadora em João Pessoa), Genival Filho(proprietário do Mundão das jóias, em João Pessoa), Sinda (aposentado pela SANBRA) Adaiton, Aparecida Queiroz e Adriano Cavalcante (Funcionários da Prefeitura de Taperoá) Anazilda Queiroz (func. Pública em Assunção) Madalena Lima Silva (Funcionária do Forum de S. J. Cariri) Ronaldo Queiroz (oficial de Justiça em São João do Cariri) Socorro Abidias (Func. S. J. Cariri), Maria José Abidias

(Func. Forum de Taperoa) muitos outros que no momento fogem à memória.

4. 3 - É PARARIENSE, O PREFEITO MAIS VELHO DO BRASIL

Inácio Caluête tem hoje 86 anos de idade e encontra-se ocupando a cadeira de prefeito do município de Gurjão.

Filho do mártir de 35, Severino Alves Caluête, e Ana Aires de Queiroz, Inácio viveu sua juventude no povoado de São José das Pombas. Casou-se com Áurea Correia de Queiroz(Zaré), construiu família e atuou como prefeito da referida cidade por duas vezes, sendo a primeira legislatura de 1977 a 1983 e atual , de 1997-2000.

4. 4 - ELEIÇÕES 98

Quase completando dois anos da atual administração, Parari é sacudido mais uma vez por um agitado pleito.

Desta feita, nem o caráter estadual e nacional destas eleições extinguiu as hostilidades políticas das tradicionais famílias locais(CALUÊTE x QUEIROZ), no que concerne à aquisição de votos.

Levando-se em consideração a existência da antiga política de compromissos, podemos afirmar que os chefes políticos de Parari apoiaram-se numa deputação estadual como meio mais propício para receber benefícios do Governo do Estado. O líder da Oposição pararíense, Genival Queiroz apoiou para Deputado Estadual o candidato Pedro Medeiros, enquanto o prefeito Jairo Caluête indicava para seus munícipes o nome do sertanejo peemdebista Nominando Diniz.

Até o mês de junho os olhares especiais do Governo do Estado eram destinados ao grupo Queiroz afinal, era o voto do delegado municipal do PMDB José Pedro da Silva, sua grande cobiça para vencer a Convenção Estadual que disputava com o senador Ronaldo Cunha

Lima. Assim, as primeiras obras conseguidas junto ao Governo do Estado chegaram ao município de Parari diretamente para o controle da Oposição, o que era inaceitável para o prefeito Jairo, que recebera as suas reinvidicações após as eleições.

Passada a Convenção Estadual que deu a José Maranhão o direito de disputar o Governo do Estado da Paraíba, restou às duas facções políticas de Parari apenas a opção de, mesmo apresentando hostilidades, apoiar o esquema Maranhista.

A nível estadual foi lançada a coligação "Paraíba Unida"liderada pelo governador José Maranhão, onde aglutinavam-se forças do PMDB, PFL e outros partidos menores no cenário político. Entretanto, o prefeito de Parari é do PFL e a oposição do PMDB e, *"segundo já tem sido observado, as correntes políticas municipais se digladiam com ódio mortal, mas comumente cada uma delas o que pretende é obter as preferências do governo do estado. Não se batem para derrotar o governo no território do município, a fim de fortalecer a posição de um partido estadual ou nacional não governista, batem-se para disputar, entre si, o privilégio de o governo e nele se amparar".* (34)

Na luta, visando a votação para deputado estadual, o Executivo municipal levou a melhor, uma vez que Nominando Diniz obteve 469 votos e Pedro Medeiros 322, uma maioria de 147 votos.

É de suma importância registrarmos as várias adesões políticas que aconteceram pouco menos de um ano após a vitória do prefeito Jairo. Os líderes políticos Alonso Ramos, "Paizinho da Ramada"e Lenildo Ribeiro abadonaram a filiação partidária da Oposição e passaram a apoiar o prefeito, enquanto isso, o vereador situacionista Severino Rodrigues de Queiroz rompeu, apenas momentaneamente, com o prefeito Jairo e indicou para seus eleitores votarem no jornalista Marcial Lima, desviando-se dos objetivos da política Jairista que queria eleger Nominando Diniz.

O líder político José Santino e a vereadora Inêz apoiavam para deputado federal o candidato Vital do Rêgo causando um certo conflito inter-partidário onde membros do próprio partido acusavam-lhes de terem recebido muito dinheiro para "encurralar"votos para Vital. Ninguém do PMDB pediu votos para o candidato Adauto Pereira, o então candidato de Pedro Medeiros, e sendo assim quem obteve a grande maioria dos sufrágios para federal foi Álvaro Gaudêncio Neto que mesmo assim não conseguiu votos suficientes para voltar a Câmara Federal.

4. 5 - ECONOMIA E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO HOJE

Apesar de certos avanços no setor de infra estrutura, nosso município ainda é arcaico no que concerne aos aspectos econômicos. A base de nossa economia é a agricultura tradicional e a pecuária extensiva, o comércio é pequeno e dependente e a indústria é quase inexistente, e artesanal.

4. 5. 1 - AGRICULTURA

Há dois anos não chove o suficiente para termos uma boa safra agrícola. Mesmo nos anos chuvosos, nossa agricultura consiste no plantio de uma terra cansada, dependendo do trabalho do homem que usa implementos arcaicos como a enxada e o cultivador movido à tração do boi manso, recursos estes que já cairam da moda nas regiões de agricultura moderna.

Plantamos em março e colhemos em junho, desde que neste intervalo de tempo chova para plantar, para crescer e para brotar, ou seja, chova todos os meses. Daí resulta a nossa dependência em relação à natureza, que diga-se de passagem, não tem ajudado muito, afinal, o próprio homem apenas a agrediu. Portanto, necessitamos da irrigação que antes de Cristo já existia em regiões da Ásia.

Quando chove para plantar e para crescer e falta para colher, a safra está perdida. Resta apenas a palha para alimentar o gado e outros animais.

Quando chove para colher, os produtos como o milho e o feijão, que são bases de nossa agricultura, são armazenados em depósitos de zinco ou de aço e a outra parte, muitos levam às feiras para vender. O preço é o mínimo possivel, afinal a oferta superou a procura. Nossa agricultura continua sendo de subsistência, pois o dinheiro recebido da venda dos mantimentos é utilizado para comprar as mercadorias que não produzem como o macarrão, o sabão, o gás, o açúcar, o remédio, os vestuários e outros produtos industrializados.

Nossas relações sociais de produção na agricultura é uma mistura de trabalho assalariado e relações semi-feudais. Há casos onde o dono da terra paga com dinheiro pelo trabalho do "sem-terra", ou ao pequeno sitiante um, dois ou até mais dias de serviços para plantar, cultivar ou colher na sua terra, o chamado "bóia-fria". Contudo, o mais comum em nossa sociedade é o trabalho de moradores ou meeiros. O dono da terra geralmente ocupa uma outra atividade, ou tem uma terra grande e não quer trabalhar sozinho e assim sendo, utiliza-se do trabalho de meeiros, terceiros ou moradores. Entendemos no primeiro caso, aqueles que muitas vezes tem um pequeno pedaço de terra ou mora na cidade e usa a terra do patrão dividindo a metade da produção no final da safra. No segundo caso, a diferença em relação ao meeiro consiste no fato de o trabalhador ficar com apenas um terço da produção;e os moradores são pessoas pobres que não obtém a propriedade da terra e moram em terras dos outros. Trabalham na agricultura, na criação e em outros serviços do seu senhor;geralmente o admira bastante e o toma como padrinho de um dos seus filhos, votam no candidato que ele mandar e são felizes por andarem no carro do patrão sem pagar passagem. É para eles uma honra quando o patrão lhe dirige a palavra.

Os produtos mais cultivados em nossa região são milho, feijão,

seguidos de outros como batata-doce, abóbora, melancia, pepino, etc. Muitas pessoas cultivam estes produtos nas vazantes dos açudes, e os que não possuem armazenamento de água trabalham como meeiros nos açudes dos outros.

Nem todos os agricultores têm condições financeiras para pagar pelo uso de tratores arando a terra e assim sendo, recorrem aos recursos da Prefeitura Municipal. No tocante ao uso da máquina de debulhar, verificamos o pagamento em espécie, ou seja, para cada saca debulhada tem três litros do produto para o dono do trator.

A Secretaria da Agricultura de nosso município é comandada por Nagnaldo Tavares.

4. 5. 2 - PECUÁRIA

Sempre tivemos a tradição para a criação. O gado bovino é o tipo mais valorizado pelo nosso produtor rural. Serve este para transportar a carroça e o cultivador além de fornecer a carne, o leite e o couro que são consumidos pelo mercado interno. Do leite alguns fazem a coalhada que serve de alimento para a família, além do queijo e da manteiga que são vendidos nas feiras. Aqui não se verifica nenhum curtume, todavia o couro dos animais é vendidos nas feiras das cidades vizinhas ou a Geraldo Queiroz que herdou este ofício de seu pai "Paizinho Pequeno".

A criação de ovelhas e cabras tem por finalidades atender ao mercado interno. Muitos são levados para a venda nas feiras vizinhas ou então são vendidos "na porta"a vários compradores que aparecem. Além disso nos presenteiam com a carne, de tal forma que é comum ouvir do criador: *"Vou deixá aquele bodeco para noite de festa"*, ou ainda: *"Vou deixá aquela marrã para cumê sua buxada no final do ano"*. Em algumas vezes notamos que o patrão mata a criação e doa a "miçanga"ao morador.

Cresce nesta década de 90 a criação de galinhas matrizes e de

frangos, a primeira produtora de ovos e a segunda produtora de carne. Anderson Ferraz e João Batista Caluête vendem carne de frango na cidade de Parari, enquanto Jocélio Araújo cria na fazenda Poço da Pedra e vende na cidade de Taperoá. Fernando Sobrinho, José Samuel, Diógenes Correia, Assis Amadeu, Osni Simão e Edilson Alves são proprietários de granjas criadoras de galinhas vendendo os ovos nas feiras de Taperoá, São João do Cariri, Campina Grande e Santo André.

Desenvolvemos também a criação de porcos em chiqueiros de pau-a-pique, algumas vezes no sistema de "meia".

Muitos proprietários de terra e de gado doam uma cria ao morador e consentem a criação da mesma junto com as suas. Para o trabalhador é um favor muito grande que o patrão lhe faz.

Carne para atender as necessidades do mercado interno, nota-se em alguns pequenos estabelecimentos comerciais, pois não existe matadouro público. Em Parari destacam-se como machante Diógenes Correia, no Rio de Fora João de Deus e no Campo Grande José de Zéu. Agamenom Flôr e Inácio Romão matam e vendem carne de porco em nossa região. Muitos ainda compram em outras cidades.

Hoje em nosso município existe a ACCOP(Associação de Criadores de Caprinos e Ovinos de Parari), tendo como presidente Nagnaldo Tavares.

4. 5. 3 - COMÉRCIO

Parari é uma das poucas cidades do Estado da Paraíba que ainda não tem feira. Temos a Lei Municipal nº35/98, cujo projeto foi de autoria do vereador Severino Rodrigues de Queiroz, que teoricamente viabiliza a criação da feira municipal de Parari. De certo trata-se de uma tarefa a ser cumprida por toda sociedade com o objetivo de progredir nesse sentido, uma vez que na idade Média elas já existiam.

Nossa pequena produção agrícola é vendida nas feiras das cidades

vizinhas, em contrapartida, nossos produtos industrializados e alguns serviços são trazidos destas cidades para Parari, o que nos conduz afirmar que nosso comércio é dependente.

A zona urbana desse município tem hoje 21 pequenos estabelecimentos comerciais, sendo duas farmácias, uma loja de peças de motos e bicicletas, um bar e lanchonete, um pequeno comércio de carne bovina, dois revendedores de botijões de gás e gasolina, dois mercadinhos, e outros bares e mercearias. Esses estabelecimentos são pequenos e só têm mercado consumidor mais intenso nos dias de festas, pagamentos de emergência e funcionários públicos ou em dias de qualquer outro evento que junte grande número de pessoas. Em muitos, prevalece o "fiado", onde cada comerciante tem seus fregueses que só pagam a conta no final do mês.

Na zona rural também existe o pequeno comércio, as chamadas "budegas", onde muitas pessoas compram apenas em casos de necessidades, pois muitos preferem comprar nas cidades.

4. 5. 4 - SERVIÇOS

Temos hoje a prestação de serviços dos Correios Públicos, quatro borracharias, um salão de beleza, três marcenarias, uma delegacia, etc.

Além do trabalho de Dra. Alda Dias, Dra. Germana e Ana Raquel(estas últimas odontólogas), que exercem os préstimos da medicina na zona urbana, temos também a atuação de Dr. Euwam Oliveira e Alda dias nas comunidades rurais de Campo Grande, Farias e Poço da Pedra, todos comandados pela Secretária de Saúde Auridete Morato.

4. 5. 5 - INDÚSTRIA

Esta é a atividade econômica menos desenvolvida em nosso município. A tecnologia avançada ainda não chegou por aqui e por isso só registramos a presença de três fabriquetas:a padaria de João Aires e as marcenarias de Titiu e João Batista, utilizando pequenas máquinas movidas à energia elétrica.

No mais, cumpre observar a atuação da indústria manufatureira, no que concerne a fabricação de tijolos, cordas e no trabalho das costureiras. Essas atividades são manuais pois, no máximo, os artesãos utilizam algumas ferramentas, no entanto são donos do poder e do saber.

4. 6 - ENSINO HOJE

Parari tem hoje 11 escolas municipais de 1ª fase do Ensino Fundamental na zona rural e uma na cidade, uma escola de Ensino fundamental e Médio, seis escolas estaduais de Ensino Fundamental na zona rural, uma cheche Pré-escola e o Logos II.

Os professores municipais, aprovados no concurso público são efetivos e enquadrados no FUNDEF, enquanto a maioria dos que trabalham no na 2ª fase do Ensino fundamental e Médio são apenas prestadores de serviços para o Estado sem nenhum tipo de melhoria salaraial, inclusive não são enquadrados no FUNDEF.

Nosso município conta com uma Orientadora Educacional e uma Assistente Social que em 1999, em conjunto com os demais professores, participaram da PB-FEST montando um stand em João Pessoa, coordenados pela Secretária de Educação Inácia de Loyola Caluête.

4. 7 - SECA E EMERGÊNCIA:OH! COITADOS!

Em 1998 mais uma vez as chuvas se fizeram ausentes, contribuindo

ainda mais para oprimir a nossa agricultura de subsistência e a nossa pecuária extensiva. A pequena e média propriedade passaram o ano em repouso absoluto, enquanto os pequenos e médios criadores tiveram que comprar uma carrada de palma por R$ 120, 00, bagaço de cana, torta, farelo de trigo, "cama de galinha", etc, para não ver perecer a semente da criação que fornece produtos para a alimentação e para outras finalidades. Mesmo assim, o gado emagreceu e muitos morreram deixando prejuízos para quem investiu durante todo o ano.

Sem chuvas e sem emprego a maioria da população de Parari teve que recorrer, mais uma vez, a esmola do governo, disputando vagas nas frentes "produtivas", que por sinal não produziram nada. Dos quase 2000 habitantes de nosso município, 1453 recadastraram-se no levantamento feito pelas Associações Comunitárias da zona rural e urbana para disputarem 150 vagas enviadas pelo Governo do Estado com o aval da SUDENE. Nesse dia, todo mundo queria ser pobre, era a concorrência Capitalista infiltrada no seio do proletariado.

Era o mês de abril quando todos esperavam que os alistamentos fossem efetuados nas comunidades, como de praxe;contudo, a Secretaria de Infra-Estrutura do Governo do Estado exigia que fosse formado o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural(CMDR), composto por todas as Associações Comunitárias e entidades não governamentais como a Igreja Católica, o Clube de Mães, o Sindicato dos Trabalhadores rurais, etc. Assim foi formalizado o Projeto de Lei e enviado à Câmara Municipal de Parari, sendo o mesmo aprovado por unanimidade e sancionado pelo Prefeito Municipal.

Com autonomia deliberada, o Conselho julgou todas as inscrições feitas pelos trabalhadores rurais e urbanos, levando-se em consideração determinados critérios que impedia o trabalhador da aquisição da vaga, como por exemplo:aposentados, pensionistas, funcionários públicos, pequeno comerciante, etc. Foi um peneirão difícil de fazer baseados na pobreza da população sem saber quem precisava mais de dinheiro.

Quem ficou de fora, desesperado sem renda necessária para sustentar sua família, procurava criticar e insultar o Conselho e apelar para os políticos para intercederem por um ou outro junto a quem de fato trabalhava com a distribuição das vagas.

Quanto ao trabalho, não vemos progresso em quase nada. O Governo não enviou ferramentas suficientes para todos os trabalhadores. Alguns trabalhavam outros não, a fiscalização esteve a cargo das Associações que , mais faziam vista grossa do que mesmo auditoria. Quanto ao produto final, com exceções de algumas cisternas, um ou dois poços amazonas e a retirada do aterro de alguns barreiros, não se viu uma obra concreta capaz de servir a população no futuro e recompensar com trabalho os R$ 80, 00 que cada um recebeu durante o mês que esteve alistado.

E chegando o final do ano, nos apegamos as palavras de Rachel de Queiroz quando ela afirma:

> *"E novembro entrou, mais seco e mais miserável, afiando mais fina, talvez por ser o mês dos finados, a imensa foice da morte"* (35)

No final de 1998 e decorrer de 1999, os cassacos que ainda cavavam alguma coisa passaram a frequentar "escolas"ao invés do trabalho, destarte, o governo reconhece o analfabetismo que grassa no país e talvez queira recompensá-los tentando pagar uma dívida que a história contraiu.

Em 1999 a seca continuou. Choveu apenas nos dias 13 de março e 19 de maio, com capacidades para encher alguns açudes. Em termos de safra agrícola não registramos lucros suficientes para a subsistência das famílias durante o ano. Convém notarmos, a propósito, que a situação continuou paupérrima, todavia melhor do que no ano passado pois criou um pequeno pasto para o gado e água doce para o consumo.

As frentes de emergência continuaram, ressaltando-se a troca da enxada e da pá pela caneta e o caderno. Em 3 de junho do corrente, podemos registrar a presença de chuvas poucas no Cariri e também a volta do "cossaco"ao serviço "pesado"abandonando novamente a "escola"e ao invés de 80 passou a receber apenas 60 reais mensais.

Setembro passou, outubro e novembro. . . só nos resta esperar que a natureza seja mais caridosa conosco, já que os homens usam a inteligência para fazer burrices(para alguns).

4. 8 - PARARI MODERNO:DOS ANOS 80 PARA CÁ



Padre Antônio Apolinário discursando na inauguração da energia elétrica de Parari em 1981.

A energia elétrica trouxe para a nossa sociedade inovações tecnológicas significativas capazes de mudar a feição do município de Parari que até os anos 80, ainda expressava traços de uma cultura colonial.

Assim como no setor urbano, a zona rural também modernizou-se. A luz elétrica veio substituir a lamparina;o ferro elétrico sepultar o antigo

ferro movido a brasas;o liquidificador e a geladeira também popularizaram-se em nosso meio. No entanto, o advento da televisão , este veículo de comunicação de massa, está sendo decisivamente o maior responsável pela mudança de comportamento das pessoas.

As novelas, os filmes, os programas de auditório e outros, têm perpassado para a nossa sociedade novos usos e costumes que já estão implantados nas cidades grandes. A juventude, notadamente, começa a assimilar as novidades como o correto; contudo, nota-se grande rejeição por parte daqueles que viveram sua juventude em outros tempos.

Antes da chegada da TV, as crianças brincavam de "rodas", "toca", "largata pintada", etc;não conheciam os programas infantis e desenhos animados oferecidos pelos vários canais de televisão. Hoje, muito pelo contrário, abandonaram as tradicionais brincadeiras e mergulharam, quase que unicamente, no mundo infantil da televisão.

Os namoros, casamentos e sexo já estão descambando para um novo sentido, com ênfase na ideologia exibida pela mídia. O beijo na boca e um grande contato físico muitas vezes levam a um casamento baseado apenas na convivência a dois-sem laços jurídicos ou religiosos. Os casamentos, apesar de ainda sofrerem influência dos pais, não são mais escolhidos diretamente por eles. A virgindade, principalmente nos homens, já está sendo deixada de lado, de tal forma que o sexo, em alguns tem sido uma relação meramente de aprazimento, às vezes substituindo o compromisso sério do casamento (religioso). Desse modo que, o que é(ra) inaceitável pelos nossos pais, providos pela doutrina cristã hoje é perfeitamente aprovativo pela juventude que se diz moderna.

A moda é outro traço marcante nestas duas décadas do século XX. As meninas preferem copiar o modelo da roupa da Carla Perez, usarem a sandália da Xuxa e trocarem o "pó"e o "ruge"de outrora pela sofisticada maquiagem que passam na propaganda da TV. Os meninos que antes jogavam futebol com bola de meia, hoje preferem uma bola

de marca e cortam os cabelos no estilo "Ronaldinho"e usam roupas de acordo com as usadas pelos atores da TV.

A música também tem sofrido constantes mutações no que diz respeito a preferência do público. Até os anos 80 e 90 deste século, as músicas preferidas pela clientela eram os bregas de Carlos Alexandre, Paulo Sérgio e Roberto Carlos; o forró do Trio Nordestino e do grande mestre Luís Gonzaga e as canções dos violeiros que passavam no velho rádio AM. Atualmente nossa juventude e até em parte os mais velhos, curtem mesmo o Axé da Bahia, o Pagode do Rio e até as músicas internacionais que são cantadas em vários programas televisivos.

Não vimos o Brasil ser campeão do mundo em 1958, bi-campeão em 1962, nem tri em 1970, isso porque ainda não tinha chegado por aqui a televisão e o rádio era privilégio apenas de Genival, Oriol e Artur Jacó. Em 1994, o povo da zona rural só viu a nossa seleção ser tetra porque deslocou-se até a cidade; Portanto a primeira Copa do Mundo vista na zona rural foi a de 1998.

O aparecimento das rádios FM em Serra Branca , com abrangência em todo Cariri Paraibano tem sido fator preponderante na decadência da audiência das rádios AM. Antes dos anos 80 os programas mais ouvidos eram os de Eraldo César, Leonel Medeiros e o Postal Sonoro da Rádio Caturité de Campina Grande, hoje praticamente descartados em detrimento dos programas da FM. Em vez de ligar o velho rádio à pilha para ouvir os jogos do Treze ou Campinense, a "matutada" caririzeira prefere ligar a televisão para assistir aos jogos do sul do país e até aos internacionais.

De certo, não podemos afirmar que os usos e costumes de hoje sepultaram definitivamente os do passado. Mesmo estando na moda, o "novo"convive simultaneamente com o "velho".

4. 8. 1-MODERNIZAÇÃO POR OUTRAS VIAS

Além das inovações faladas anteriormente, cumpre analisar outras formas que culminaram com a nossa modernização.

O telefone só chegou a Parari em 1984 e hoje podemos falar com qualquer parte do mundo, os correios ressussitaram em 1999 e os meios de transporte têm sido bastante incrementado. Cumpre lembrar que não temos estradas asfaltadas nem linha de ônibus, porém automóveis para Campina e outras cidades são uma constante. O município tem hoje mais de 100 motos transformando significativamente aquele cenário de apenas duas mobiletes que existiam até os anos 80. Destarte, a modernização no setor de transporte tem encurtado as distâncias, de modo que os dois dias e meio gastos por antigos tangerinos para alcançarem Campina grande, hoje, o mesmo trajeto é percorrido em apenas duas horas.

Até inicios dos anos 80 carregavam-se água em ancoretas de borracha ou de madeira, presas em uma cangalha sobre um jumento ou em lata na cabeça. Hoje, os carros de madeira puxados por bois com uma pipa(dois depósitos colados)em cima, é o meio mais utilizável. Agora as ancoretas são peças de museu e os jumentos vagam pelas estradas vicinais sem valor nem proteção.

É de praxe guardar roupas em armários, tomar medicamentos de farmácias em casos de doenças e consultar-se com médicos graduados que temos uma vez na semana em nossa cidade. Quando precisam dar à luz, as mulheres são levadas para a maternidade de Serra Branca ou Campina e nos casos de doenças mais graves ou nos dias que o médico não está na cidade, a ambulância municipal leva os doentes para Campina.

Não se usa mais os oratórios e lutos;apenas algumas famílias mais tradicionais. Desde a década de 70 que o milho e o feijão são debulhados por máquinas ligadas ao trator e armazenados em depósitos de zinco

ou de aço. Muitos ainda fazem experiências, mas já são aceitas as previsões meteorológicas que passam na TV.

Apesar de muitas inovações, ainda formamos um povo bastante supersticioso, muitas vezes com explicações lendárias e ainda em transição para uma cultura moderna.

CONCLUSÃO

Encerrrando este trabalho, chegamos a conclusão de que Parari é uma região antiga e com bastante história ora contada. Fizemos um minucioso apurado registrando apenas alguns fatos que são tidos como "mais importantes", todavia reconhecemos o trabalho dígno de todos que construiram esta sociedade no decorrer do tempo, desde o negro escravo de outrora até o garí e o agricultor de hoje.

Em alguns aspectos, Parari no passado era mais evoluído do que hoje, como por exemplo:tinha uma grande feira, um grande comércio algodoeiro, um certo desenvolvimento no setor artístico-cultural;todavia, em outros aspectos era muito mais arcaico, a saber:até os finais dos anos 70 Parari consistia em duas ruas, uma da antiga casa paroquial até o poço artesiano da SUDENE e a outra do referido poço até a casa que morava "Xica Tereza", não tinha uma só pedra de calçamento, nem luz elétrica e telefone. Em suma:avançou em alguns setores e regrediu em outros.

Hoje é uma cidade com problemas que são típicos de toda região Nordeste e do próprio Brasil. Tem um futuro muito grande pela frente e por isso precisamos do apoio educacional para as crianças e a juventude que com certeza darão continuidade à história. Lembrem-se que o futuro prefeito de Parari pode hoje está se arrastando pelo chão ou guardado na barriga da mamãe.

FONTES MANUSCRITAS

1 - Livros de Notas do Cartório do 1º Ofício de São João do Cariri.
2 - Livros de Procuração do Cartório do 1º Ofício de São João do Cariri.
3 - Livros de Notas do Cartório do 2º Ofício de São João do Cariri.
4 - Livros de Procuração do Cartório do 2º Ofício de São João do Cariri.
5 - Livro de Registro de Alistamento Eleitoral do Cartório do 2º Ofício de São João do Cariri.
6 - Livros de Batizados, Casamentos e Óbitos da paróquia de São João do Cariri.
7 - Livros de Tombo da Paróquia de Serra Branca.
8 - Livro de registro de Despesas e receitas de São João do Cariri.
9 - Livros de Atas da Câmara Municipal de São José dos Cordeiros.
10 - Arrolamentos de Inventários no Forum de S. J. do Cariri.
11 - Arrolamento de Inventário no Forum de Cabaceiras.
12 - Livros de Escrituras do Cartório de Parari.
13 - Livro de Registro de Títulos e documentos particular do Cartório do 1º Ofício de São João do Cariri
14 - Registros de impostos, cartório do 2º Ofício de São João do Cariri.

JORNAIS

1-Diário Oficial do Município de Parari.

REVISTAS

1 - Revistas nº 21 e 25 do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.
2 - Revista Nacional-Ano VII. nº84 Abril/98
3 - Revista Nacional-Ano VII. nº116 setembro/98
4 - Revista Você precisa conhecer a vida e a história de seu município.

5 - Revista Avante- 1983.

DEPOIMENTOS PESSOAIS

1 - Inácia Alves de Queiroz
2 - José Acelino Filho
3 - Otacílio Aires de Queiroz
4 - Maria Lucena Queiroz
5 - Oriol Queiroz
6 - Jair Caluête
7 - Jairo Caluête
8 - Genival Queiroz
9 - Osvaldo Filho
10 - Lelias Lopes
11 - José Teatino Cavalcante
12 - Joaquim Italiano
13 - Dona Emília
14 - José Aires de Souza
15 - José Cavalcante Aires
16 - Antonio Cristovão de Queiroz
17 - Wilson Seixas
18 - Dorgival Terceiro Neto
19 - José Aristeu Oliveira

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Jr. , Durval Muniz

A fome retira o Juízo "secas e conflitos sociais no Nordeste. IN:Revista Grão, nº 04, Campina Grande. Ed. Curso de Ciências Sociais/UFPB, 1985.

ALMEIDA, Antonio Pereira de
Velhos troncos de Cabaceiras e o povoamento do Vale do Taperoá(João Pessoa, GráficaUniversal), s/d.

ALMEIDA, Horácio de
História da Paraíba-João Pessoa. Ed. Universitária/UFPB, 1980.

ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de.
Padre Ibiapina:Peregrino da Caridade, Fortaleza-Gráfica Tribuna do Ceará-1995.

BRITO, José de Farias
Pedaços da História de São João do Cariri.

BORGES, José Elias. **Índios Paraibanos Classificação Preliminar**. IN: **Paraíba Conquista, Patrimônio e Povo**/org. José OCTÁVIO e Gonzaga RODRIGUES. 2ª ed. J. P:Edições Grafset, s/d.

CÂMARA, Epaminondas
Municípios e Freguesias da Paraíba. Campina Grande/Núcleo Cultural Português/Edições Caravelas, 1997.

DESROCHERS, Georgette e HOONAERT, Eduardo
Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres. Ed. Paulinas, São Paulo, 1984.

GALLIZA, Diana Soares de.
O declínio da escravidão na Paraíba (1850-1888) João pessoa. Ed. Universitária, 1979.

GURJÃO, Eliete de Queiroz

Morte e Vida das Oligarquias-João Pessoa:Ed. Universitária/ UFPB, 1994.

HERCKMANS, Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba**. J. Pessoa, A União Cia Editora, 1982.

HOONAERT, Eduardo.

Crônica das Casas de Caridade do padre Ibiapina. Ed. Loyola, São paulo, 1984.

JOFFILY, Irineo

Notas sobre a Paraíba. Brasília, Thesaurus.

_____, **Sinopsis das sesmarias da Capitania da Paraíba**. Manuel Henriques, 1983.

LEAL, José

Itinerário Histórico da Paraíba. 2º ed. João Pessoa : A União Editora, 1954.

_____, **Vale do Travessia**, João Pessoa, 1972.

LEAL, Victor Nunes.

Coronelismo, Enxada e Voto: o Município e o regime representativo no Brasil-3º ed. - Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1997.

MAIA, Sabiniano

História do DER da Paraíba . João Pessoa, 1978.

MARIZ, Celso

Atravéz do Sertão-Parahyba, 1910.

_____, **Evolução Econômica da Paraíba**, João Pessoa:A União editora, 1939.

_____, **Ibiapina, um apóstolo do Nordeste**. 2º ed. João Pessoa, ed. Universitária/ UFPB, 1980.

MEDEIROS, Coriolano de.

Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba-2º ed. -Rio de Janeiro:1950.

MEDEIROS, Tarcísio Dinoá

Freguesia do Cariri de Fora. São Paulo, 1990. Gráfica Editora Camargo Soares Ltda.

_____**Ramificações genealógicas do Cariri paraibano**/ Brasília: CEGRAF, 1989.

MELLO, José Octávio de Arruda

História da Paraíba em fascículos, 1999.

_____**História da Paraíba: Lutas e Resistências**. 4º ed. -João Pessoa:UFPB/ editora Universitária, 1997.

_____**História, Espaço e Historiografia na Paraíba**. João Pessoa:1996.

PINTO, Irineu Ferreira

Datas e Notas para a História da Paraíba. João Pessoa, editora Universitária/UFPB, 1977.

PIRSON, Donald
Cruz das Almas-Rio deJaneiro:José Olimpio editora, 1966.
QUEIROZ, Rachel de.
O Quinze-São Paulo:Siciliano, 1993.

SEIXAS, Wilson Nóbrega
Pesquisas para a História do Sertão da Paraíba. Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. nº21. J. Pessoa, Imprensa Universitária da Paraíba, 1975.

_____, **Viagem através da Província da Paraíba**. A União CIA Editora. João Pessoa, 1985.

SILVA, Manuel Caetano da
História de Fuzileiros Navais-1ºed. , 1961.

SOUZA, Socorro e outras
Traços da economia taperoaense.

TAVARES, João de Lira
Apontamentos para a História territorial da Paraíba. edição Fac-Similar-1982.

TERCEIRO NETTO, Dorgival
Paraíba de Ontem, Evocações de Hoje-João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1999
_____, **Gente de ontem, História de sempre**.

VICENTINO, Claúdio
História Memória viva-7º ed. São Paulo Scipione, 1997.

NOTAS

1. A esse respeito, ver Irinêo Joffily, **Notas sobre a Paraíba,** Brasília, Thesaurus.
2. Esta informação baseia-se em: Antonio Pereira de Almeida. **Velhos Troncos de Cabaceiras e o povoamento do Vale do Taperoá**. (João Pessoa, Gráfica Universal), sd.

2-1 Livro de Batizados Nº03, pp. 113.

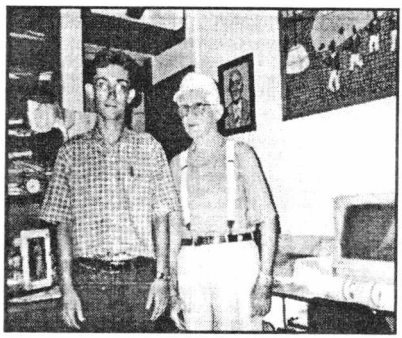
3. Ver José Octávio-**História da Paraíba:Lutas e Resistência**-4ºed-J. Pessoa:ed. Universitária.
4. Consultar Irineu Pinto-**Datas e Notas para a História da Paraíba**-João Pessoa-ed. Universitária, 1977.
5. Livro de Óbitos nº 2 da Paróquia de São João do Cariri-p. 57.
6. Idem. p. 22.
7. José Octávio de Arruda Mello-**História da Paraíba: Lutas e Resistências**-4º ed. - João Pessoa:UFPB/editora Universitária, p. 117.
8. Citado por Irineu Pinto-**Datas e Notas para a História da Paraíba**. p. 247.
9. Ver Horácio de Almeida-**História da Paraíba**-João Pessoa -editora Universitária p. 121.
10. Trata-se de uma informação do padre Francisco Sadoc de Araújo baseado na **Crônica das casas de Caridade do Padre Ibiapina**, copiada por Eduardo Hoonaert dos velhos manuscritos deixados pelo reverendo.
11. Diana Soares de Galliza-**O Declínio da escravidão na Paraiba** (1850-1888) João Pessoa, editora Universitária, 1979. p. 42
12. Entenda-se como criação de caprinos e ovinos.
13. Horácio de Almeida-**História da Paraíba**-João Pessoa. Editora Universitária, p. 63-64.
14. Diana Soares de Galliza-**O Declínio da Escravidão da Paraíba** (1850-1888) João pessoa, editora Universitária, 1979. p. 24.

15. Transcrição feita da p. 75 do Livro de Óbito da Paróquia de São João do Cariri.
16. Livro de Casamento nº 2-A da Paróquia de São João do Cariri, p. 47.
17. Quadrinha popular.
18. Horácio de Almeida-**História da Paraíba**-João Pessoa, editora Universitária, p. 153.
19. Trata-se de uma narração que ouvi do ancião Joaquim Italiano, morador da cidade de Parari. O Zé Tomé da História era seu tio, uma vez que era irmão da sua mãe Mariana Tereza de Jesus.
20. A expressão "pombudos"era usada para denominar os moradores de São José das Pombas antes de 1939, quando tinha esta denominação.
21. Celso Mariz-**Ibiapina um apóstolo do Nordeste**-2º ed. João Pessoa. Editora Universitária, 1980, p. 208.
22. Epaminondas Câmara-**Municípios e Freguesias da Paraíba**. p. 103.
23. Família de ave parecida com rolinhas ou jurutis.
24. Bertold Bretcht-**Perguntas de um trabalhador que lê**. IN: Claudio Vicentino, História memória viva, p. 24.
25. Consultar José de Farias Brito, **Pedaços da História de São João do Cariri**.
26. Ver José Leal. **Vale do Travessia**, João Pessoa, 1972
27. Álvaro Gaudêncio amedrontou João da Silva afirmando-lhe que a Prefeitura devia muito e que era um perigo governar na época dos militares, com o objetivo de conseguir sua renúncia e colocar na Prefeitura de Cordeiros Genival Queiroz em quem depositava mais confiança.
28. Livro de Atas da Câmara Municipal de São José dos Cordeiros, p. 27.
29- Trata-se de um acordo político da Situação, baseado no fato de que

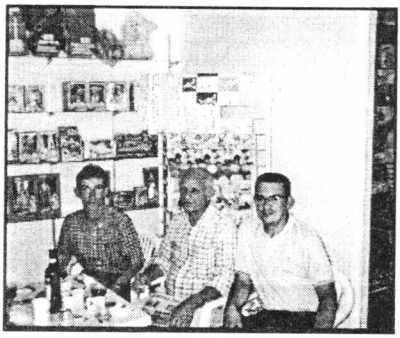
quando o candidato a Prefeito era do município(sede), o Vice seria do então distrito(Parari), ou vice-versa. Na lista que segue, o primeiro nome é do Prefeito enquanto o segundo é do Vice. Em 1966-Nestor(Cordeiros) e Genival(Parari);1972-Oscar (Cordeiros) e Jairo (Parari);1977-Genival (Parari) e Nivaldo Almeida(Cordeiros);1982-Paulo(Cordeiros) e Jairo (Parari);1988-Jairo (Parari) e Francisco Jacaré (Cordeiros);1992-Paulo (Cordeiros) e Assis Queiroz (Parari).

30. Caritó era um tanque construído com tijolos onde colocava-se o feijão para não ser atingido pelo gorgulho. Punha-se uma camada de feijão, uma de areia e assim sucessivamente.
31. Eliete Gurjão-**Morte e Vida das Oligarquias**-João Pessoa: editora Universitária , 1994, p. 139.
32. Celso Mariz-**Evolução Econômica da Paraíba.** João Pessoa: A União, 1939, p. 122.
33. A esse respeito consultar Durval Muniz. **A Fome retira o juízo, Seca e Conflitos Sociais no Nordeste**. IN: Revista Grão, nº 4, Campina Grande: ed. Curso de Ciências Sociais/UFPB, 1985.
34. Victor Nunes Leal-**Coronelismo, Enxada e Voto:o município e o regime representativo no Brasil**-3º ed-Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1997. p. 32
35. Livro de Tombo nº 1 da Paróquia de Serra Branca, p. 33.
36. Victor Nunes Leal-**Coronelismo, Enxada e Voto**, p. 34.
37- Rachel de Queiroz-**O Quinze**, p. 123.

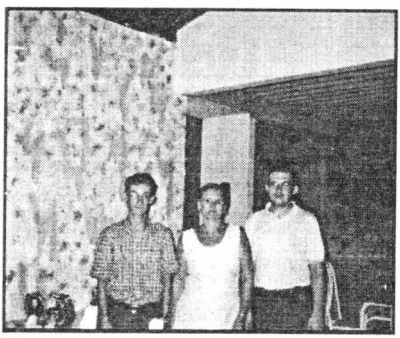
ANEXOS



1°



2°



3°

(1) - José Luciano entrevistando o historiador Wilson Seixas.

(2) - José Luciano e Faustino Neto (à direita), entrevistando Dorgival Terceiro Neto.

(3) - José Luciano e Faustino Neto (à direita), entrevistando a historiadora Eliete Gurjão.